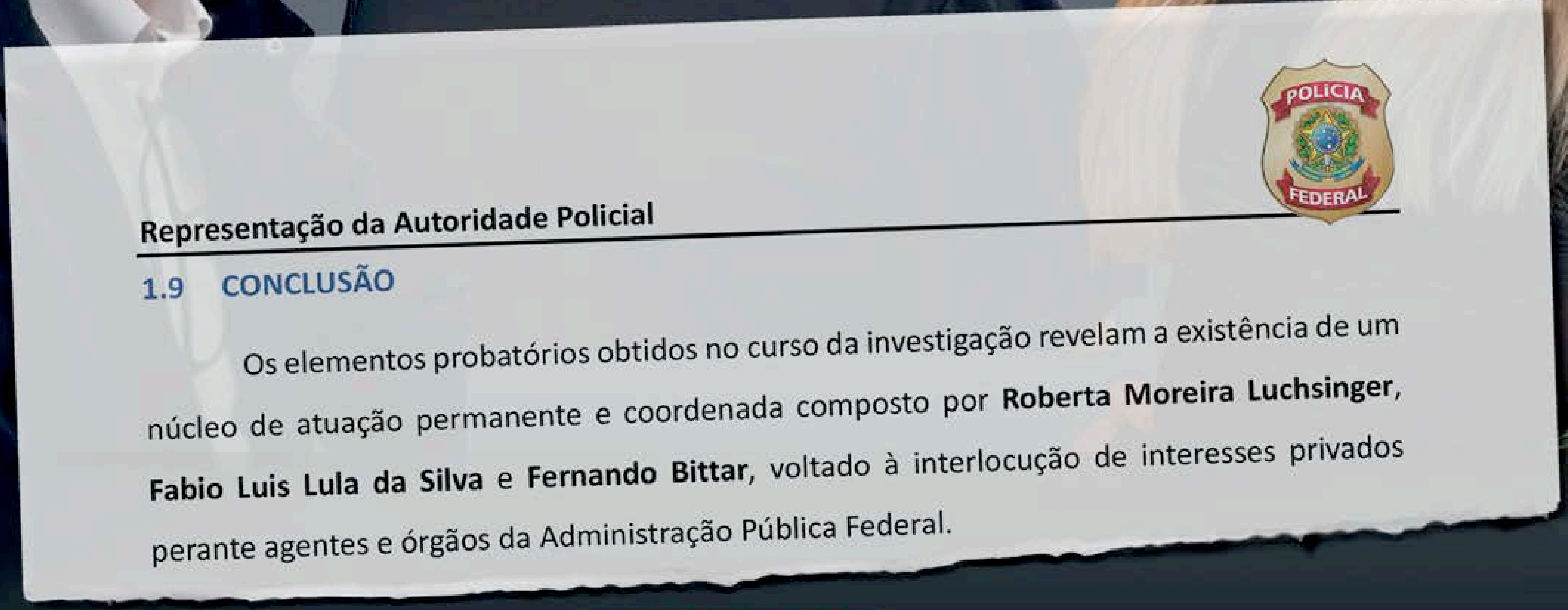
Editora ABRIL
edição 3009 - ano 59 - nº 33
21 de agosto de 2026

veja

www.veja.com

Fernando Bittar, Fábio Luís Lula da Silva (Lulinha) e Roberta Moreira Luchsinger



Representação da Autoridade Policial

1.9 CONCLUSÃO

Os elementos probatórios obtidos no curso da investigação revelam a existência de um núcleo de atuação permanente e coordenada composto por **Roberta Moreira Luchsinger**, **Fabio Luis Lula da Silva** e **Fernando Bittar**, voltado à interlocução de interesses privados perante agentes e órgãos da Administração Pública Federal.

EXCLUSIVO

BASTIDORES DO PODER

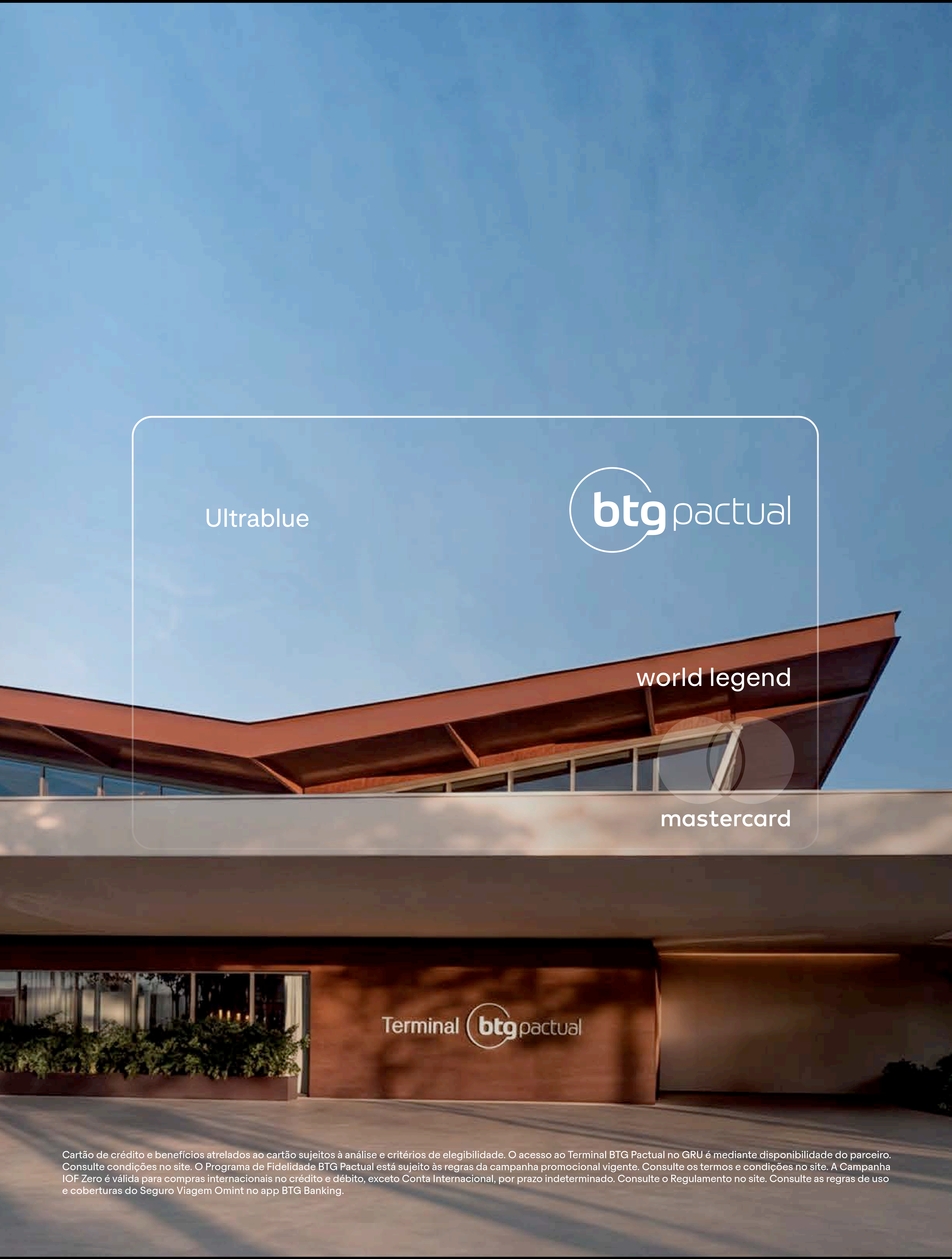
VEJA teve acesso ao inquérito que investiga um esquema de tráfico de influência no Ministério da Saúde — segundo a Polícia Federal, o filho do presidente Lula é parte dessa engrenagem

btg pactual | Para quem
espera mais
de um banco

É tempo de ir além com
Ultrablue World Legend

Desconto no acesso ao Terminal BTG Pactual,
o único terminal privativo da América Latina
4,5 pontos por dólar gasto ou 2% de cashback
IOF Zero em compras internacionais
Seguro Viagem Omint para você e mais 2 pessoas

Abra sua conta e
descubra todos os benefícios


Ultrablue
btg pactual
world legend
mastercard
Terminal btg pactual

Cartão de crédito e benefícios atrelados ao cartão sujeitos à análise e critérios de elegibilidade. O acesso ao Terminal BTG Pactual no GRU é mediante disponibilidade do parceiro. Consulte condições no site. O Programa de Fidelidade BTG Pactual está sujeito às regras da campanha promocional vigente. Consulte os termos e condições no site. A Campanha IOF Zero é válida para compras internacionais no crédito e débito, exceto Conta Internacional, por prazo indeterminado. Consulte o Regulamento no site. Consulte as regras de uso e coberturas do Seguro Viagem Omint no app BTG Banking.

Ines249

veja

ÀS SUAS ORDENS

Assinaturas
www.assineabril.com.br

Vendas corporativas e vendas em lote:
assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento exclusivo para assinantes:
minha.abril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200

Telefones: SAC (11) 3584-9200

Renovação 0800 7752112

De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h

atendimento@abril.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES
Todo acervo publicado de Veja está no App Veja. Baixe aqui

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens, envie um e-mail para:
licenciamentodeconteudo@abril.com.br

LICENCIAMENTO DE MARCA
Para inserir as marcas do Grupo Abril em produtos e negócios, envie um e-mail para:
licenciamento@abril.com.br

PARA ANUNCIAR NO ESPAÇO DIGITAL, IMPRESSO E TV
e-mail: publicidade@abril.com.br

TRABALHE CONOSCO
https://talentosabril.vagas.solides.com.br

EDITORA Abril

Fundada em 1950

Publisher: Fábio Carvalho

CEO e diretor de redação: Mauricio Lima

veja

Diretor-adjunto: Sérgio Ruiz Luz

Redatores-chefes: Fábio Altman, José Roberto Caetano e Policarpo Junior

Editores-executivos: Amauri Barnabé Segalla, Marcelo Marthe, Monica Weinberg, Tiago Bruno de Faria **Editores:** Alessandro Giannini, Diogo Massaine Sponchiato, Diogo Xavier Schelp, Ernesto Augusto de Carvalho Neves, José Benedito da Silva, Marcela Maciel Rahal, Márcio Juliboni, Raquel Angelo Carneiro, Ricardo Vasques Helcias, Sérgio Roberto Vieira Almeida **Editora-assistente:** Larissa Vicente Quintino **Repórteres:** Amanda Capuano Gama, Anna Carolina Satie Suguihara Silva, Bruno Caniato Tavares, Bruno Enrique Silva Andrade, Camila Mazzotto de Carvalho, Carolina Neves Ferraz do Amaral, Elisabete Alexandre da Silva Leite, Felipe Barbosa da Silva, Felipe Soderini Erlich, Gustavo Machado da Costa, Heitor Vinicius Guimarães da Silva, Isabella Alonso Panho, João Marcos Nogueira Santos, Juliana Soares Guimarães Elias, Kelly Ayumi Miyashiro, Laísa de Mattos Dall'Agnol, Laura Pazin Kaiser, Ligia Greco Leal de Moraes, Marcelo Ribeiro Silva, Maria Eduarda Gouveia Martins Monteiro de Barros, Meire Akemi Kusumoto, Nathalia de Oliva Oliveira, Nicholas Buck Shores, Paula Vieira Felix Rodrigues, Pedro do Nascimento Jordão, Pedro Henrique Almeida Godoy, Pedro Henrique Lenzi Pupulim, Simone Sabino Blanes, Thiago Gelli Carrascoza, Valéria França, Valmir Moratelli Cassaro **Estagiários:** Ana Rita Rodrigues Fernandes, Lorenzo Souza Daniel **Sucursais: *Brasília* — Chefe:** Policarpo Junior **Editores-executivos:** Daniel Pereira, Robson Bonin da Silva **Editoras-assistentes:** Laryssa Borges, Marcela Moura Mattos **Repórteres:** Daniel Sá Fortes Gullino de Faria, Gabriel de Souza Sabóia Ribeiro, Hugo Cesar Marques, Ricardo Antonio Casadei Chapola ***Rio de Janeiro* — Chefe:** Monica Weinberg **Editor:** Ricardo Ferraz de Almeida **Repórteres:** Caio Franco Merhige Saad, Ludmilla de Lima, Paula de Barros Lima Freitas, Rayssa Ferreira da Motta **Estagiários:** Beatriz Haddad Ferreira, Gustavo Coutinho Villela, Julia Sofia Silva, Luiza Torrico Zubelli, Natalia Tiemi Hanada **Arte — Diretor:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Arthur Galha Pirino, Luciana Rivera, Ricardo Horvat Leite **Fotografia — Editor:** Rodrigo Guedes Sampaio **Pesquisadora:** Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial — Secretárias de produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva **Revisora:** Rosana Tanus **Colaboradores:** Alexandre Schwartsman, Cristovam Buarque, José Casado, Lucilia Diniz, Maílson da Nóbrega, Murillo de Aragão, Vilma Gryzinski, Walcyr Carrasco **Serviços internacionais:** Associated Press/Agence France Presse/Reuters

www.veja.abril.com.br

YouTube www.youtube.com/@veja
@vejamais
linkedin.com/company/veja-com
@VEJA
facebook.com/veja
tiktok.com/@revista_veja

VP DE PUBLISHING (CPO) Andrea Abelleira, **DIRETOR DE TECNOLOGIA** Filipe Gomes,
DIRETOR DE DISTRIBUIÇÃO E NOVOS NEGÓCIOS Erik Carvalho, **DIRETOR DE PUBLICIDADE** Ciro Hashimoto,
DIRETOR DE ASSINATURAS Alberto Pirro, **DIRETOR DE PRODUÇÃO AUDIOVISUAL** Marcelo Moreira,
GERENTE EXECUTIVA DE PROJETOS ESPECIAIS Juliana Caldas

Redação e correspondência: 301 Usina – Av. Alcides Sangirardi, s/nº – Espaço C – Cidade Jardim, São Paulo, SP, CEP 05672-015

VEJA 3 009 (ISSN 0100-7122), ano 59, nº 33. **VEJA** é uma publicação semanal da Editora Abril. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

IVC | GoRead

GRUPO Abril

www.grupoabril.com.br

ALOISIO MAURICIO/FOTOARENA/ESTADÃO CONTEÚDO

CASAS BAHIA

DIVULGAÇÃO

LOJAS MARABRAZ
PREÇO MENOR NINGUÉM FAZ!

CRISE Casas Bahia e Marabraz: redes engrossaram a lista de empresas que recorreram à recuperação judicial

A CONTA CHEGOU

DESEMPREGO EM QUEDA, salário mínimo valorizado, PIB crescendo a um ritmo acima das previsões de bancos privados e de instituições como o FMI. Aparentemente, não há nuvens negras no horizonte da economia nacional. Ocorre que os fatos são teimosos, como lembra a famosa frase cunhada pelo segundo presidente dos Estados Unidos, John Adams (1735-1826). Conforme vêm alertando há algum tempo diversos especialistas, esses indicadores são frutos diretos de uma tentativa do governo federal de repetir a receita do PT de gerar progresso a qualquer custo, à base de incentivos ao consumo — uma receita que já levou o país ao abismo na gestão de Dilma Rousseff. A estratégia pode até criar alguma ilusão de prosperidade, mas é incapaz de produzir um crescimento sadio e sustentável a médio e longo prazo. Assim, o Brasil não deslancha como deveria e sofre com o efeito bola de neve: a inflação força o BC a manter os juros nas alturas, o que eleva ainda mais o custo do refinanciamento da dívida pública e, por consequência, o tamanho do endividamento total do país.

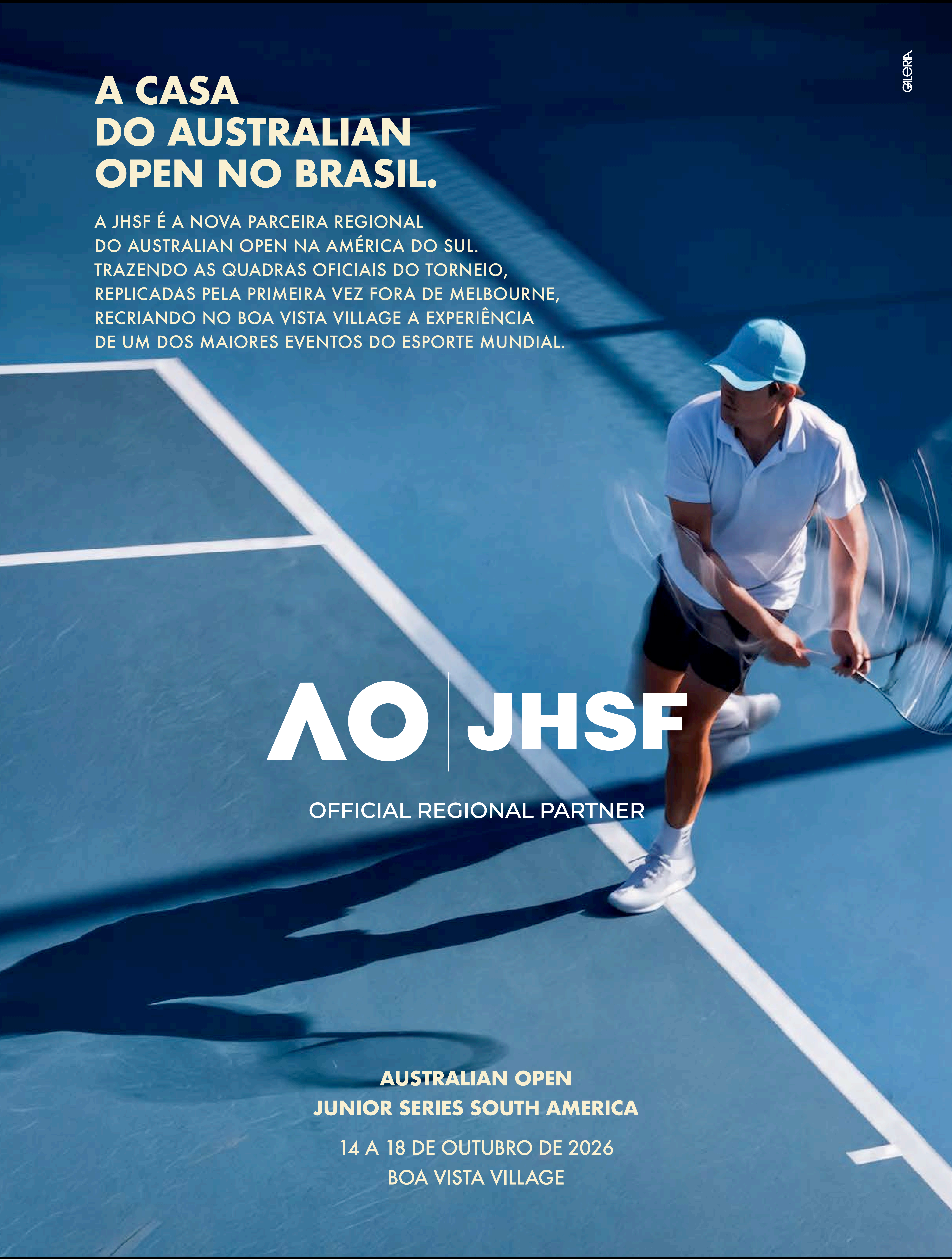
No ambiente empresarial, um dos alertas do momento crítico se dá no número recorde de pedidos de recuperação judicial. No sábado 15, a Marabraz entrou para essa lista, com uma dívida de 140 milhões de reais. No dia seguinte,

CRÉDITO
AUTOMÁTICO
Feliz Natal
Feliz 1984
Crédito automático
aqui e agora!
RADIO RELÓGIO PHILCO A VISTA 59.000,
Mappin
OFEREÇA PRESENTES
CREDITO AUTOMATICO

SERGIO BEREZOVSKY

PASSADO O prédio do Mappin no centro da cidade de São Paulo: dificuldade em se adaptar aos novos tempos foi a vez de outra rede varejista, a Casas Bahia, procurar o mesmo caminho. Nesse caso, o passivo supera a casa dos 17 bilhões de reais. Grandes grupos ficaram pelo caminho no passado por incapacidade de se adaptar aos novos tempos, sendo o Mappin um desses exemplos. Marabraz e Casas Bahia também sofreram muito com a concorrência do e-commerce e até com o dinheiro sugado pelas bets, mas isso explica apenas uma parte do problema.

Estimulada a consumir, a população começou a se endividar em níveis altíssimos, algo que pode ser fatal em tempos de juros salgados. As companhias que tentam socorro à custa de financiamentos, pagando as taxas atuais, raramente conseguem sobreviver por muito tempo, independentemente da força de suas marcas, produtos e serviços. Se não bastasse, o buraco financeiro de um grupo como a Casas Bahia obriga a cortes brutais no negócio, com o fechamento de lojas e demissões em massa. A conta das escolhas econômicas erradas definitivamente chegou e exige um debate público responsável e realista, sobretudo em um ano eleitoral. Novas promessas e bravatas de palanque não vão recolocar o Brasil no trilho certo. ■



A CASA
DO AUSTRALIAN
OPEN NO BRASIL.

A JHSF É A NOVA PARCEIRA REGIONAL
DO AUSTRALIAN OPEN NA AMÉRICA DO SUL.
TRAZENDO AS QUADRAS OFICIAIS DO TORNEIO,
REPLICADAS PELA PRIMEIRA VEZ FORA DE MELBOURNE,
RECRIANDO NO BOA VISTA VILLAGE A EXPERIÊNCIA
DE UM DOS MAIORES EVENTOS DO ESPORTE MUNDIAL.

AO | JHSF

OFFICIAL REGIONAL PARTNER

AUSTRALIAN OPEN
JUNIOR SERIES SOUTH AMERICA

14 A 18 DE OUTUBRO DE 2026
BOA VISTA VILLAGE

LUCAS PRICKEN/STJ

CORTAMOS NA CARNE

O novo presidente do Superior Tribunal de Justiça minimiza a crise de imagem do Judiciário, diz que os desvios estão sendo enfrentados com transparência e que o problema da Justiça é a falta de eficiência

LARYSSA BORGES

LUIS FELIPE SALOMÃO chega à presidência do Superior Tribunal de Justiça (STJ) no momento em que a segunda Corte mais importante do país atravessa uma tempestade. Três ministros foram alvos de inquéritos que apuram a suspeita de venda de sentenças, e um quarto, Marco Buzzi, acaba de ser banido do cargo acusado de assédio sexual. Os dois escândalos, revelados por VEJA, provocaram profundas mudanças no dia a dia do tribunal. Uma delas foi a criação de uma comissão permanente para analisar denúncias de desvios éticos e disciplinares que possam macular a credibilidade do Judiciário. Empossado na quarta-feira 19, para um mandato de dois anos, Salomão tem como meta dar racionalidade ao acervo de mais de 320 000 processos em tramitação no tribunal e enfrentar o que considera a principal chaga da Justiça brasileira: a falta de eficiência. Crítico da Operação Lava-Jato, o presidente do STJ recebeu VEJA para a primeira entrevista desde que assumiu o posto, na qual falou sobre temas sensíveis como salário de juízes, penduricalhos, politização da Justiça e falta de credibilidade. A seguir os principais trechos.

Pesquisa Datafolha recente mostra que 43% dos brasileiros não confiam no Supremo e 75% acham que os ministros têm poder demais. Por que a credibilidade do Judiciário é tão baixa? Não é uma posição exclusivamente brasileira. Quando duas pessoas vão à Justiça, uma ganha e outra perde, e essa que perde normalmente não compreende bem. Nós estamos acostumados a não sermos compreendidos. Juiz não pode ser popular. Mas o que detecto também é que, em vários países, extremistas usam ataques ao Poder Judiciário como plataforma política para obter benefícios eleitorais. Em toda a ditadura, as primeiras providências são calar a imprensa e subjugar o Poder Judiciário. Para os demagogos e populistas, quanto mais fraco o Judiciário, mais fácil eles governam sem alguém para incomodar.

O senhor não acha que juízes dos tribunais superiores dão motivos para as críticas que recebem? As cortes supremas são as mais visadas nesse processo de tentativa de enfraquecimento do Poder Judiciário, mas temos que fazer uma outra abordagem: precisamos ser mais eficientes. Hoje no Brasil temos um processo para cada dois habitantes. Veja as ações previdenciárias. Simplesmente 30% do nosso volume hoje são para resolver questões que o INSS não consegue atender.

> “Achar que um código de ética vai resolver todos os problemas apequena o debate sobre a eficiência do Judiciário. São poucos os desvios. Temos que discutir uma reforma ampla”

Outros quase 40% são para fazer com que o poder público cobre impostos em juízo. É hora de sentarmos para fazer uma reforma eficiente das estruturas do Poder Judiciário. Até hoje não conseguimos diminuir a judicialização.

O Judiciário não perde legitimidade institucional quando, por exemplo, ministros são citados no escândalo do Banco Master e não vêm a público dar explicações? Não posso falar sobre casos concretos porque seria descumprir a Lei Orgânica da Magistratura. Esse caso está no Supremo, e o ministro André Mendonça é muito sensato e prudente na condução dessa investigação. Ele vai saber o momento em que tudo deve vir à tona.

O STJ também está passando por suas próprias tormentas. Ministros estão sendo investigados sob a suspeita de vender decisões judiciais. Um, inclusive, Marco Buzzi, acaba de perder o cargo por importunação sexual. Como pretende administrar esse momento? No caso do ministro Buzzi, no primeiro momento em que surgiu a denúncia do assédio, nós nos reunimos e tomamos a deliberação de afastar o magistrado. Asseguramos o direito de defesa e se prosseguiu num processo administrativo disciplinar, o que não é simples. É difícil conceber que um caso assim aconteça num tribunal superior. O plenário tomou a decisão que tinha que tomar. Não precisamos de provocação de ninguém. Foi iniciativa nossa. Cortamos na própria carne quando necessário.

E as suspeitas de vendas de decisões? Quem iniciou toda essa apuração também fomos nós. Foram instaurados vários procedimentos internos, alguns resultaram na demissão de servidores e outros ainda estão em andamento. A Polícia Federal também abriu inquérito contra empresários que compravam e contra atores que intermediavam essa compra. No STJ temos em média uma decisão a cada sete minutos, um volume assustador. Isso faz com que o sistema fique mais vulnerável porque é muita gente mexendo para dar conta de todos os processos. Estamos conscientes de que, quando surgirem denúncias, é necessário ser transparente e apurar. E, se tiver responsabilidade, punir.

Existe uma percepção pública de falta de limites éticos ao Judiciário. Um código de ética, como propõe o presidente do Supremo, evitaria casos como esses já citados? Achar que um código de ética vai resolver todos os problemas apequena o debate sobre a eficiência do Judiciário. Temos que discutir uma reforma ampla. São poucos os casos de desvio, muito poucos perto dos 18 000 juízes, dos quase 500 000 servidores do Poder Judiciário. O tema da ética pode ser debatido no bojo de uma discussão maior, mas nosso problema principal não é esse. O nosso problema principal é a falta de eficiência.

O CNJ puniu recentemente a juíza Gabriela Hardt por homologar um acordo da Lava-Jato que previa criar uma

fundação para gerir recursos recuperados de desvios de corrupção. Qual a avaliação do senhor sobre o caso? Quando cheguei ao Conselho Nacional de Justiça havia perto de cinquenta reclamações disciplinares envolvendo os magistrados que passaram pela 13ª Vara Federal de Curitiba e os desembargadores que julgaram essas causas. O caos estava instaurado. A pior situação foi a decisão de criar um cashback para o dinheiro recuperado ser gerido pelos participantes da força-tarefa. É estarrecedor. Digo: não acho que a Justiça seja um espetáculo, não acho que se possa utilizar a jurisdição como plataforma política.

O Brasil aprendeu ou ensinou alguma coisa com os escândalos do passado? Muita gente atribui de forma errada a ideia de impunidade ao Judiciário, quando, na verdade, os juízes são a última etapa dessa apuração. Avançamos muito na conscientização do cidadão, na atuação da imprensa, que é vigilante, e no próprio Judiciário, porque antes a desconfiança era de que havia concertos para jogar tudo para debaixo do tapete. Isso não acontece mais. Os julgamentos são públicos e os processos são abertos. Mesmo aqueles que têm a tarja do sigilo, depois de um tempo, ficam disponíveis para consulta.

A classe política aprendeu? Não. Estamos vivendo um período de muita polarização e momentos de certa decepção coletiva com os rumos dos estados que são governados por representantes que não representam mais as pessoas. Temos que resgatar no Brasil e no mundo todo essa ideia de participação, de engajamento, de despertar a sociedade. Eu não sei como, mas é preciso pensar em soluções.

Que reflexos o senhor vê na Justiça brasileira quando um país estrangeiro ameaça juízes com a Lei Magnitsky? Sejam de que Corte forem, os juízes proferem decisões dentro do poder que a Constituição lhes confere e essas decisões podem ser contestadas normalmente dentro da esfera do sistema de Justiça. Usar a Lei Magnitsky é um dos maiores absurdos que tenho visto ultimamente, uma agressão à nossa soberania e reflexo desses extremismos a que me referi antes. No futuro vamos olhar para tudo isso e ver como uma aberração. Uma aberração que faz com que sempre busquemos a democracia e a multilateralidade

“Quem quer buscar um super-rendimento deveria se arriscar na iniciativa privada, mas não tratar disso abertamente gera subterfúgios para o complemento do salário” como forma de convivência. Os países que não respeitaram esses conceitos de direito internacional riscaram os fósforos e explodiram em guerra.

Em entrevista às Páginas Amarelas em 2023, o senhor ressaltou que juízes não podem se comportar como vingadores. Decisões recentes dentro do inquérito das fake news, como a busca pela fonte de um jornalista, não mostram que essa regra tem sido ignorada? É impossível um juiz pendurar a toga num dia e no dia seguinte se tornar candidato a um cargo eletivo e utilizar a jurisdição em benefício dos seus interesses particulares. Foi isso que eu disse naquela época. Por isso repito que juiz não pode ser vingador nem justiceiro. O julgador é, antes de mais nada, um justo. Como julgador, quanto menos aparecer e menos comentar sobre casos concretos, melhor juiz ele será.

Um grande problema do Judiciário são os penduricalhos, que transformam o teto de 46 000 reais em faz de conta. Por que essa situação perdura? O tema salário nunca é falado abertamente no Brasil. Sempre é cheio de comparações com o salário mínimo, quando precisamos ser transparentes sobre qual deveria ser a remuneração adequada para um agente público que tenha representação de Estado. Claro que não acho que o juiz tenha que ganhar muito. Quem quer buscar um super-rendimento deveria se arriscar na iniciativa privada, mas não tratar disso abertamente gera subterfúgios para o complemento do salário. Não tenho um valor ideal em mente. O Parlamento precisa fazer essa discussão. Temos um encontro marcado com o tema dos penduricalhos.

O STJ tem funcionado como uma espécie de terceira instância da Justiça. Isso não resulta em morosidade? A história do STJ se confunde com a própria história da Constituição de 1988. Como o país estava saindo de um período totalitário, foi preciso recriar praticamente toda a República, e o STJ foi o tribunal encarregado de interpretar a legislação que veio com a redemocratização. Nós somos o tribunal que julga as causas do cidadão comum: direito de família, guarda de filho, pensão para pet, herança, imóveis, disputas societárias, defesa do consumidor, direitos da criança e do adolescente, briga de vizinho, absolutamente tudo que envolve o dia a dia das pessoas. Com a judicialização da vida brasileira, o STJ realmente passou a funcionar como uma terceira instância. No Brasil, gasta-se de dois a três anos até o julgamento pelos tribunais e depois quase nove anos para a sentença efetivamente ser cumprida. É uma eternidade. Assim, o Judiciário não cumpre bem a sua missão.

Qual é a saída? Com o filtro de relevância que será implementado, o tribunal vai encontrar um determinado tema controvertido e o que ele decidir naquele caso valerá para todo mundo. Isso vai ampliar muito a nossa eficiência. ■

Ines249

UM ABRACADABRA BRASILEIRO

É SEMPRE fascinante quando o Brasil ganha destaque em uma modalidade esportiva que sempre pareceu um pouco distante — foi assim com a ginástica artística de Rebeca Andrade, Arthur Zanetti, Diego Hypolito e Arthur Nory, em sucessivos pódios olímpicos. Agora, celebre-se o sucesso do conjunto brasileiro de **ginástica rítmica,**

MARIJAN MURAT/PICTURE ALLIANCE/GETTY IMAGES mistura de balé e acrobacias, esporte que soa como um espetáculo, por ora praticado apenas por mulheres. No **Campeonato Mundial de Frankfurt,** encerrado no domingo 16, o conjunto verde e amarelo conquistou **duas medalhas de ouro** por aparelhos — na apresentação de cinco bolas e na de três arcos e duas maças (assim mesmo, com cedilha), as peças que se assemelham a pinos de boliche, arremessadas ao ar. Na disputa chamada *all-around,* veio o bronze. Tudo somado, a seleção brasileira ficou no segundo lugar geral, atrás apenas da Alemanha e à frente de países tradicionais na história do torneio, como Bulgária e Rússia. E mais: o desempenho garantiu vaga para a Olimpíada de Los Angeles, em 2028. No mundial do ano passado, as moças tinham conquistado duas pratas. Na chegada ao Brasil — em celebração que por óbvio não houve, por exemplo, para a turma do futebol masculino —, Duda Arakaki, Nicole Pírcio, Sofia Madeira, Mariana Gonçalves, Maria Paula Caminha e Julia Kurunczi foram recebidas com festa no aeroporto do Galeão. “É inacreditável, a gente ainda está em êxtase”, disse Duda. Os próximos passos, ao som de *Abracadabra,* na voz de Lady Gaga: os Jogos Sul-Americanos de Santa Fé, na Argentina, entre 18 e 21 de setembro. Será bonito de ver, e não há mágica em ótimos resultados construídos com o tempo. ■

Fábio Altman

Ines249

“É UMA BATALHA CONSTANTE”

A ciclista carioca de 25 anos fala dos desafios e alegrias de ser a primeira mulher brasileira a competir no prestigiado Tour de France

PEDALADAS
A atleta: “Quero inspirar outras meninas a acreditar nos próprios sonhos”

MOVISTAR

Como foi disputar pela segunda vez o Tour de France, uma das competições mais importantes do calendário do ciclismo do mundo, sendo a primeira e única brasileira no pelotão? O Tour estoura a bolha do ciclismo, é outro nível de pressão. No resto do ano corremos a uns 45 quilômetros por hora em média; lá, o pelotão anda a 50 quilômetros por hora o tempo todo. Ser a única brasileira mexe com várias coisas: tenho muito orgulho, brinco até com as europeias que hoje em dia está na moda ser do Brasil, e o carinho que recebo é enorme. Mas dói um pouco também: nosso país é gigante e, quando vejo países como a Holanda com tantos atletas na elite, penso em quanto talento a gente perde por falta de estrutura e de segurança para pedalar.

Sua carreira se iniciou no futebol. Por que mudou? Joguei futebol a sério até 16 anos, passei por surfe, tênis, balé. Minha família sempre pedalou por lazer, temos até uma pedalada tradicional no Natal até o Cristo Redentor. Quando decidi que futebol não era para mim, fui atrás do ciclismo. O empurrão veio do técnico de vôlei Bernardinho: fomos de carro para uma prova e ele perguntou meus planos. Falei do meu medo de mergulhar de cabeça e não dar certo. Ele me olhou e disse que nenhuma faculdade ensina o que só o esporte ensina.

A ida para a equipe Movistar é como jogar num gigante europeu do futebol? É exatamente essa sensação. Estar na

Movistar é como jogar no Real Madrid. Numa corrida como o Tour, a equipe leva de vinte a 25 pessoas de apoio: ônibus, caminhão de equipamento, cozinha móvel com chef próprio. A comida é controlada para não haver risco de passarmos mal e, assim, comprometer meses de preparação.

O que achou de virar figurinha no álbum do Tour de France? Descobri porque uma seguidora me mandou uma foto da figurinha. É especial porque foi a primeira vez que o álbum trouxe as mulheres do Tour. A *(editora)* Panini escolhe só três atletas por equipe, e fui uma delas, a única brasileira da coleção. Pena que só sai na Europa. Levo isso como responsabilidade: quero inspirar outras meninas a acreditar nos próprios sonhos.

Qual o balanço dessa segunda edição do Tour feminino, encerrada no último dia 9? Nossa meta era ajudar a suíça Marlen Reusser, principal ciclista da Movistar, a brigar pela vitória. Ciclismo é esporte de equipe: nosso trabalho é proteger a líder e segurar o ritmo para ela. Tivemos um momento lindo, quando ela venceu uma etapa logo e permanecemos no topo por três dias. Só que depois ela se machucou e perdeu a chance de brigar lá na frente. Mesmo assim, saio feliz. ■

Alessandro Giannini

PRÊMIO • VOCÊRH • 2026

RH DO ANO

O SEU TRABALHO TRANSFORMA A CULTURA E OS RESULTADOS DA EMPRESA? É HORA DE SER RECONHECIDO.

Em sua 2ª edição, o Prêmio RH do Ano — realizado pela VOCÊ RH em parceria com GPTW e EXEC — celebra os líderes que estão moldando o futuro da gestão de pessoas no Brasil.

CADASTRE SEU CASE ATÉ 01/09

CORREALIZAÇÃO

Great Place To Work®

EXEC

PATROCÍNIO

espro

OBAMA PRESIDENTIAL

“Grandes livros me ajudaram a entender quem sou e no que acredito.”

BARACK OBAMA, ao lançar um podcast de literatura em torno das obras que mais admira. Entre elas: *Da Próxima Vez, o Fogo*, de James Baldwin, e *O Espião que Sabia Demais*, de John le Carré

TAYLOR HILL/GETTY IMAGES

“Muito em breve vou declarar o Estreito de Ormuz como território americano.”

DONALD TRUMP, em nova bravata sobre a crise no Oriente Médio

“A liberdade de imprensa não está em questão no Brasil. Não existe democracia sem liberdade de imprensa. É garantido o sigilo da fonte, isso é o que está na Constituição.”

CÁRMEN LÚCIA, ministra do STF

“Não tenho CPF, mas não consigo ser absolutamente estrangeiro.”

VALTER HUGO MÃE, escritor português, a respeito de sua relação com o Brasil

“Hoje não ia ser querida como foi a nossa *(versão).* É impossível, porque a gente abordava os temas atuais. E abordar os temas atuais hoje em dia é um pisar, tão chato, em ovos. Para os roteiristas, para a produção, seria realmente um exercício para conseguir agradar, porque hoje em dia você não gostar é bacana. Sabe? Tem essa cultura.”

LUCIO MAURO FILHO, o Tuco da segunda versão do seriado de TV *A Grande Família*, lançada em 2001

Ines249

INSTAGRAM @MEGANFOX

“Então não olhe, mana.”

MEGAN FOX, atriz, ao rebater uma seguidora de suas redes sociais que a criticou por posar com peças íntimas, dizendo que ninguém queria ver “uma mulher de 40 anos quase nua”

“A música, por definição, é uma ponte — um gênero que trabalha com a sincronização de sons e acaba sincronizando almas.”

JORGE DREXLER, cantor e compositor uruguaio

“Disseram que era perigoso.”

KRISTEN STEWART, ao lembrar do aviso que lhe deram, sugerindo que não andasse no Rio de Janeiro, durante as gravações de *Amanhecer: Parte 1*, da saga *Crepúsculo*, em 2010

“Que musiquinha bacana, cheia de groove. Foi também a razão pela qual parei de fumar maconha.”

MATTHEW MCCONAUGHEY, ator, falando sobre *That’s the Way Love Goes*, de Janet Jackson

“Em algum momento alguém pensou na pessoa da Tifanny, em como isso impactaria a vida dela? Já são nove anos disputando Superliga. Ou só vamos reforçar que as pessoas trans devem ficar à margem da sociedade mesmo?”

GABI GUIMARÃES, medalha de prata em 2020 e bronze em 2024 pela seleção olímpica de vôlei. Na semana passada, a Confederação Brasileira de Voleibol passou a exigir teste genético para as jogadoras competirem em seus torneios, o que na prática bane atletas trans das competições

“Eu fico acanhado, para usar uma expressão bem comum, bem popular, fico todo envergonhado.”

GILBERTO GIL, reagindo ao musical em torno de sua carreira e vida, *Gil – Andar com Fé,* que acaba de estrear em São Paulo *(leia na seção Gente)*

“Já está vindo para Madri?”

VINICIUS JR., em comentário numa postagem da namorada, a influencer Virginia, na qual ela aparece a caminho de um jatinho

“Vou começar pelo Neymar, porque, por mais que ele seja gracioso em campo, cara, ele precisa de ajuda. Vou mostrar a ele como simular, como fazer com sutileza, como não exagerar para parecer real.”

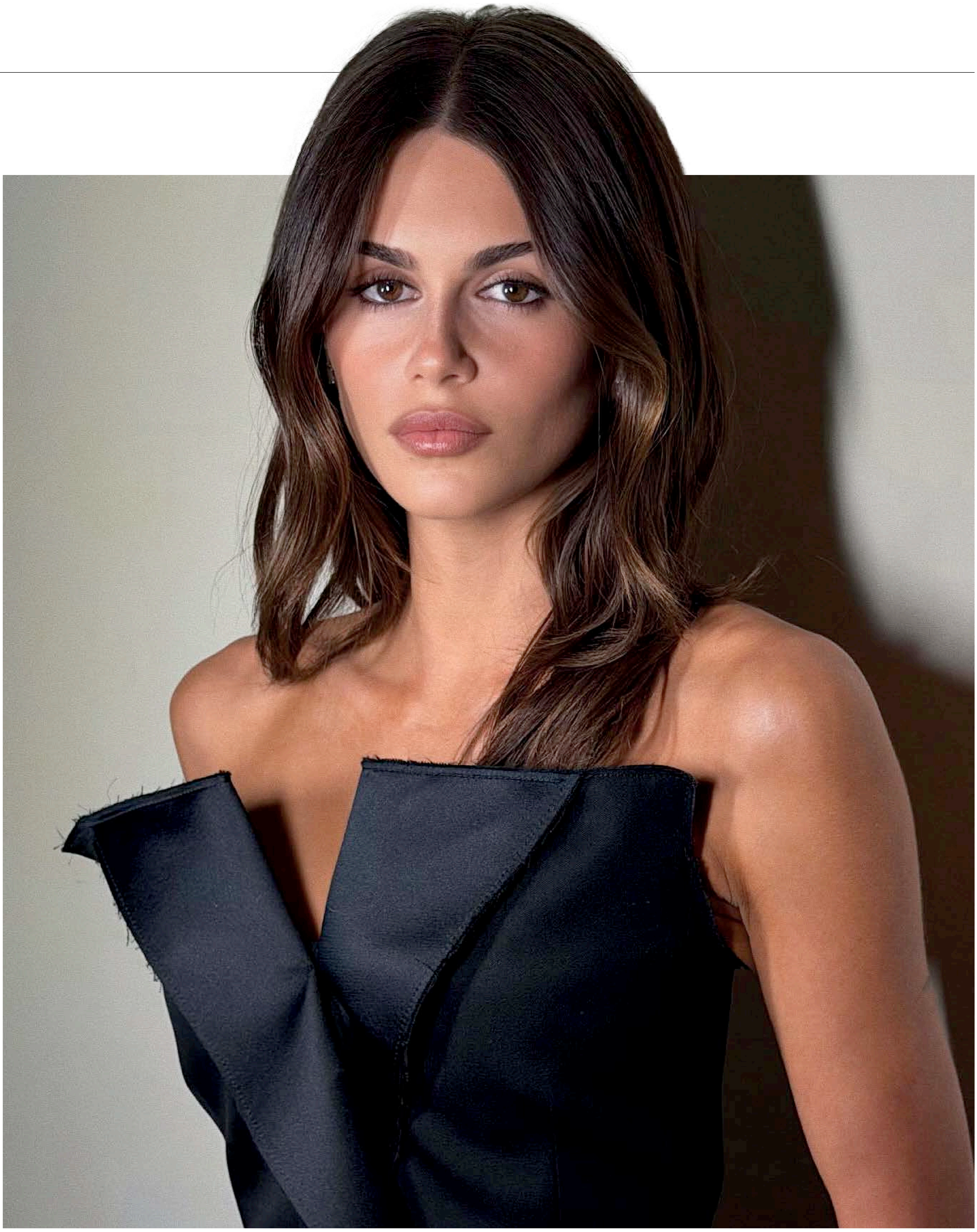
BRAD PITT, ao dizer por que não gosta de filmes pornográficos, que lhe parecem falsos em demasia. Ao explicar o desconforto, ele extrapolou, voou longe, e lembrou do camisa 10 do Santos, cai-cai a não mais poder

“Tenho TDAH e acabei de descobrir que também tenho um pouco de autismo, o que explica muita coisa.”

ROBBIE WILLIAMS, cantor

“Vocês foram babilônicos.”

ROSALÍA, cantora espanhola, depois de se apresentar no Rio de Janeiro, na semana passada



INSTAGRAM @KAIAGERBER

“Isso realmente aconteceu. Nunca falei sobre isso, mas realmente aconteceu.”

KAIA GERBER, modelo, filha de Cindy Crawford, que diz ter sido submetida a uma sessão de exorcismo na infância, por estar “possuída”

SOBE

PETROBRAS

A estatal confirmou a existência de petróleo na Foz do Amazonas, na costa do Amapá, e abriu uma promissora frente de exploração na chamada Margem Equatorial.

FERRARI

O primeiro carro totalmente elétrico da montadora foi vendido por 40 milhões de dólares pela Sotheby's, maior marca da história para um veículo novo leiloado.

MEMPHIS DEPAY

Depois de uma longa novela, o maior artilheiro da história da Holanda renovou com o Corinthians até 2028, em um contrato de 135 milhões de reais.

DESCE

RODRIGO BACELLAR

Preso desde março, o ex-chefe da Alerj e ex-governador interino do Rio virou réu no STF, acusado de obstruir uma investigação da PF sobre o Comando Vermelho.

NETFLIX

Pioneira no streaming no Brasil, a plataforma foi superada pelo Disney+ e caiu para terceiro lugar em ranking do guia *JustWatch* sobre o interesse do usuário, atrás também do líder Prime Video.

NICK KYRGIOS

Finalista de Wimbledon em 2022, o tenista australiano foi suspenso pela Agência Internacional para a Integridade do Tênis (Itia) após testar positivo para cocaína.

★ ★ ★ ★ ★

PESQUISA QUATRO RODAS

A MAIOR PESQUISA INDEPENDENTE DO MERCADO AUTOMOTIVO

QUEM DIRIGE, DECIDE

Os Eleitos está de volta.
A pesquisa de QUATRO RODAS convida proprietários de todo o Brasil a avaliarem seus veículos. Sua opinião ajuda a revelar quais modelos realmente conquistaram seus donos, com base na experiência de quem convive com eles todos os dias.

PESQUISA
Os eleitos
QUATRO RODAS
2026

SUPER INTERESSANTE
veja
SEU BOLSO VAI AGRADECER
QUATRO RODAS
CHEVROLET SONIC ENCARA SEUS RIVAIS

Responda à pesquisa e contribua para o retrato mais completo da satisfação dos motoristas brasileiros.

Participe e ganhe 12 meses grátis de acesso a banca digital GoRead.

TO À PROTEÍNA
ABORES DO
ANALTO

MENOS RUÍDO.
MAIS CONTEXTO.

Conteúdo Abril em todas as
plataformas, para sua escolha.

Assine agora

CANETAS NA MIRA
Assaltos a farmácias avançam por toda a cidade, com criminosos atrás de medicamentos como Mounjaro e Ozempic, hoje no centro de um mercado clandestino lucrativo e arriscado para a saúde
Rayssa Leal
veja
QUATRO RODAS
TESTE DO NOVO JETOUR T2
EIS O IRMÃO CAÇULA DO TOYOTA COROLLA CROSS:
YARIS CROSS
A HOLLYWOOD BRASILEIRA
EM BUSCA DO TÉDIO PERDIDO
Bravo!
NOVEMBRO 2025
50 anos de carreira e o novo disco "Improviso"
São Paulo
SOB A RIBALTA
Em um momento luminoso da carreira, Leone retorna aos palcos da capital no papel de Hamlet e se lança como cantor, enquanto aguarda estreia de filme e série
você RH
veja Rio
CAPRICHO
Negócios
TURISMO DE LUXO O GLAMOUR DAS MELHORES ESTAÇÕES DE ESQUI
BANCOS EM ANO DE INCERTEZAS, CAUTELA NO CRÉDITO

ROBSON BONIN

Com reportagem de Daniel Gullino, Gabriel Sabóia,
João Nogueira e Marcelo Ribeiro

Drama amazônico

Dados do Ministério da Saúde enviados ao Congresso mostram que, entre 2023 e 2025, o governo Lula, o primeiro a ter um Ministério dos Povos Indígenas — chefiado por **Sonia Guajajara** —, registrou 1 121 mortes de indígenas na Terra Yanomami. Causada por doenças e pelo avanço do crime organizado, a tragédia Yanomami nessa gestão petista já é maior que a registrada no mandato de Jair Bolsonaro, no mesmo período: 951 óbitos.

MINISTÉRIO DOS POVOS INDÍGENAS

TRAGÉDIA Sonia Guajajara: mortes dos Yanomami avançam na gestão da ministra

União de forças

O cenário é tão alarmante que o presidente do STF, ministro Edson Fachin, procurou Damares Alves, a presidente da Comissão de Direitos Humanos do Senado, para unir forças numa missão ao território Yanomami, nas próximas semanas, para monitorar a crise.

O dinheiro sumiu

Além do abandono dos indígenas, os senadores querem investigar se a gestão petista desviou o dinheiro que deveria ser usado para proteger os Yanomami. Foram mais de 2 bihões de reais no atual mandato de Lula, mas parte da verba sumiu misteriosamente.

“Crise humanitária”

Para Damares Alves, a crise Yanomami na gestão petista é uma das questões mais urgentes na agenda nacional: “Estamos diante de uma das maiores crises humanitárias do nosso país”.

Abandono e violência

A violência também é fator determinante na crise. Sob Bolsonaro, 651 indígenas foram assassinados nos três primeiros anos de governo. Com Lula, o número de mortos subiu para 677 no mesmo período, segundo o Cimi.

Terra de ninguém

O MPF investiga, veja só, a “permanência de grupos armados estrangeiros” que espalham o terror em comunidades do norte do Amazonas.

Luta por soberania

Nesta semana, o órgão intimou as Forças Armadas para que reforcem a proteção da "soberania territorial" brasileira nessa fronteira com a Colômbia.

Mais alguém levou?

Lula fez, nesta semana, uma devassa no Planalto para checar se outros assessores receberam dinheiro da lobista Roberta Luchsinger.

Defesa prévia

Num dos casos sob suspeita, o próprio advogado de Lulinha, Marco Aurélio de Carvalho, ajuda a inocentar a assessora: "Não há nada no processo".

Trabalho intenso

Marco Aurélio, aliás, tem servido de ponte entre Lula, Lulinha e Roberta Luchsinger nos últimos dias. Mantém contato com todos.

Banca espanhola

Além de Marco Aurélio, sete advogados estão dedicados, em Madri, na Espanha, a fazer a defesa de Lulinha.

Os encantos de Madri

Apesar da situação complicada nas investigações, o filho de Lula preocupa o pai por continuar levando na Espanha uma vida, digamos, boêmia.

Unidos no lobby

Em breve, o escândalo de lobby envolvendo a ex-nora de Lula Carla Trindade no Ministério da Educação vai se encontrar, na PF, com o esquema de Lulinha e Roberta Luchsinger.

Fortes conexões

Segundo a PF, tanto Carla quanto Lulinha tinham como "sócios" de lobby no governo Lula os irmãos Kalil e Fernando Bittar. “As mensagens no caso da Carla são tão comprometedoras para Lula quanto as de Roberta”, diz um interlocutor do caso.

Cooperação policial

Investigadores do inquérito de Lulinha no STF avaliam pedir o compartilhamento das provas da investigação da PF envolvendo a ex-nora de Lula no Ministério da Educação.

Ninguém solta a mão

É real o receio, no entorno de Lula, de que Marcola venha a virar um “novo Mauro Cid”, caso seja abandonado. O presidente, apesar de todas as revelações, tem defendido o ex-assessor.

Lula não sabia

Para afastar Lula de Marcola, no entanto, o PT tem alegado que o ex-assessor usou indevidamente o cargo para abrir portas a Lulinha e Roberta. “Um pedido do Marcola era como se fosse de Lula, ninguém questionava quem mandou, né”, diz um auxiliar.

Sem aperto de mãos

A prestigiada posse de Luis Felipe Salomão como presidente do STJ teve pelo menos um momento de constrangimento, quando Jorge Messias e Davi Alcolumbre se encontraram na sala vip do tribunal. Não se falaram.

Esqueletos no armário

O MPF abriu um inquérito para investigar a Vale por “graves violações de direitos humanos em razão da colaboração com a ditadura militar”.

Pix de 100 000 reais

O ex-deputado petista Vicentinho foi reconhecido como anistiado político e vai receber uma reparação de 100 000 reais. O pedido tinha sido negado no governo Bolsonaro, mas a gestão petista agora atendeu ao pedido.

Caiado Britto

O rompimento de Ronaldo Caiado com o marqueteiro Paulo Vasconcelos teve uma cereja do bolo. A logomarca escolhida por Caiado foi apelidada pelo marqueteiro de "quadro de Romero Britto". Deu no que deu.

Gaspar em campanha

Vice de Flávio Bolsonaro, Alfredo Gaspar será uma espécie de "apresentador" da campanha no Nordeste. Com o mote "Chega de vender esperança", Gaspar vai entrevistar eleitores em mercados e lojas sobre inflação no governo Lula.

Conselheira de prestígio

A ex-ministra **Kátia Abreu** acaba de ser convidada por João Doria para integrar o *advisory board* do LIDE, ao lado de Henrique Meirelles, Izabella Teixeira, Fernando Furlan e outros.

GERALDO MAGELA/AGÊNCIA SENADO

NOVA MISSÃO Kátia: ex-ministra está na cúpula do LIDE de João Doria

INSTAGRAM @CARMINHO

PALCO Carminho: cantora portuguesa traz turnê ao Brasil

Os bilhões do petróleo

A descoberta de petróleo na foz do Amazonas move as alianças de Lula com políticos. Caciques querem saber quem vai construir e onde serão construídas as novas estruturas da Petrobras, caso tenha mesmo óleo em escala industrial. Coisa de bilhões.

O amor no fado

Em turnê do sétimo álbum, *Eu Vou Morrer de Amor ou Resistir,* a cantora portuguesa **Carminho** fará, nos próximos dias, dois shows em São Paulo, no Teatro Cultura Artística. Trata-se de fado autoral e com linguagem viva. ■

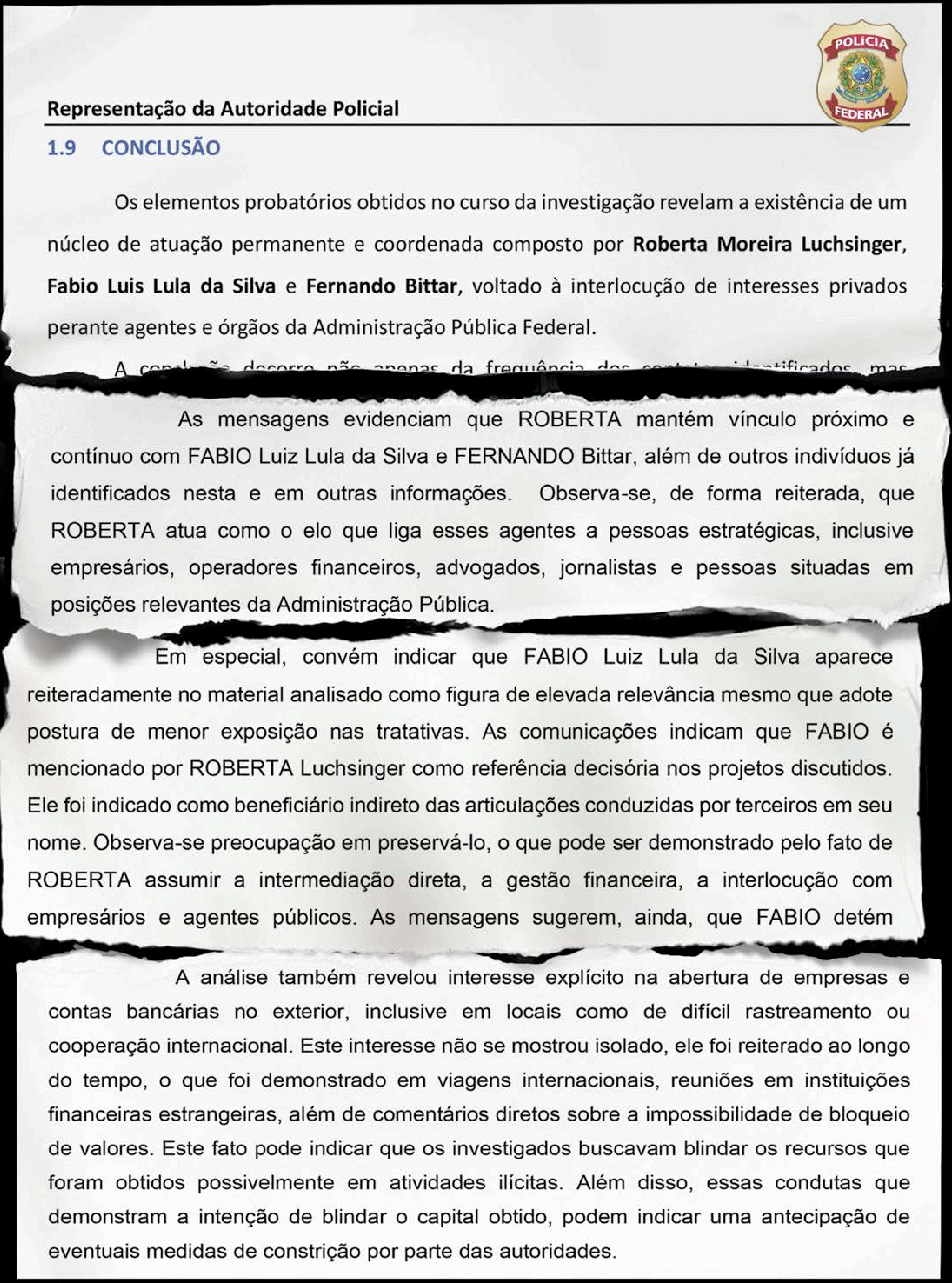
RELAÇÕES PERIGOSAS

VEJA teve acesso ao inquérito sigiloso que investiga um esquema de tráfico de influência no governo — segundo a Polícia Federal, o filho do presidente Lula é parte dessa engrenagem

RICARDO CHAPOLA
E **LARYSSA BORGES**

SUSPEITA Lulinha, Roberta e Bittar: segundo investigação da PF, o trio está envolvido na defesa de negócios privados milionários junto ao governo federal em diversas áreas, incluindo o Ministério da Saúde

JUCA VARELLA/ESTADÃO CONTEÚDO; INSTAGRAM @ROBERTA.LUCHSINGER; REPRODUÇÃO



POLICIA FEDERAL

Representação da Autoridade Policial

1.9 CONCLUSÃO

Os elementos probatórios obtidos no curso da investigação revelam a existência de um núcleo de atuação permanente e coordenada composto por **Roberta Moreira Luchsinger**, **Fabio Luis Lula da Silva** e **Fernando Bittar**, voltado à interlocução de interesses privados perante agentes e órgãos da Administração Pública Federal.

A conclusão decorre não apenas da frequência dos contatos identificados, mas

As mensagens evidenciam que ROBERTA mantém vínculo próximo e contínuo com FABIO Luiz Lula da Silva e FERNANDO Bittar, além de outros indivíduos já identificados nesta e em outras informações. Observa-se, de forma reiterada, que ROBERTA atua como o elo que liga esses agentes a pessoas estratégicas, inclusive empresários, operadores financeiros, advogados, jornalistas e pessoas situadas em posições relevantes da Administração Pública.

Em especial, convém indicar que FABIO Luiz Lula da Silva aparece reiteradamente no material analisado como figura de elevada relevância mesmo que adote postura de menor exposição nas tratativas. As comunicações indicam que FABIO é mencionado por ROBERTA Luchsinger como referência decisória nos projetos discutidos. Ele foi indicado como beneficiário indireto das articulações conduzidas por terceiros em seu nome. Observa-se preocupação em preservá-lo, o que pode ser demonstrado pelo fato de ROBERTA assumir a intermediação direta, a gestão financeira, a interlocução com empresários e agentes públicos. As mensagens sugerem, ainda, que FABIO detém

A análise também revelou interesse explícito na abertura de empresas e contas bancárias no exterior, inclusive em locais como de difícil rastreamento ou cooperação internacional. Este interesse não se mostrou isolado, ele foi reiterado ao longo do tempo, o que foi demonstrado em viagens internacionais, reuniões em instituições financeiras estrangeiras, além de comentários diretos sobre a impossibilidade de bloqueio de valores. Este fato pode indicar que os investigados buscavam blindar os recursos que foram obtidos possivelmente em atividades ilícitas. Além disso, essas condutas que demonstram a intenção de blindar o capital obtido, podem indicar uma antecipação de eventuais medidas de constrição por parte das autoridades.

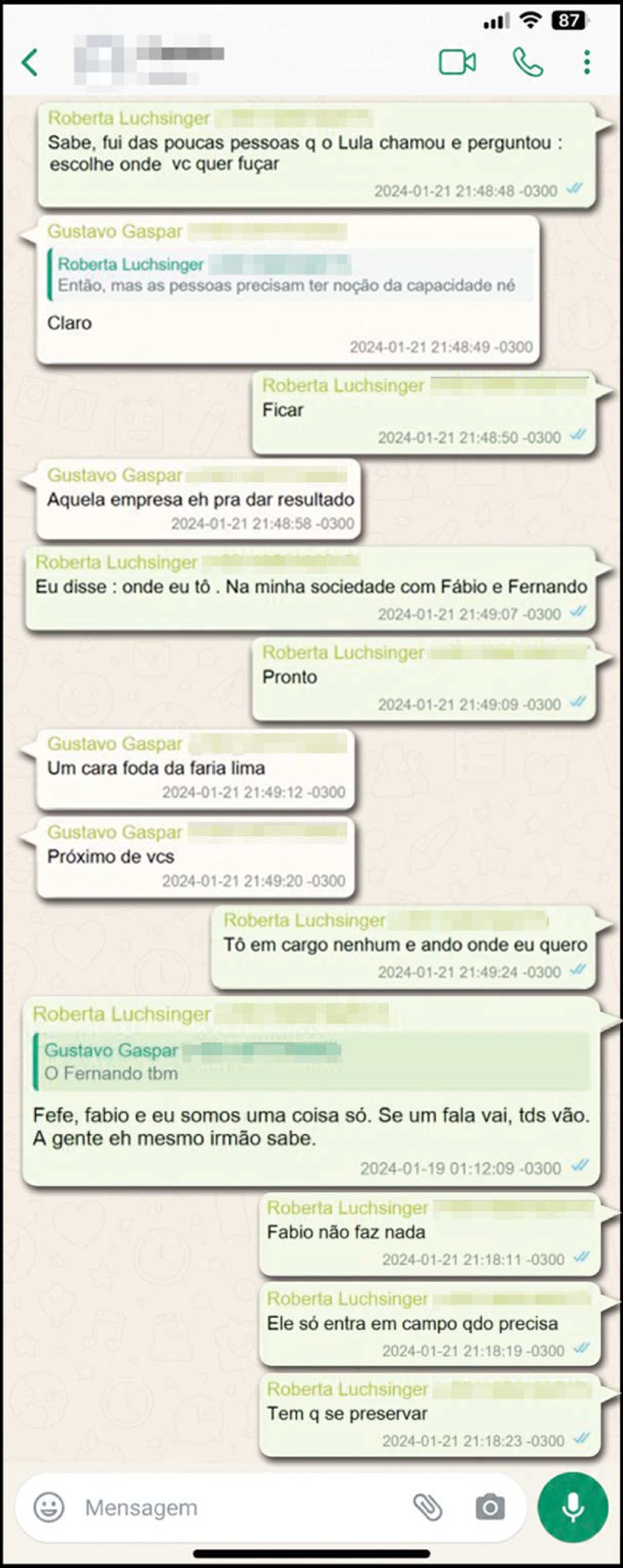
CAPA: MONTAGEM COM FOTOS DE INSTAGRAM @ROBERTA.LUCHSINGER; REPRODUÇÃO

Em abril do ano passado, a Polícia Federal realizou a primeira fase da Operação Sem Desconto, investigação que desmantelou uma quadrilha formada por empresários, servidores públicos e lobistas que se juntaram para aplicar um golpe contra a Previdência. O caso ganhou rapidamente o selo de escândalo pela crueldade (idosos tiveram suas aposentadorias roubadas), pela ousadia (o esquema operava movido por subornos pagos a funcionários do governo) e pelos números superlativos (foram desviados 6 bilhões de reais de 4 milhões de aposentados). O cheiro de envolvimento de políticos levou o Congresso a criar uma Comissão Parlamentar Mista de Inquérito, que produziu marolas em direção a figuras importantes como Fábio Luís da Silva, o Lulinha, filho mais velho do presidente Lula. Na época, uma testemunha revelou que o primogênito estaria a serviço de Antônio Carlos Camilo Antunes, o Careca do INSS, líder da quadrilha, e atuaria em parceria com Roberta Luchsinger, uma lobista conhecida pelas relações de amizade com petistas de alto escalão, para impulsionar negócios milionários junto ao governo do pai. Embora contundente, o depoimento não veio acompanhado de provas. Sem avanços, a CPMI foi encerrada, mas as investigações prosseguiram.

No início do ano, o ministro André Mendonça, do Supremo Tribunal Federal, autorizou a quebra do sigilo telemático de Roberta Luchsinger. A Polícia Federal teve acesso então a mensagens e documentos da lobista armazenados em nuvem. Surgiram novas suspeitas, com a participação do Careca do INSS, mas não relacionadas ao caso do roubo dos aposentados. Na análise do material, os investigadores chegaram à seguinte conclusão: Lulinha teria atuado como uma espécie de agenciador oculto de empresários que tinham interesse em fechar negócios vultosos em Brasília. Além do Careca do INSS e da lobista, o grupo seria integrado também por Fernando Bittar, amigo e antigo sócio do primogênito, conhecido também na época da Lava-Jato por ser um dos proprietários do célebre sítio de Atibaia (a força-tarefa de Curitiba defendia que o verdadeiro dono da propriedade era Lula). O grupo também teria contado com a ajuda de Marco Aurélio Santana Ribeiro, o Marcola, na época em que ele era chefe de gabinete do presidente Lula. Seriam nítidos, de acordo com os investigadores, os indícios de corrupção e tráfico de influência. VEJA teve acesso à integra do inquérito que, a exemplo do que aconteceu há duas décadas, coloca de novo o filho do presidente no topo de um rumoroso escândalo.

De acordo com o relatório da investigação da PF, não há dúvida de que Roberta mantinha uma sociedade oculta com Lulinha e Bittar para intermediar negócios. "Os elementos probatórios obtidos no curso da investigação revelam a existência de um núcleo de atuação permanente e coordenada composto por Roberta Moreira Luchsinger, Fábio Luís Lula da Silva e Fernando Bittar, voltado à interlocução de interesses privados perante agentes e órgãos da Administração Pública Federal", concluíram os delegados. Nas mensagens, a lobista jactava-se de uma suposta proximidade com o presidente Lula. Segundo ela, o petista já teria, inclusive, lhe oferecido um cargo no governo. Roberta conta que não aceitou. Em conversa com um empresário em 2024, explicou que preferiu se dedicar à "sociedade" com o filho do presidente. "Fui das poucas pessoas q o Lula chamou e perguntou: escolhe onde vc quer ficar. (...) Eu disse: aonde eu tô. Na minha sociedade com Fábio e Fernando." E explicou o porquê: "Tô em cargo nenhum e ando onde quero".

A lobista deixava bem claro a seus interlocutores o nível da relação que mantinha com o filho do presidente. "Fefe *(Fernando Bittar),* Fábio e eu somos uma coisa só. Se um fala vai, tds *(todos)* vão. A gente é mesmo irmão", escreveu ela em um dos diálogos anexados ao inquérito. Roberta esclareceu como seria a participação de Lulinha no esquema: "Fábio não faz nada. Ele só entra em campo qdo *(quando)* precisa. Tem q se preservar". Não era blefe. O nível de intimidade fica claro também em um grupo de WhatsApp, intitulado "Musaranhos", que a trinca mantinha para discutir os negócios junto ao governo. Musaranho é um mamífero que parece um rato. Lulinha e Bittar eram os "Musos", Roberta era a "Musa". "Convém indicar que Fábio Luís Lula da Silva aparece reiteradamente



[redacted]

Roberta Luchsinger [redacted]
Sabe, fui das poucas pessoas q o Lula chamou e perguntou : escolhe onde vc quer fuçar
2024-01-21 21:48:48 -0300

Gustavo Gaspar [redacted]
> Roberta Luchsinger [redacted]
> Então, mas as pessoas precisam ter noção da capacidade né

Claro
2024-01-21 21:48:49 -0300

Roberta Luchsinger [redacted]
Ficar
2024-01-21 21:48:50 -0300

Gustavo Gaspar [redacted]
Aquela empresa eh pra dar resultado
2024-01-21 21:48:58 -0300

Roberta Luchsinger [redacted]
Eu disse : onde eu tô . Na minha sociedade com Fábio e Fernando
2024-01-21 21:49:07 -0300

Roberta Luchsinger [redacted]
Pronto
2024-01-21 21:49:09 -0300

Gustavo Gaspar [redacted]
Um cara foda da faria lima
2024-01-21 21:49:12 -0300

Gustavo Gaspar [redacted]
Próximo de vcs
2024-01-21 21:49:20 -0300

Roberta Luchsinger [redacted]
Tô em cargo nenhum e ando onde eu quero
2024-01-21 21:49:24 -0300

Roberta Luchsinger [redacted]
> Gustavo Gaspar [redacted]
> O Fernando tbm

Fefe, fabio e eu somos uma coisa só. Se um fala vai, tds vão. A gente eh mesmo irmão sabe.
2024-01-19 01:12:09 -0300

Roberta Luchsinger [redacted]
Fabio não faz nada
2024-01-21 21:18:11 -0300

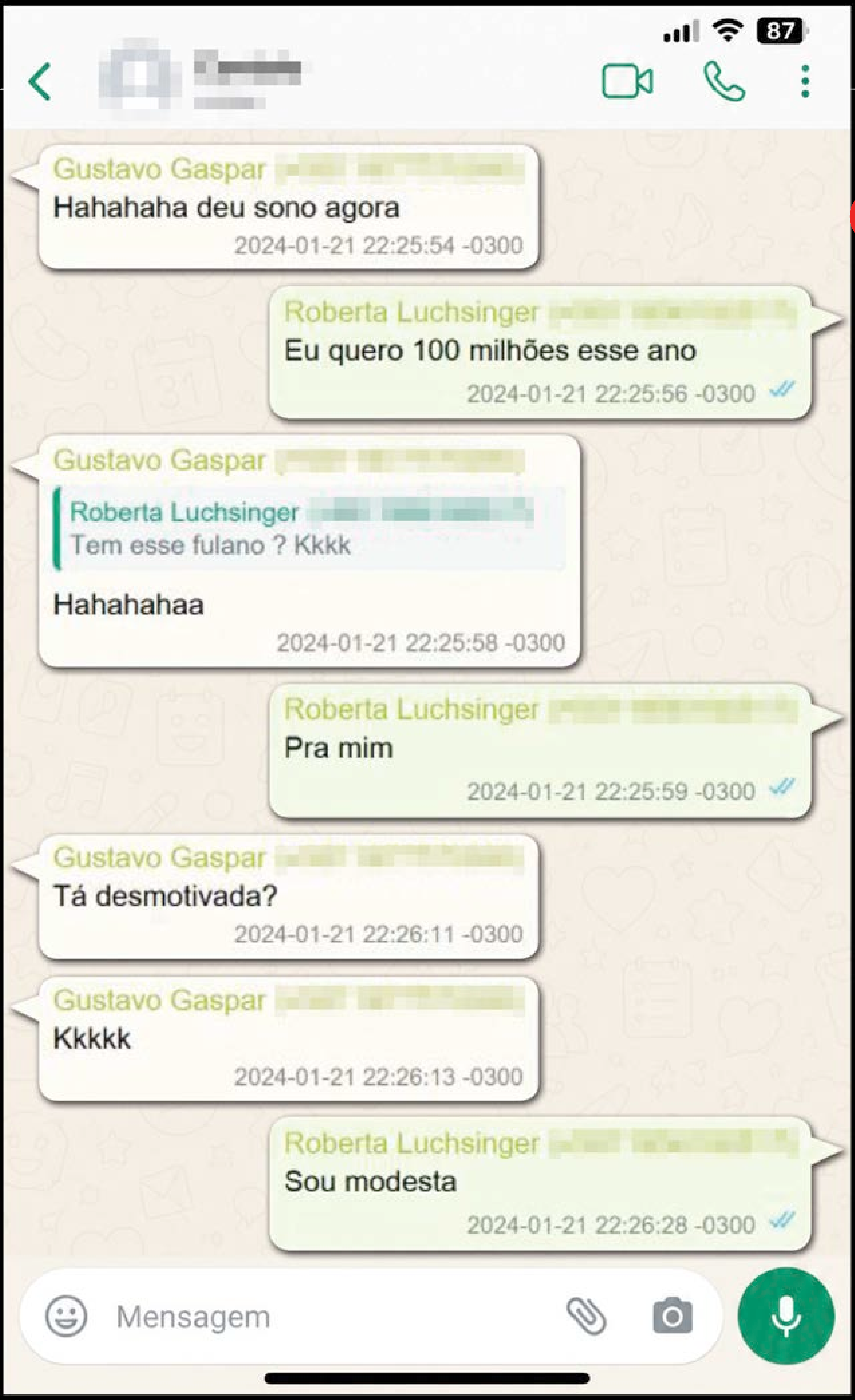
Roberta Luchsinger [redacted]
Ele só entra em campo qdo precisa
2024-01-21 21:18:19 -0300

Roberta Luchsinger [redacted]
Tem q se preservar
2024-01-21 21:18:23 -0300

EVARISTO SA/AFP

“SOCIEDADE COM FÁBIO”

Roberta Luchsinger, em conversa com um empresário, fala de sua proximidade com Lula e de sua parceria comercial como o filho do presidente da República


[redacted]

Gustavo Gaspar [redacted]
Hahahaha deu sono agora
2024-01-21 22:25:54 -0300

Roberta Luchsinger [redacted]
Eu quero 100 milhões esse ano
2024-01-21 22:25:56 -0300

Gustavo Gaspar [redacted]
> Roberta Luchsinger [redacted]
> Tem esse fulano ? Kkkk

Hahahahaa
2024-01-21 22:25:58 -0300

Roberta Luchsinger [redacted]
Pra mim
2024-01-21 22:25:59 -0300

Gustavo Gaspar [redacted]
Tá desmotivada?
2024-01-21 22:26:11 -0300

Gustavo Gaspar [redacted]
Kkkkk
2024-01-21 22:26:13 -0300

Roberta Luchsinger [redacted]
Sou modesta
2024-01-21 22:26:28 -0300

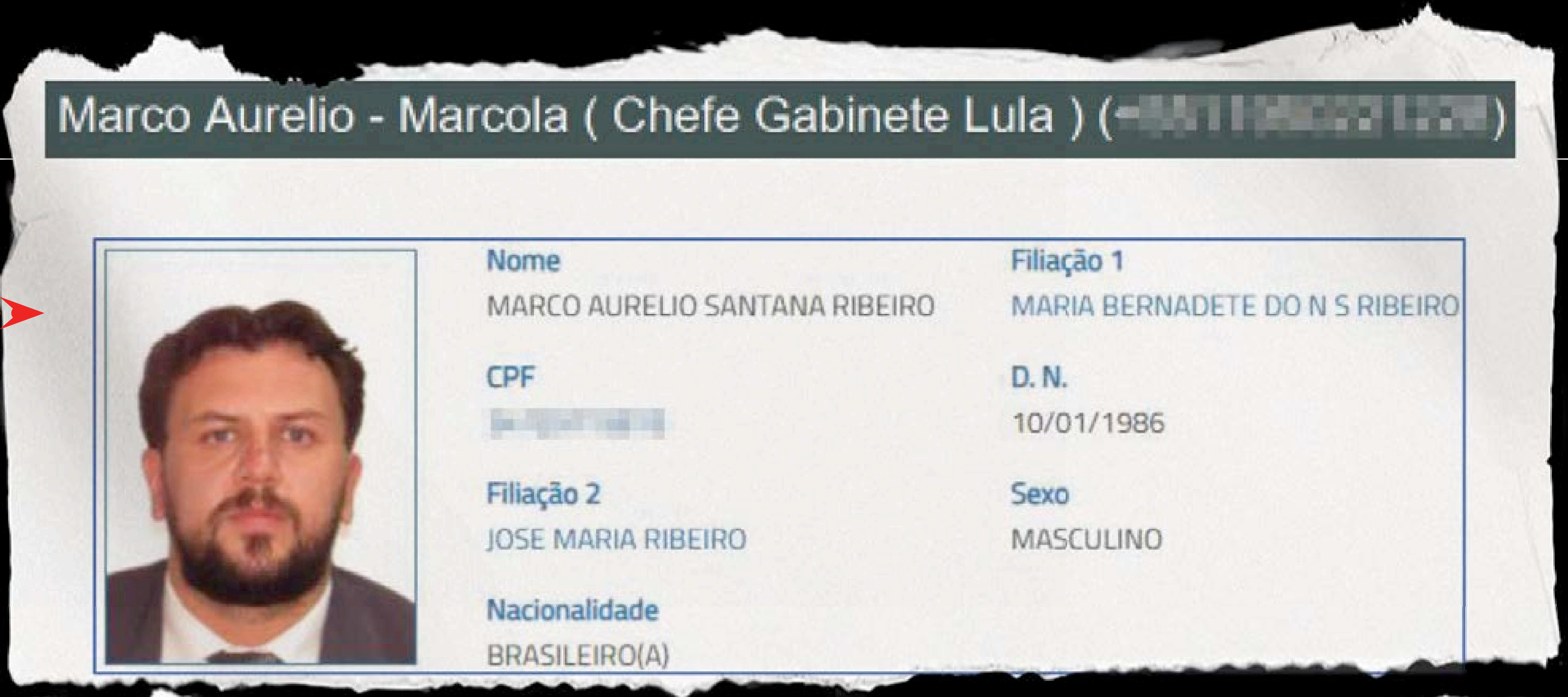
“QUERO 100 MILHÕES”

A lobista explica que seu trabalho era fazer “costuras políticas” via Palácio do Planalto e destaca que sua meta de lucro para 2024 era “modesta”

no material analisado como figura de elevada relevância mesmo que adote postura de menor exposição nas tratativas. As comunicações indicam que Fábio é mencionado por Roberta Luchsinger como referência decisória nos projetos discutidos", diz o relatório policial.

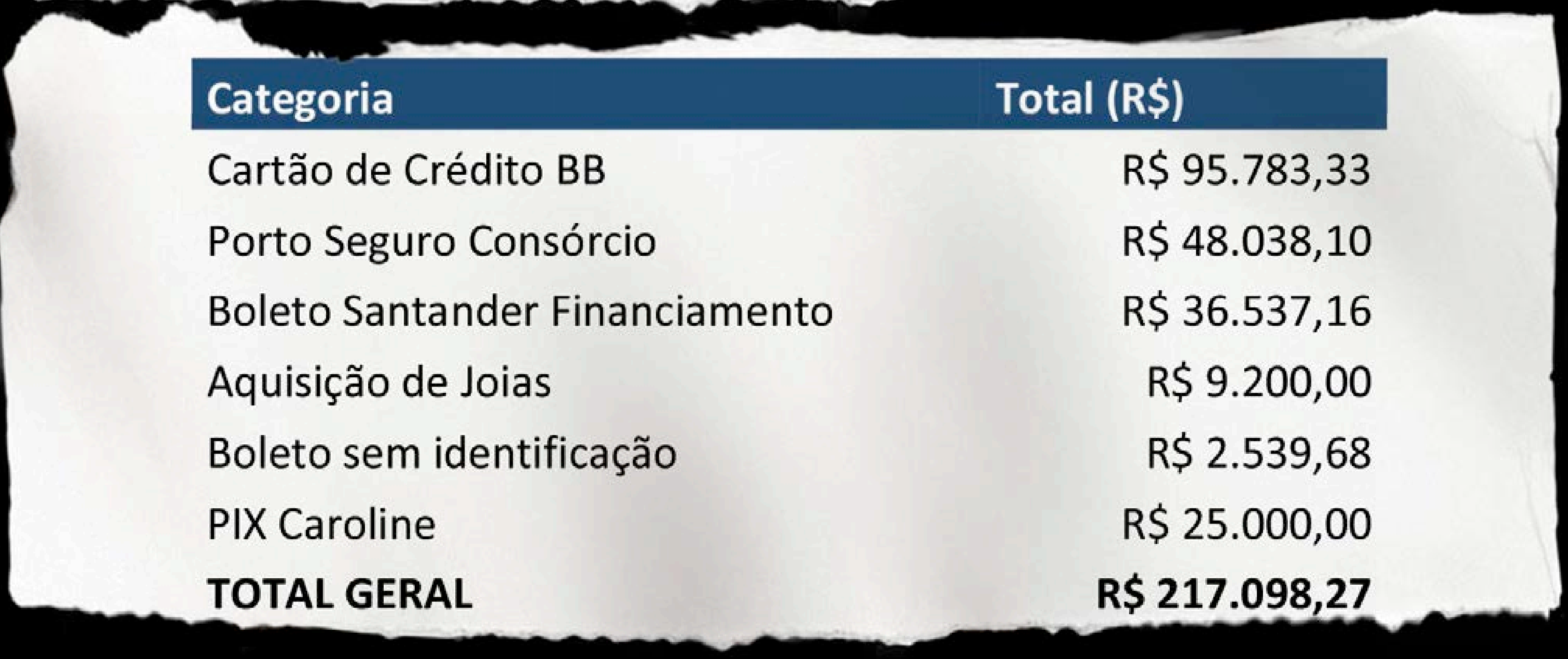
O inquérito destrincha o esforço de Roberta e Lulinha para convencer o governo a regulamentar o uso de canabidiol no país. Egresso do ramo farmacêutico, o hoje notório Careca do INSS, além de golpear os aposentados, antes de cair em desgraça articulava a realização de um negócio bilionário junto ao Ministério da Saúde. Para o plano dar certo, era preciso destravar resistências políticas e mudar certas regras. Roberta explica o caminho que ela trilhava para driblar os problemas: "Eu trabalho a política via Palácio. Eu sou boa de costura política". Contratada como consultora do Careca do INSS, a lobista acionou Lulinha para acelerar a regulamentação para a produção e venda de medicamentos à base de canabidiol. Resolvido esse problema, a segunda etapa do projeto era "convencer" o Ministério da Saúde a contratar uma empresa de Camilo Antunes para fornecer os remédios — um negócio superior a 1 bilhão de reais. "Ontem eu disse para Fábio: Antônio tá pressionando e acho bom vc se mexer", escreveu a lobista em 23 de janeiro de 2025.

De acordo com a PF, Lulinha já estava se mexendo nos bastidores havia algum tempo. O grupo precisava de acesso ao Ministério da Saúde. Coube a Marcola, o chefe de gabinete de Lula, marcar uma reunião entre a lobista e Swedenberger Barbosa, então secretário-executivo da pasta. Essa reunião só aconteceu depois da interferência de Lulinha. “Pousei. Vou lá no Berge”, disse Roberta a Fábio em 6 de março de 2024. “Que ótimo. Vai com tudo. Manda bjo *(beijo)* pro Berge e fala que não fui pq vc não chamou”, ironiza o primogênito. Meses depois, Roberta não esconde o objetivo: “Precisamos 100% do Berger”. Após o encontro, Marcola recebeu a minuta de um documento que previa uma compra milionária de medicamentos à base de canabidiol. Nesse mesmo período, Roberta passou a pagar contas pessoais do auxiliar do presidente. Entre fevereiro e novembro de 2024, foram 217 098 reais em faturas de cartão de crédito, boletos de apólice de seguro, financiamento do carro e um par de brincos e um pingente de diamantes com que ele presenteou a esposa. Homem de confiança de Lula, Marcola possuía acesso direto ao gabinete de Lula, testemunhava inclusive conversas fora da agenda oficial e até atendia o celular do presidente. Ele acabou sendo exonerado em julho passado, por ordem do presidente. Em sua defesa, garante que as transações foram parte de um empréstimo, que ele quitou depois, e que sua demissão nada teve a ver com isso. A lobista Roberta confirma a história do empréstimo pessoal. Até onde se sabe, Marcola não é investigado no caso.



Marco Aurelio - Marcola (Chefe Gabinete Lula) ([redacted])

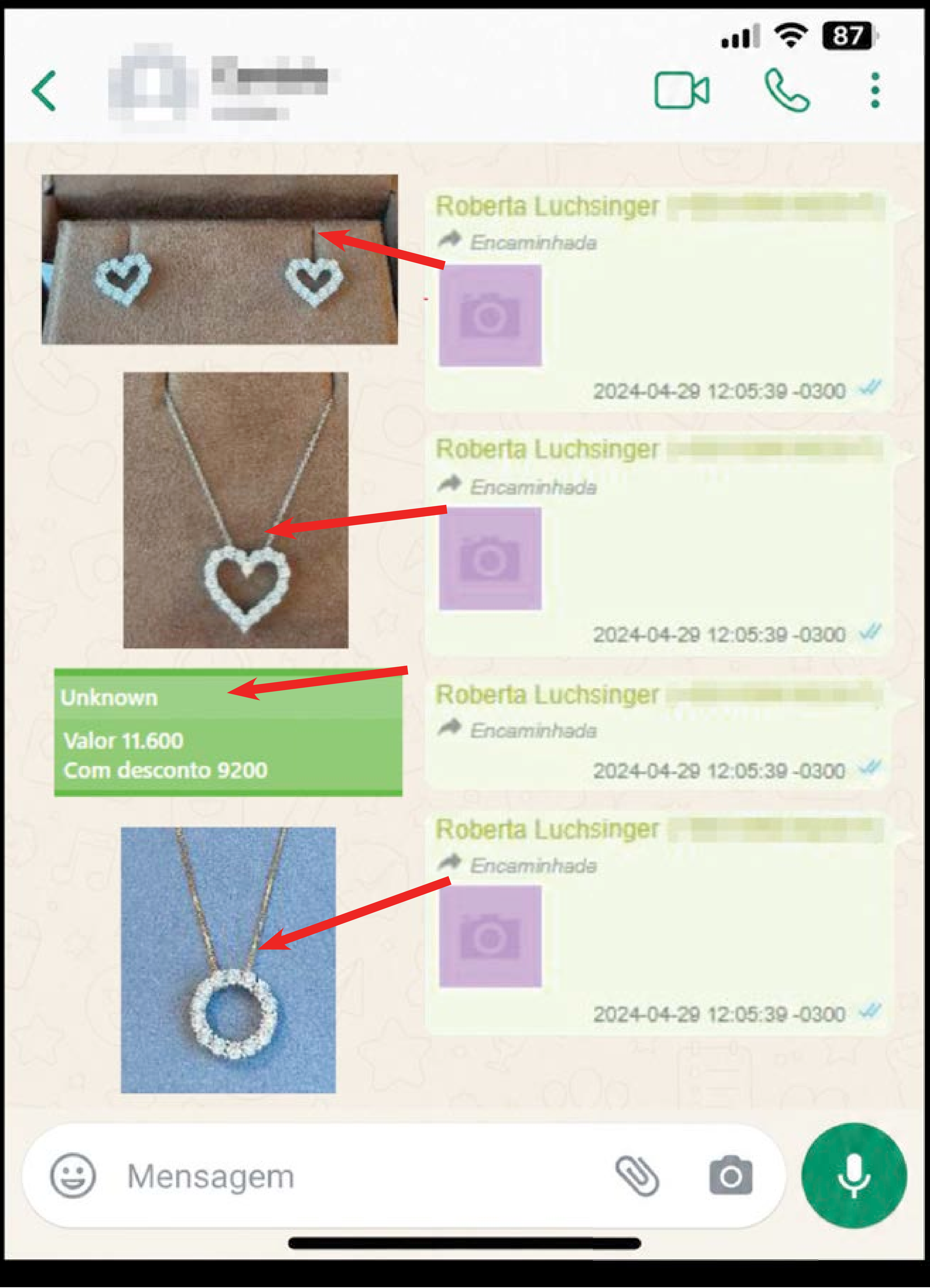
Nome MARCO AURELIO SANTANA RIBEIRO	**Filiação 1** MARIA BERNADETE DO N S RIBEIRO
CPF [redacted]	**D. N.** 10/01/1986
Filiação 2 JOSE MARIA RIBEIRO	**Sexo** MASCULINO
Nacionalidade BRASILEIRO(A)	



Categoria	Total (R$)
Cartão de Crédito BB	R$ 95.783,33
Porto Seguro Consórcio	R$ 48.038,10
Boleto Santander Financiamento	R$ 36.537,16
Aquisição de Joias	R$ 9.200,00
Boleto sem identificação	R$ 2.539,68
PIX Caroline	R$ 25.000,00
TOTAL GERAL	**R$ 217.098,27**

JOIAS E BOLETOS

Marco Aurélio Santana, o Marcola, ex-chefe de gabinete de Lula, tinha as contas pessoais pagas pela lobista. Ele disse que isso fazia parte de um empréstimo pessoal, que foi quitado junto a Roberta



[redacted]

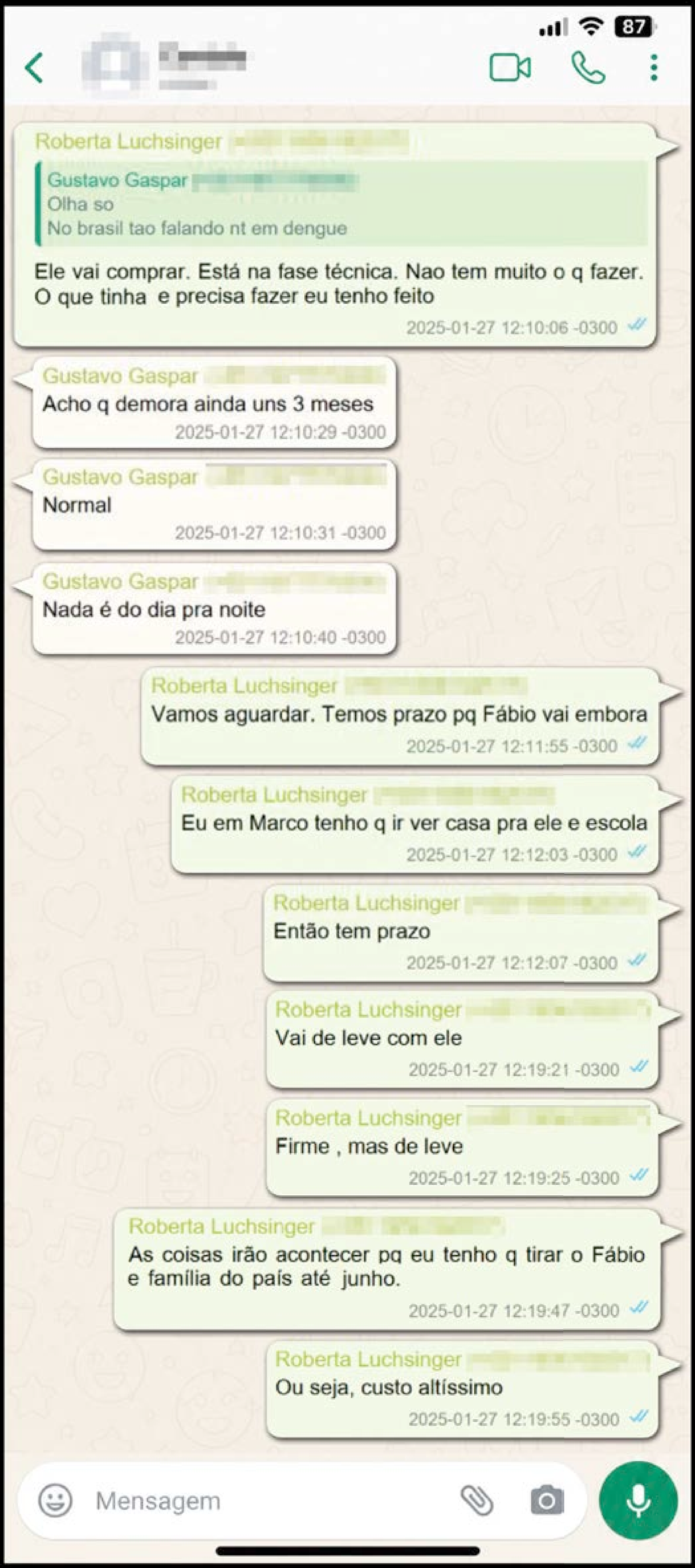
Roberta Luchsinger [redacted]
Encaminhada
2024-04-29 12:05:39 -0300

Roberta Luchsinger [redacted]
Encaminhada
2024-04-29 12:05:39 -0300

Unknown
Valor 11.600
Com desconto 9200

Roberta Luchsinger [redacted]
Encaminhada
2024-04-29 12:05:39 -0300

Roberta Luchsinger [redacted]
Encaminhada
2024-04-29 12:05:39 -0300



87

[redacted]

Roberta Luchsinger [redacted]

> **Gustavo Gaspar** [redacted]
> Olha so
> No brasil tao falando nt em dengue

Ele vai comprar. Está na fase técnica. Nao tem muito o q fazer. O que tinha e precisa fazer eu tenho feito
2025-01-27 12:10:06 -0300

Gustavo Gaspar [redacted]
Acho q demora ainda uns 3 meses
2025-01-27 12:10:29 -0300

Gustavo Gaspar [redacted]
Normal
2025-01-27 12:10:31 -0300

Gustavo Gaspar [redacted]
Nada é do dia pra noite
2025-01-27 12:10:40 -0300

Roberta Luchsinger [redacted]
Vamos aguardar. Temos prazo pq Fábio vai embora
2025-01-27 12:11:55 -0300

Roberta Luchsinger [redacted]
Eu em Marco tenho q ir ver casa pra ele e escola
2025-01-27 12:12:03 -0300

Roberta Luchsinger [redacted]
Então tem prazo
2025-01-27 12:12:07 -0300

Roberta Luchsinger [redacted]
Vai de leve com ele
2025-01-27 12:19:21 -0300

Roberta Luchsinger [redacted]
Firme , mas de leve
2025-01-27 12:19:25 -0300

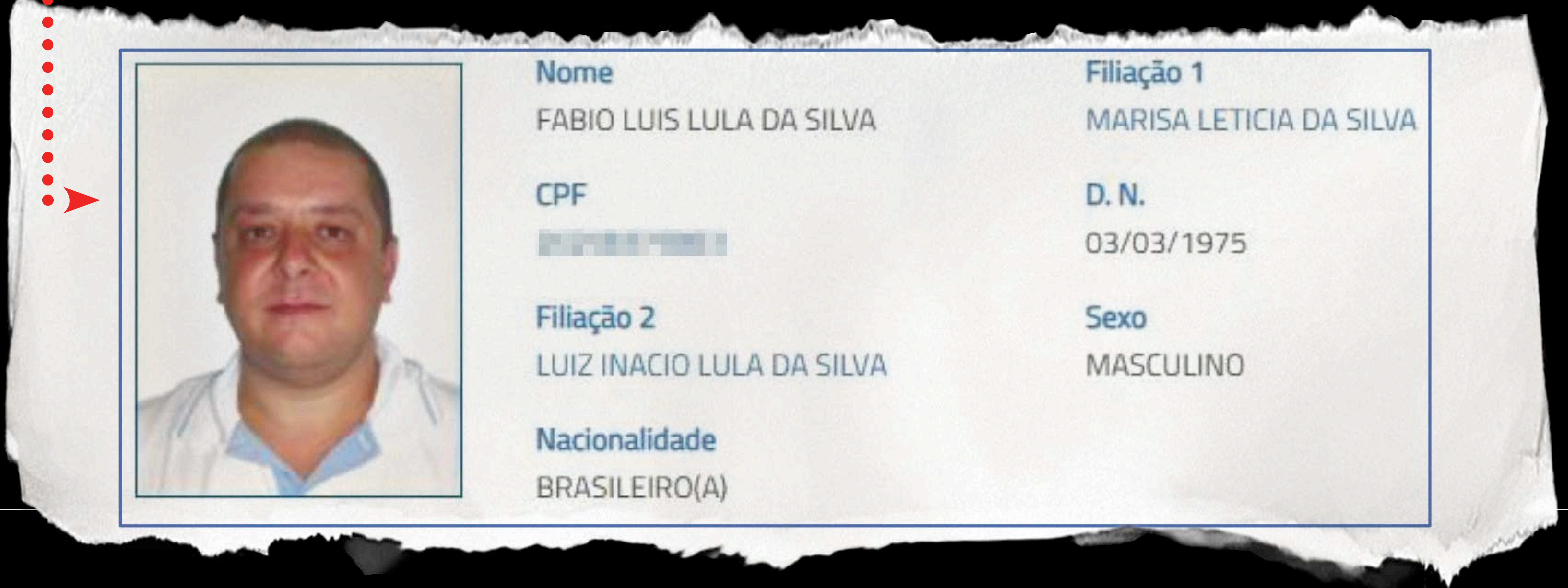
Roberta Luchsinger [redacted]
As coisas irão acontecer pq eu tenho q tirar o Fábio e família do país até junho.
2025-01-27 12:19:47 -0300

Roberta Luchsinger [redacted]
Ou seja, custo altíssimo
2025-01-27 12:19:55 -0300

REPRODUÇÃO

FUGA PARA O EXTERIOR

Em janeiro de 2025, antes do escândalo eclodir, Roberta planejava tirar Lulinha e a família do país. O primogênito mora hoje num confortável condomínio em Madri *(foto acima)*



Nome
FABIO LUIS LULA DA SILVA

Filiação 1
MARISA LETICIA DA SILVA

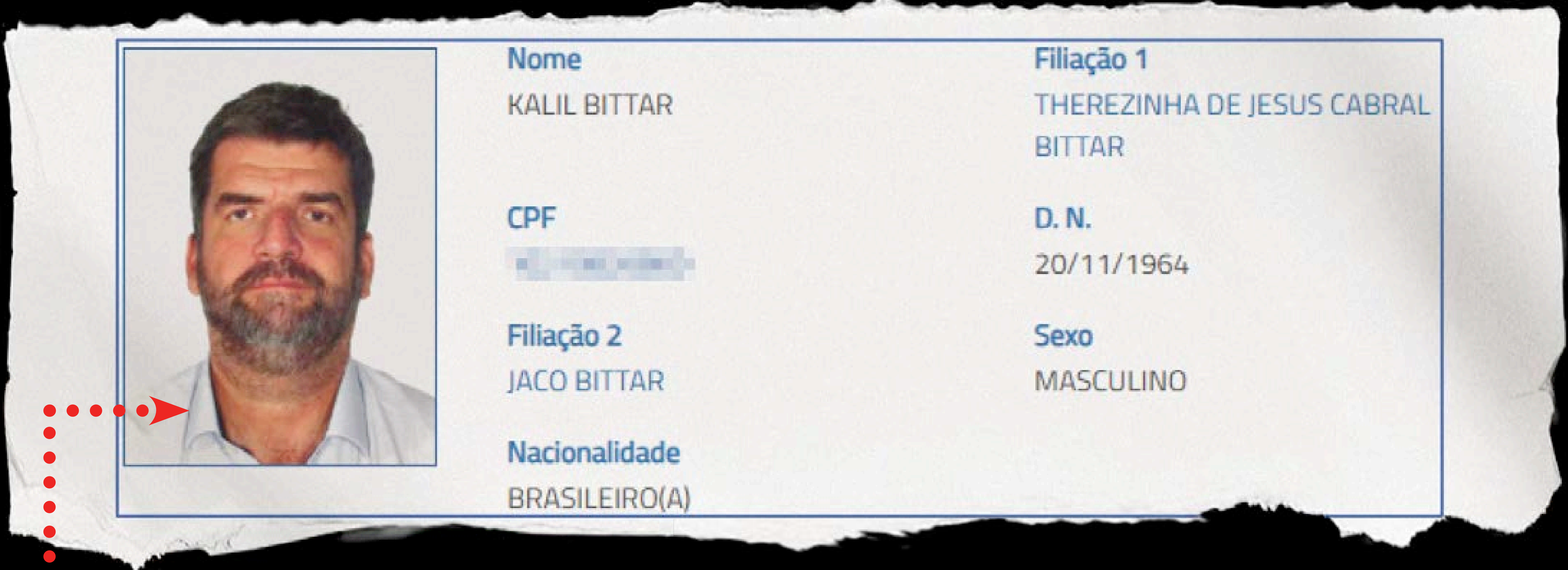
CPF
[redacted]

D. N.
03/03/1975

Filiação 2
LUIZ INACIO LULA DA SILVA

Sexo
MASCULINO

Nacionalidade
BRASILEIRO(A)



Nome
KALIL BITTAR

Filiação 1
THEREZINHA DE JESUS CABRAL BITTAR

CPF
[redacted]

D. N.
20/11/1964

Filiação 2
JACO BITTAR

Sexo
MASCULINO

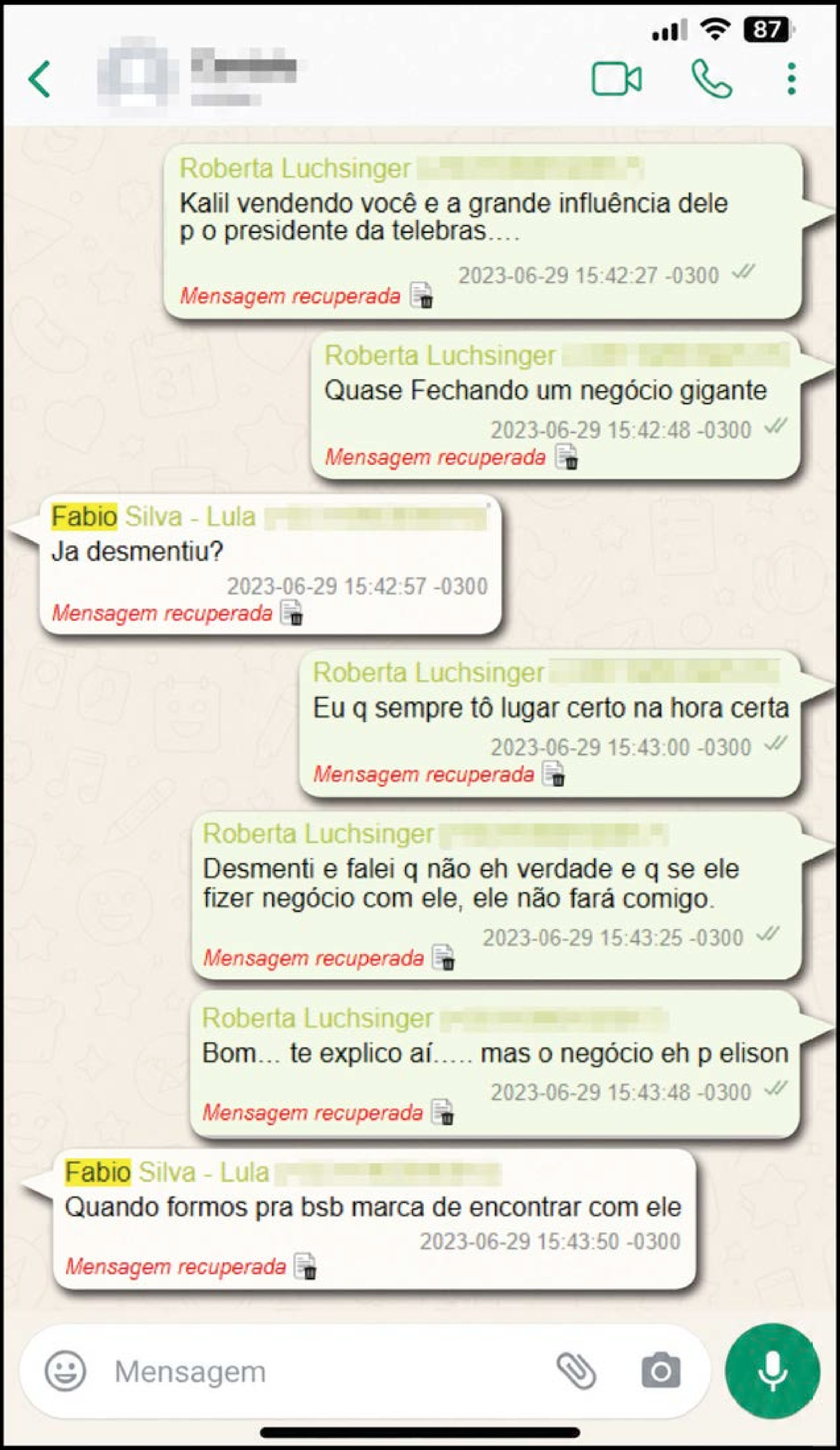
Nacionalidade
BRASILEIRO(A)

BRIGA POR NEGÓCIOS

Lulinha diz que Kalil Bittar, seu sócio, estaria atuando à revelia dele para obter um contrato na Telebras, à época comandada por Frederico Siqueira, atual ministro das Comunicações

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES

TON MOLINA/FOTOARENA



[redacted]

Roberta Luchsinger [redacted]
Kalil vendendo você e a grande influência dele p o presidente da telebras....
2023-06-29 15:42:27 -0300
Mensagem recuperada

Roberta Luchsinger [redacted]
Quase Fechando um negócio gigante
2023-06-29 15:42:48 -0300
Mensagem recuperada

Fabio Silva - Lula [redacted]
Ja desmentiu?
2023-06-29 15:42:57 -0300
Mensagem recuperada

Roberta Luchsinger [redacted]
Eu q sempre tô lugar certo na hora certa
2023-06-29 15:43:00 -0300
Mensagem recuperada

Roberta Luchsinger [redacted]
Desmenti e falei q não eh verdade e q se ele fizer negócio com ele, ele não fará comigo.
2023-06-29 15:43:25 -0300
Mensagem recuperada

Roberta Luchsinger [redacted]
Bom... te explico aí..... mas o negócio eh p elison
2023-06-29 15:43:48 -0300
Mensagem recuperada

Fabio Silva - Lula [redacted]
Quando formos pra bsb marca de encontrar com ele
2023-06-29 15:43:50 -0300
Mensagem recuperada

Segundo a PF, as mensagens revelam ainda que os "Musaranhos" tinham tentáculos em outras áreas do governo. Lulinha é investigado pelos federais por suspeitas de usar a influência como filho do presidente para abrir portas também na Dataprev, autarquia que, entre outras atividades, processa os dados dos aposentados do INSS. Umas das mensagens anexadas a esse inquérito mostra Roberta e um empresário ligado ao Careca do INSS combinando para pressionar Carlos Gabas, ex-ministro da Previdência no governo Dilma Rousseff, a facilitar a vida do grupo. Na época, uma instrução normativa impunha à Dataprev travas tecnológicas que dificultavam descontos em folha de empréstimos concedidos aos aposentados — um entrave aos intentos de pessoas eventualmente mal-intencionadas. "Ta indo tudo ok na Dataprev ou preciso apertar Gabas?", escreve a lobista ao empresário, interessado na causa.

Na Telebras, a cobiça provocou atritos entre velhos amigos. Roberta e Fábio reclamaram em uma troca de mensagens das traficâncias de Kalil Bittar, irmão de Fernando e também sócio de Lulinha, que estaria usando o nome do filho do presidente para tentar obter um contrato milionário na estatal, na época comandada pelo atual ministro das Comunicações, Frederico de Siqueira. "Kalil vendendo você e a grande influência dele p *(para)* o presidente da Telebras. Quase fechando um negócio gigante", escreveu Roberta. "Vendendo facilidades, Telebras contrata ele, plataforma dele, coisas que ele indicar", continua ela. Lulinha a orienta a desmentir a história.

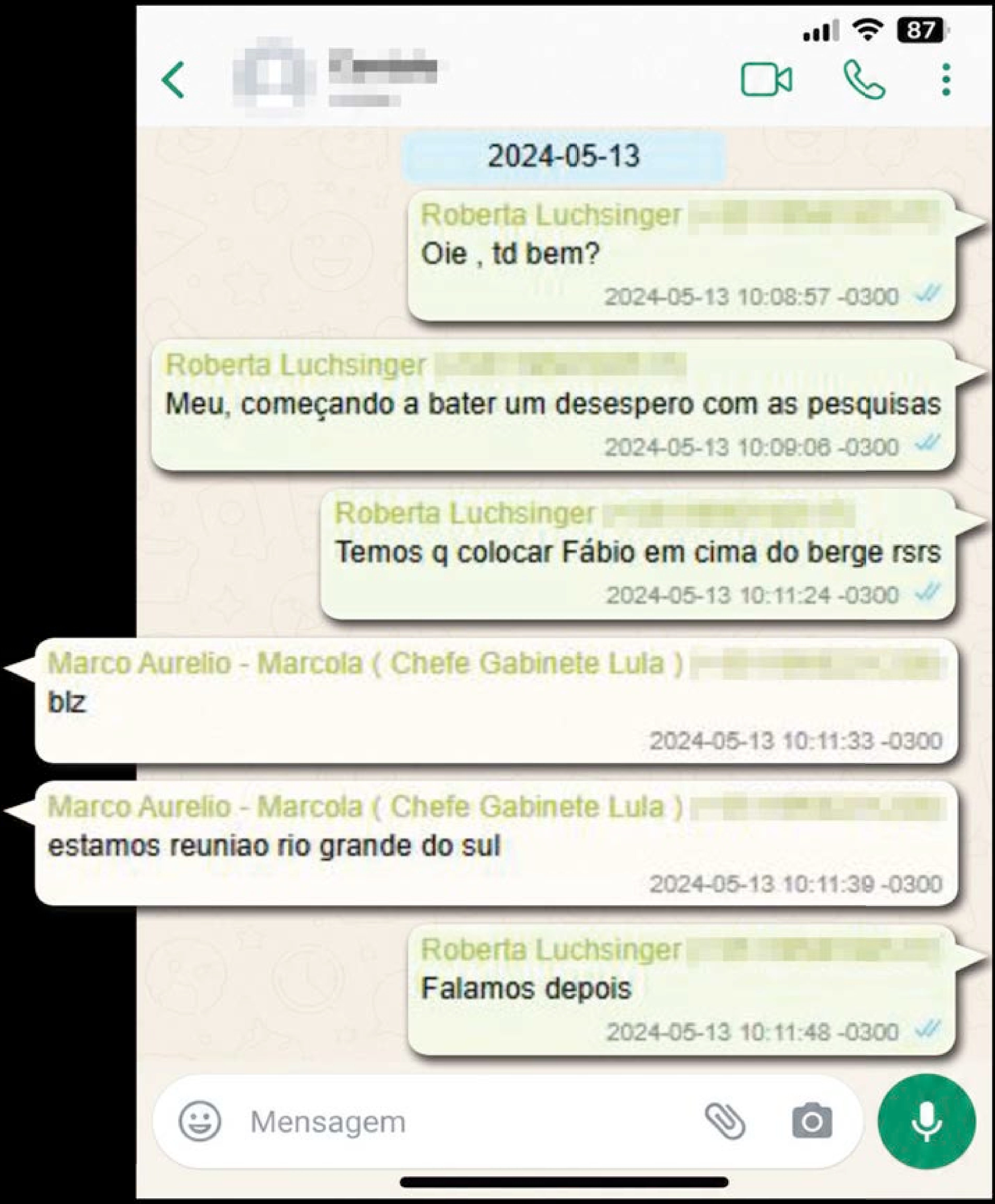
Dinheiro, aliás, é um assunto recorrente nos diálogos. Roberta, por exemplo, projetava ganhos de 100 milhões de reais apenas em 2024. Ela também aparece dando instruções e seu motorista para fazer entregas de dinheiro vivo a diferentes destinatários, incluindo o parceiro Fernando Bittar. Os valores circulavam em malas. Ao tratar de uma viagem à África, organizada e paga pela lobista (custo de 20 000 dólares por cabeça), Lulinha, que vai embarcar com a família, deixa transparecer que era Roberta que cuidava de suas finanças. "A gente tem grana pra bancar essas coisas?", pergunta. E acrescenta: "Vc que cuida das minhas finanças". Em outro diálogo, Lulinha comenta animado a perspectiva de lucro de uma boa tacada nos negócios da turma: "coisa boa paporra". As trocas de mensagens entre Lulinha e a lobista — todas — tinham sido apagadas e só foram recuperadas graças a um software especial usado pela PF, que suspeita que pagamentos recebidos por uma empresa de consultoria de Roberta teriam o filho do presidente como destino final. Em uma mensagem, o Careca do INSS se refere ao destinatário do dinheiro como "o filho do Rapaz", muito embora o montante tenha sido destinado à RL Consultoria, a companhia de Roberta. "A análise também revelou interesse explícito na abertura de empresas e contas bancárias no exterior, in-

Ines249

INSTAGRAM @SWEDENBERGERBARBOSAOFICIAL

OS BILHÕES DA *CANNABIS*

Marcola e Roberta combinam usar Lulinha para pressionar o então número 2 do Ministério da Saúde, Swedenberger Barbosa, a dar andamento ao processo que renderia uma fortuna ao grupo



[redacted]

2024-05-13

Roberta Luchsinger [redacted]
Oie , td bem?
2024-05-13 10:08:57 -0300

Roberta Luchsinger [redacted]
Meu, começando a bater um desespero com as pesquisas
2024-05-13 10:09:06 -0300

Roberta Luchsinger [redacted]
Temos q colocar Fábio em cima do berge rsrs
2024-05-13 10:11:24 -0300

Marco Aurelio - Marcola (Chefe Gabinete Lula) [redacted]
blz
2024-05-13 10:11:33 -0300

Marco Aurelio - Marcola (Chefe Gabinete Lula) [redacted]
estamos reuniao rio grande do sul
2024-05-13 10:11:39 -0300

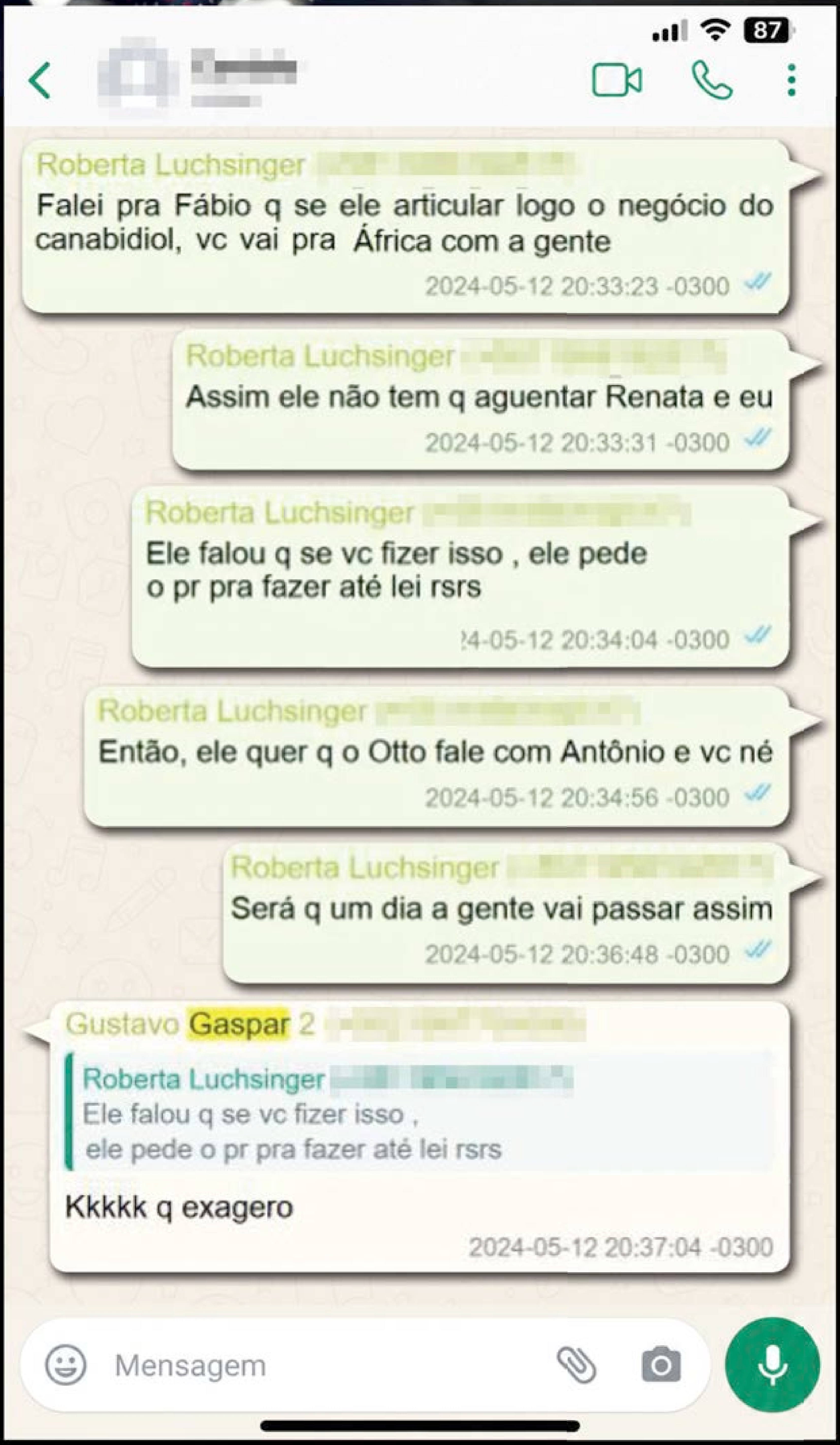
Roberta Luchsinger [redacted]
Falamos depois
2024-05-13 10:11:48 -0300

Ines249

FATIMA MEIRA/AG. ENQUADRAR/FOLHAPRESS

TENTÁCULOS NA DATAPREV

A estatal, responsável pelo processamento dos descontos ilegais nas aposentadorias, era alvo do grupo que representava os interesses do "Careca do INSS"



Roberta Luchsinger [redacted]
Falei pra Fábio q se ele articular logo o negócio do canabidiol, vc vai pra África com a gente
2024-05-12 20:33:23 -0300

Roberta Luchsinger [redacted]
Assim ele não tem q aguentar Renata e eu
2024-05-12 20:33:31 -0300

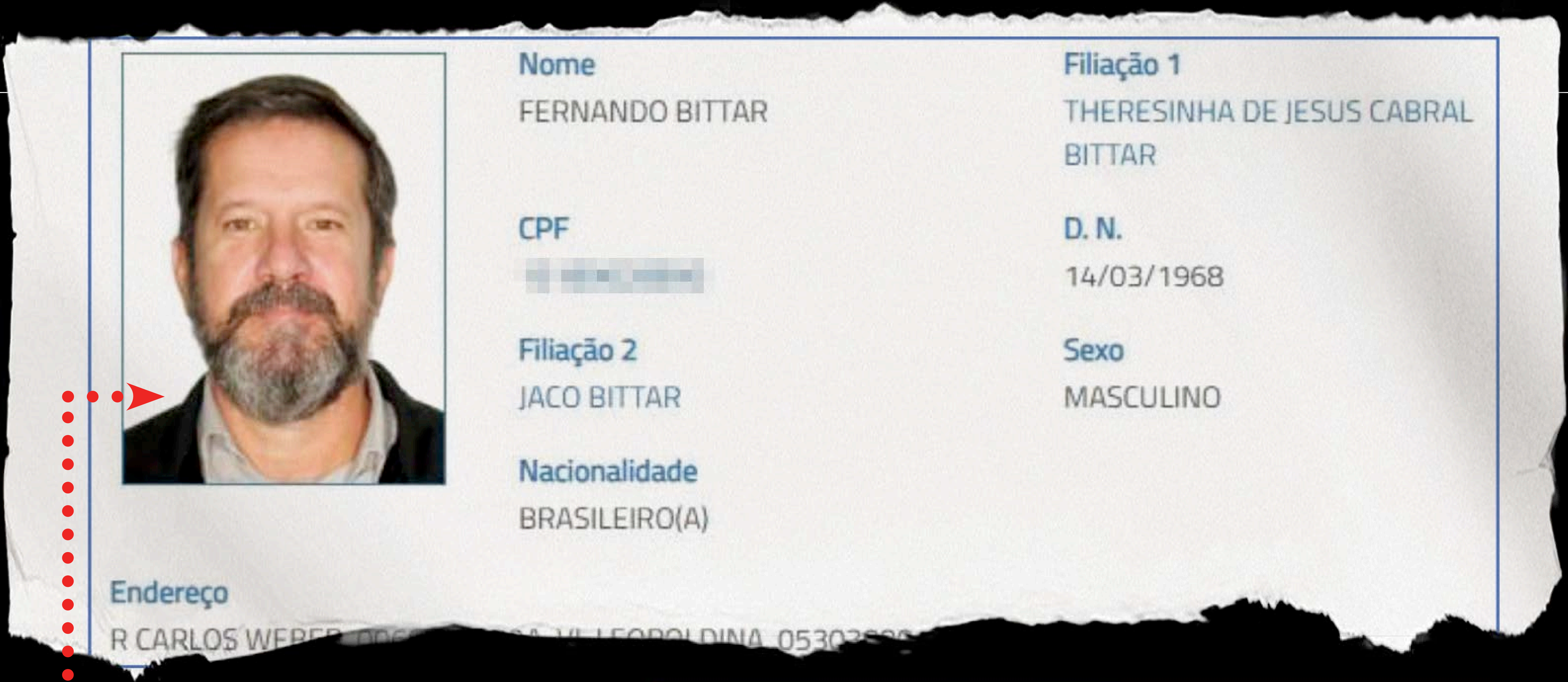
Roberta Luchsinger [redacted]
Ele falou q se vc fizer isso , ele pede
o pr pra fazer até lei rsrs
4-05-12 20:34:04 -0300

Roberta Luchsinger [redacted]
Então, ele quer q o Otto fale com Antônio e vc né
2024-05-12 20:34:56 -0300

Roberta Luchsinger [redacted]
Será q um dia a gente vai passar assim
2024-05-12 20:36:48 -0300

Gustavo Gaspar 2 [redacted]
> Roberta Luchsinger [redacted]
> Ele falou q se vc fizer isso ,
> ele pede o pr pra fazer até lei rsrs

Kkkkk q exagero
2024-05-12 20:37:04 -0300



Nome
FERNANDO BITTAR

Filiação 1
THERESINHA DE JESUS CABRAL BITTAR

CPF
[redacted]

D. N.
14/03/1968

Filiação 2
JACO BITTAR

Sexo
MASCULINO

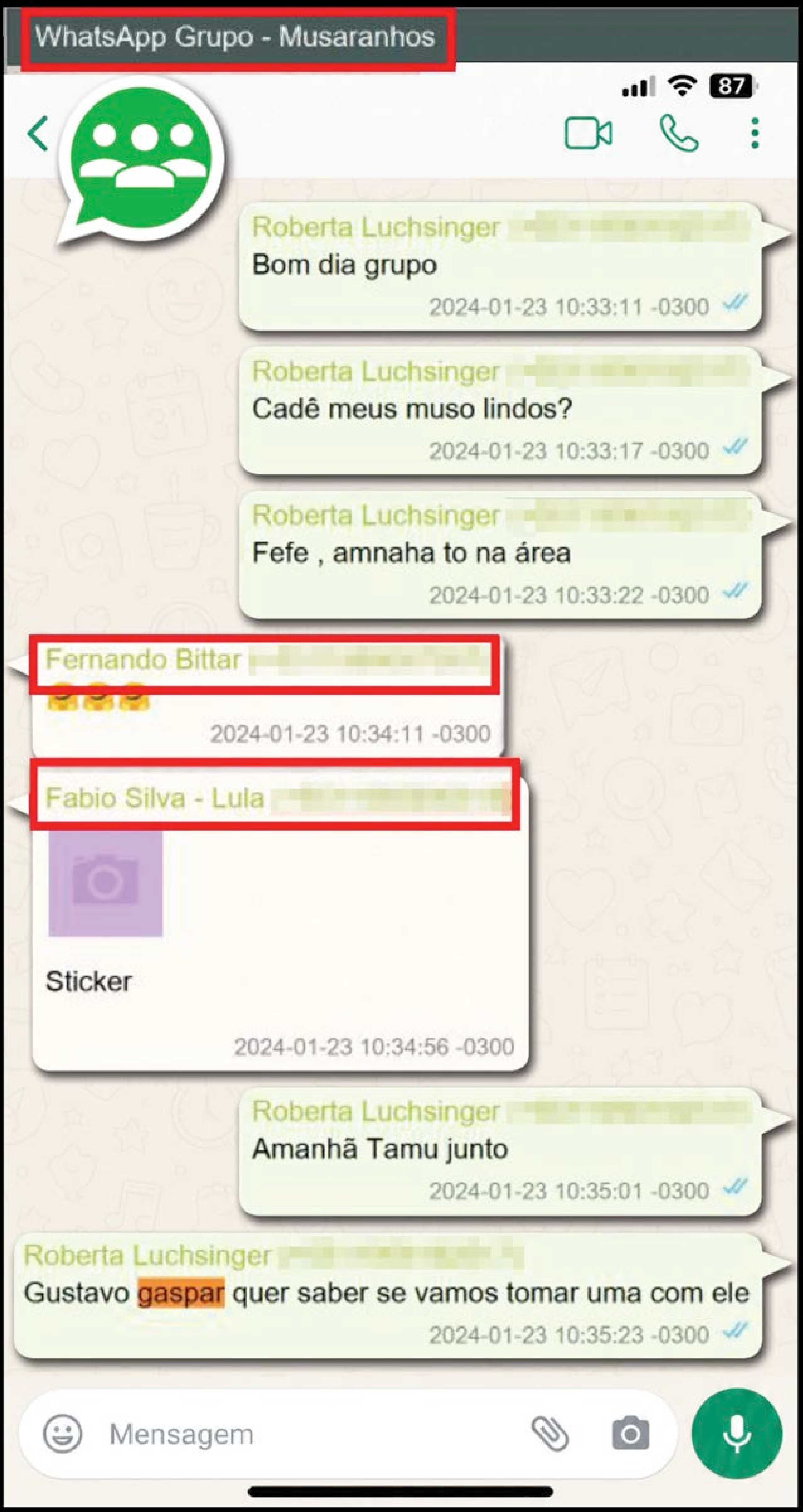
Nacionalidade
BRASILEIRO(A)

Endereço
R CARLOS WE [redacted] A, VL LEOPOLDINA 0530

OS “MUSARANHOS”

Bittar *(foto acima)* e Roberta criaram um grupo de WhatsApp e, por sugestão do filho do presidente, batizaram-no com o nome de um animal que parece um rato

GLOBALP/GETTY IMAGES



WhatsApp Grupo - Musaranhos

Roberta Luchsinger [redacted]
Bom dia grupo
2024-01-23 10:33:11 -0300

Roberta Luchsinger [redacted]
Cadê meus muso lindos?
2024-01-23 10:33:17 -0300

Roberta Luchsinger [redacted]
Fefe , amnaha to na área
2024-01-23 10:33:22 -0300

Fernando Bittar [redacted]
😂😂😂
2024-01-23 10:34:11 -0300

Fabio Silva - Lula [redacted]
Sticker
2024-01-23 10:34:56 -0300

Roberta Luchsinger [redacted]
Amanhã Tamu junto
2024-01-23 10:35:01 -0300

Roberta Luchsinger [redacted]
Gustavo gaspar quer saber se vamos tomar uma com ele
2024-01-23 10:35:23 -0300

clusive em locais de difícil rastreamento ou cooperação internacional", destacou a PF.

Segundo o inquérito, o trio integrado por Lulinha teria avançado os limites do lobby empresarial. "Eu posso chegar em qualquer parlamentar, por exemplo, e dizer: essa lei não é boa, vai ter um impacto negativo sobre os postos de trabalho. Isso é lobby e é legítimo", explica Vitor Schirato, professor de direito administrativo da Universidade de São Paulo. "Agora, se eu tenho um irmão que é ministro, chego para uma pessoa que tem interesse direto naquele ministério e falo 'olha, se você me pagar 1 milhão de reais, eu convenço meu irmão a te dar uma decisão favorável', isso vira tráfico de influência, o que é crime."

Os planos e as maquinações financeiras do grupo começaram a ruir em abril do ano passado com o início da Operação Sem Desconto. O Careca do INSS foi preso, Roberta passou a ser investigada e Lulinha se mudou para a Europa depois do escândalo. A mudança, segundo os advogados dele, já estava prevista. De fato. A PF encontrou mensagens, postadas em janeiro de 2025, em que a lobista dizia que precisava destravar logo os negócios de interesse do grupo porque Fábio iria morar no exterior: "As coisas irão acontecer pq eu tenho q tirar o Fábio e família do país até junho", escreveu.

Em meados de 2025, Lulinha se mudou para a Espanha. Ele mora com a mulher e os filhos em Madri, num confortável condomínio com aluguel estimado em 5 000 euros, o equivalente a 30 000 reais. Sempre que questionado sobre a atuação empresarial do filho, Lula tem declarado que o primogênito jura inocência e que a PF possui total liberdade para prosseguir na investigação: “Se tiver alguma coisa, vai pagar o preço”. O presidente, aliás, não está indiciado no caso e sequer faz parte dos alvos da investigação. Advogado que representa Lulinha nos inquéritos da PF, Marco Aurélio de Carvalho nega que seu cliente tenha relação com negócios que envolvam a administração pública brasileira. “O Fábio carrega o peso do sobrenome”, afirma. “Se fosse qualquer outra pessoa, o inquérito já estaria arquivado.” Roberta, por sua vez, se queixa de ter virado alvo principal das denúncias. Numa das mensagens reproduzidas no inquérito, ela profetizou: “Ou a gente vai ficar milionário ou vamos nos f... grande”. A primeira hipótese parece temporariamente fora de cogitação. ■

LARGADA SOB TENSÃO

Os desafios políticos e pessoais dos candidatos no início dessa que promete ser a eleição presidencial mais disputada da história **DANIEL PEREIRA** E **HUGO MARQUES**

COMÍCIO Lula em São Bernardo do Campo: ele ainda é favorito, mas sondagens mostram recuperação do principal rival

NELSON ALMEIDA/AFP

DISPUTANDO pela sétima vez a Presidência em dez eleições realizadas desde a redemocratização, Lula nunca teve vida fácil nas urnas. Depois de ser derrotado em suas primeiras campanhas (1989, 1994 e 1998), ele conquistou três mandatos presidenciais (2002, 2006 e 2022), um recorde nacional, em páreos nos quais aparecia como favorito e sonhava em liquidar a fatura no primeiro turno, mas foi obrigado a disputar o segundo. Na eleição passada, a esperança de vitória se transformou

PRESIDENTE
222
DOMINGOS SÁVIO

EM FAMÍLIA Flávio: a estratégia do senador oposicionista continua sendo pegar carona na popularidade do pai

VITTOR SALES

em apreensão depois de Jair Bolsonaro levar a votação para uma rodada final, vencida pelo petista por uma diferença de apenas 1,8 ponto porcentual, ou 2,1 milhões de votos. Neste ano, a tendência é de uma competição também acirrada. Com a máquina pública nas mãos, Lula aparece numericamente à frente nas pesquisas, mas em situação de empate técnico nas simulações de segundo turno com o senador Flávio Bolsonaro (PL). O presidente não ostenta o amplo favoritismo de tempos passados e terá de superar obstáculos consideráveis a fim de renovar o mandato. Entre eles, a imagem desgastada, que também dificulta a vida de seu principal rival.

Iniciada oficialmente no domingo 16, a sucessão presidencial deve ser mais uma vez uma batalha de rejeições, na qual o eleitor escolherá, como gostam de ressaltar políticos e especialistas, o candidato que eles consideram o “mal menor” para o país. Hoje, Lula e Flávio Bolsonaro são rechaçados por metade do eleitorado. Em seus atos iniciais de campanha, eles pouco fizeram para mudar esse quadro, porque falaram mais para as próprias bolhas e preferiram olhar para o retrovisor, deixando de lado o que realmente importa: o futuro do país. O presidente foi a estrela de um comício no estádio da Vila Euclides, em São Bernardo do Campo (SP), palco das greves históricas que liderou em 1979. Como de costume, ele exaltou a própria biografia, cujo sucesso creditou ao “dedo de Deus”, citou programas de governo que considera bem-sucedidos e se apresentou como o quadro talhado para evitar a volta da direita bolsonarista ao poder. “Que futuro você quer para o povo brasileiro se *(o governante)* ri de um velhinho que está morrendo asfixiado por falta de ar", declarou, referindo-se ao descaso de Jair Bolsonaro com a vida alheia durante a pandemia de covid-19.

Enquanto a estratégia do presidente é se contrapor ao antecessor, inclusive comparando indicadores econômicos e sociais de suas respectivas gestões, Flávio Bolsonaro mantém o plano de pegar carona na popularidade do pai, condenado a 27 anos e três meses de prisão por tentativa de golpe. O Zero Um abraçou de vez a ideia de ser uma espécie de avatar do ex-presidente. Mesmo a tentativa de marcar um pouco de diferença e encenar moderação está ficando pelo caminho. O plano é difundir a ideia de que votar no rebento significa redimir o patriarca. Não à toa, a programação inicial da campanha previa um cenário e uma mobilização para lembrar eventos protagonizados pelo ex-presidente nas ruas, mas o resultado não foi o esperado. O primeiro ato do senador foi em Copacabana, onde o capitão chegou a reunir 64 000 pessoas em 7 de setembro de 2022, segundo estimativa do Monitor de Debate Político da USP. Já Flávio Bolsonaro conseguiu levar apenas 9 000 pessoas à orla e não foi prestigiado por importantes cabos eleitorais da direita, como o governador Tarcísio de Freitas, o deputado Nikolas Ferreira e a ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro.

Depois de mover mundos e fundos para tentar uma aliança eleitoral com os partidos do Centrão, o senador, que tem 45 anos de idade e mandatos eletivos desde os 21, tentou se apresentar como o candidato antissistema, figurino que ajudou o pai dele a vencer em 2018, mas agora é reivindicado pelo postulante do Missão, Renan Santos, cuja pose de outsider tem conquistado principalmente os mais jovens. “Está todo mundo contra mim”, lamentou Flávio Bolsonaro. Não foi o único revés da largada. Após o comício, o Zero Um foi ao estádio de São Januário torcer para o seu time de coração, o Vasco da Gama. Viu a equipe ser goleada pelo Santos e ainda acabou vaiado. No dia seguinte, planejava participar de uma motociata em Juiz de Fora (MG), município no qual Jair Bolsonaro sofreu um atentado a faca em setembro de 2022. Não deu certo. Problema de mau tempo e de logística, alegou a campanha. Falta de interessados, retrucaram os petistas. O fato é que os dois líderes em intenção de voto não empolgam o eleitorado fora das bolhas. Alguns levantamentos mostram que nas pesquisas espontâneas, nas quais não são apresentados os nomes dos postulantes ao Palácio do Planalto, metade dos entrevistados não tem candidato.

Essa situação é compreensível. A menos de dois meses da votação, Lula e Flávio Bolsonaro não apresentaram propostas detalhadas para os principais problemas do país, da crise na área da segurança pública ao desajuste das contas públicas. Na falta de projetos consistentes, preferem apostar as fichas em desgastar um ao outro. No final das contas, na guerra de rejeições, o mais importante não é ser o mais querido, mas o menos detestado. É por isso que o senador ressaltou em seus discursos, nos últimos dias, a abertura de três inquéritos no Supremo Tribunal Federal (STF) contra Fábio Luís da Silva, filho mais

Ines249

MARINA UEZIMA/BRAZIL PHOTO PRESS/AFP

FILÃO Zema: o ex-governador reforçou as críticas aos ministros do Supremo

velho de Lula, por suposto tráfico de influência *(leia a reportagem "Relações perigosas").* Governistas admitem que o caso está desgastando a campanha à reeleição do presidente e contribuiu para que a vantagem sobre o oposicionista diminuísse em sondagens recentes. Ressaltam, no entanto, que o efeito das denúncias de supostos crimes de Lulinha pode ser atenuado, ou neutralizado, quando a campanha petista reforçar os vínculos de Flávio Bolsonaro com Daniel Vorcaro.

Em mensagens de áudio e texto, o Zero Um pediu 134 milhões de reais para o ex-banqueiro, dono do Master e protagonista da maior fraude bancária da história do país, supostamente para financiar uma cinebiografia sobre Jair Bolsonaro. Resta saber o quanto algumas denúncias graves podem afetar as eleições. "A corrupção virou uma constante, ela não serve de critério de escolha do eleitor. O escândalo de corrupção, no geral, não abala muito", diz Nara Pavão, professora do Departamento de Ciência Política da Universidade Federal de Pernambuco. Os políticos concordam que os danos são generalizados. Apesar disso, há o temor de que um fato novo sobre determinado escândalo, se divulgado à véspera da votação ou transformado numa novela de forte apelo popular, possa fazer a balança eleitoral pender para um lado. Lula, que era estilingue no caso do Master e virou vidraça devido às andanças por Brasília de seu primogênito, não quer pagar para ver. Numa tentativa de se dissociar da investigação aberta contra o primogênito, ele declarou que Lulinha pagará se for culpado e defendeu a autonomia da Polícia Federal para apurar o caso.

Na coordenação da campanha à reeleição, há a percepção de que o resultado de outubro depende mais de Lula do que de Flávio Bolsonaro. Por deter a caneta mais poderosa da República, o presidente teria mais meios para reduzir sua rejeição, avançar na base da pirâmide eleitoral e conquistar o eleitor independente, considerado o fiel da balança. Lula está totalmente dedicado a isso. Ele já lançou um pacote de bondades estimado em mais de 200 bilhões de reais. Além disso, incumbiu a equipe econômica de encontrar um espaço no Orçamento que lhe permita anunciar, antes da eleição, um reajuste no valor do Bolsa Família, que beneficia cerca de 50 milhões de brasileiros. Se sair, o reajuste pode render dois frutos. Um deles é atenuar a reclamação dos mais pobres com o custo de vida. O outro é levá-los, em retribuição, a comparecer em peso às ur-

Ines249

Agencia Fotonoticia

PESQUISAS Caiado: esforço para ultrapassar a barreira dos 5%

nas. Numa disputa tão acirrada, o governo teme que a abstenção nas classes de baixa renda dificulte a reeleição de Lula *(leia a reportagem "Dilema eleitoral").*

Outra bandeira eleitoral importante avançou com a costura de um armistício com o presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União Brasil-AP), com quem Lula não falava desde a decisão da Casa de rejeitar a indicação do advogado-geral da União, Jorge Messias, para o cargo de ministro do STF. Depois de se acertar com o chefe do Executivo, o comandante do Legislativo destravou a tramitação de duas PECs consideradas estratégicas pelo governo — a do fim da escala 6x1 e a da Segurança Pública. Na segunda-feira 17, Lula e Alcolumbre visitaram um navio-sonda da Petrobras que atua na costa do Amapá, onde a estatal pretende explorar petróleo na chamada Margem Equatorial. O presidente está tratando o assunto, como fez com a descoberta do pré-sal, como um passaporte para o futuro. Futuro que ele e Flávio Bolsonaro até agora não explicaram como será a partir de 2027.

Com a polarização cristalizada, os demais concorrentes não conseguem avançar, como ocorreu em 2022, quando Simone Tebet, agora candidata ao Senado, ficou em terceiro lugar no primeiro turno da corrida presidencial, com menos de 5% de votos. Esse percentual tem sido o teto de presidenciáveis como Ronaldo Caiado (PSD) e Romeu Zema (Novo), que voltou a fazer críticas aos ministros do Supremo Tribunal Federal. Ex-governador, Caiado alega que Flávio Bolsonaro, apesar da força nas pesquisas, será derrotado por Lula. Para aumentar as chances de sucesso da direita, ele reivindica que o senador abra mão da candidatura para apoiá-lo. O Zero Um não aceita, obviamente. O presidente também não quer que isso ocorra, por preferir disputar o segundo turno contra o bolsonarismo. No comício da Vila Euclides, Lula teve a sensatez de dizer o seguinte: “Este país está devendo a si mesmo se transformar numa grande nação”. Pelo nível das campanhas até agora, isso não ocorrerá tão cedo. O mandatário só repisa seus programas, enquanto o oposicionista cita apenas a gestão do pai. “O Lula vende o presente, e os Bolsonaros vendem o passado. Existe um problema crônico no mundo inteiro, que é a dificuldade de vender o futuro”, diz Christian Lynch, doutor em ciência política pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro. Em uma largada de campanha sob tensão, os favoritos estão mais preocupados em superar seus desafios políticos e pessoais. ■

FAVORITO Tarcísio: governador de São Paulo tem 50% das preferências no primeiro turno

MARINA UEZIMA/BRAZIL PHOTO PRESS/AFP

DILEMA ELEITORAL

Colégios como São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia podem definir suas disputas ainda no primeiro turno e esvaziar palanques importantes em meio à corrida presidencial **PEDRO JORDÃO**

DIOGO ZACARIAS

MISSÃO Haddad na comunidade de Heliópolis, em São Paulo: meta é levar sua campanha o mais longe possível

APÓS O TÉRMINO do prazo oficial de registro de candidaturas, em 15 de agosto, algumas das disputas estaduais mais importantes ficaram limitadas a apenas dois candidatos competitivos aos governos e, em razão disso, com grande perspectiva de serem encerradas ainda no primeiro turno. A pouco mais de seis semanas para a votação, esse é o cenário que se desenha com força, por exemplo, no maior colégio eleitoral do país (São Paulo), no terceiro (Rio de Janeiro) e nos três principais do Nordeste (Bahia, Pernambuco e Ceará). Levantamento feito por VEJA com base nas últimas sondagens estaduais mostra que quase seis em cada dez brasileiros (57,6%) poderão ter que sair de casa no segundo turno apenas para votar no candidato à Presidência da República, um cenário que pode impactar uma corrida que deverá ser acirrada até o final.

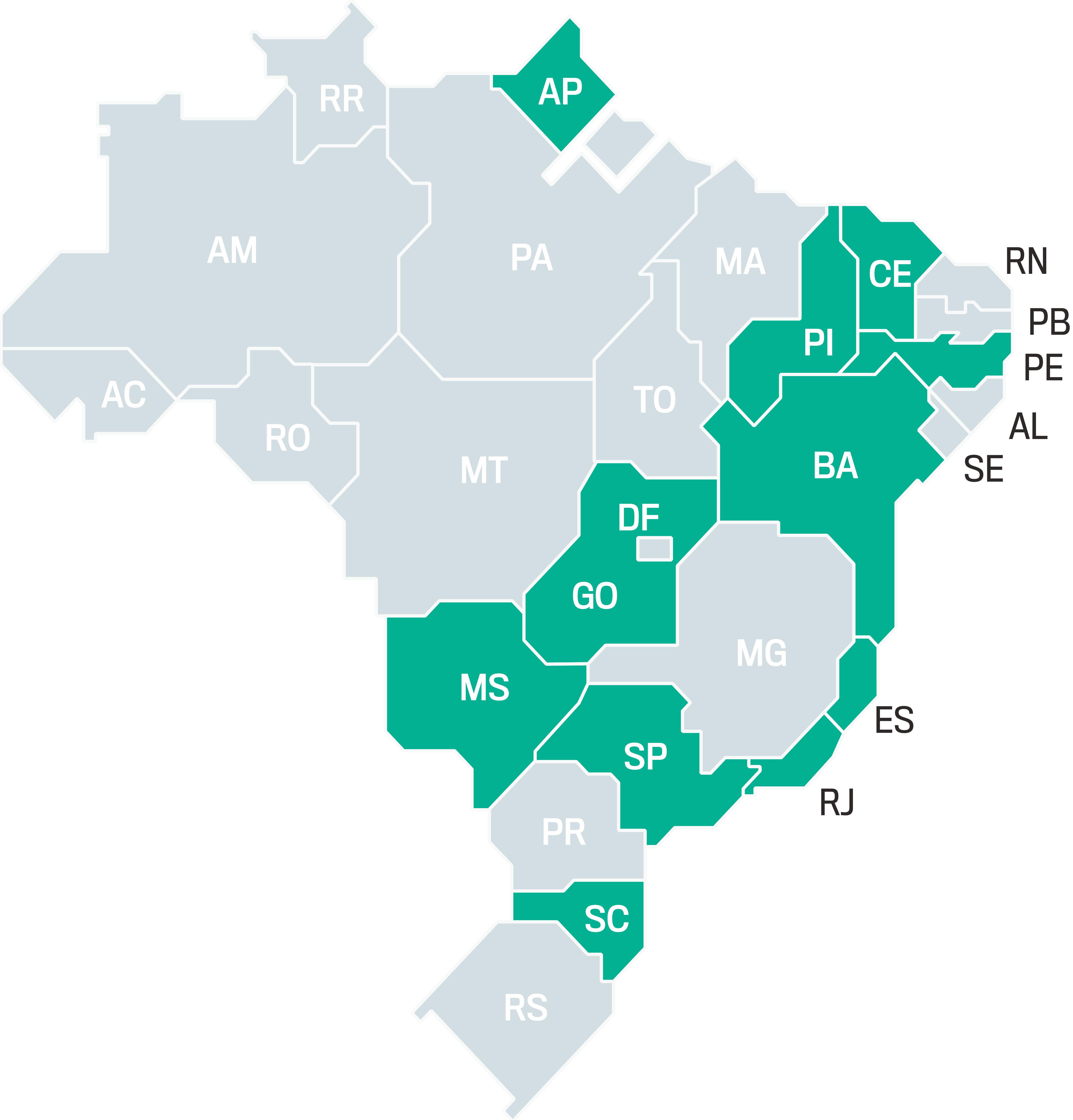
Se essa perspectiva se confirmar, o quadro será um evidente desafio para as duas maiores candidaturas presidenciais, as de Luiz Inácio Lula da Silva e Flávio Bolsonaro. Sem os palanques estaduais, eles terão de engajar seus eleitores para saírem de casa, o que não será tão simples, já que parte da militância tende a ser desmobilizada após o fim das disputas para governador, deputados e senadores. “Não é todo mundo que vai deixar de votar. Mas as campanhas vão precisar olhar para esses estados e mobilizar esse eleitor”, alerta Marcelo Tokarski, CEO do instituto Nexus. Em 2022, quinze estados encerraram as

DUELOS ANTECIPADOS

Redutos importantes caminham para decidir a eleição estadual ainda no primeiro turno

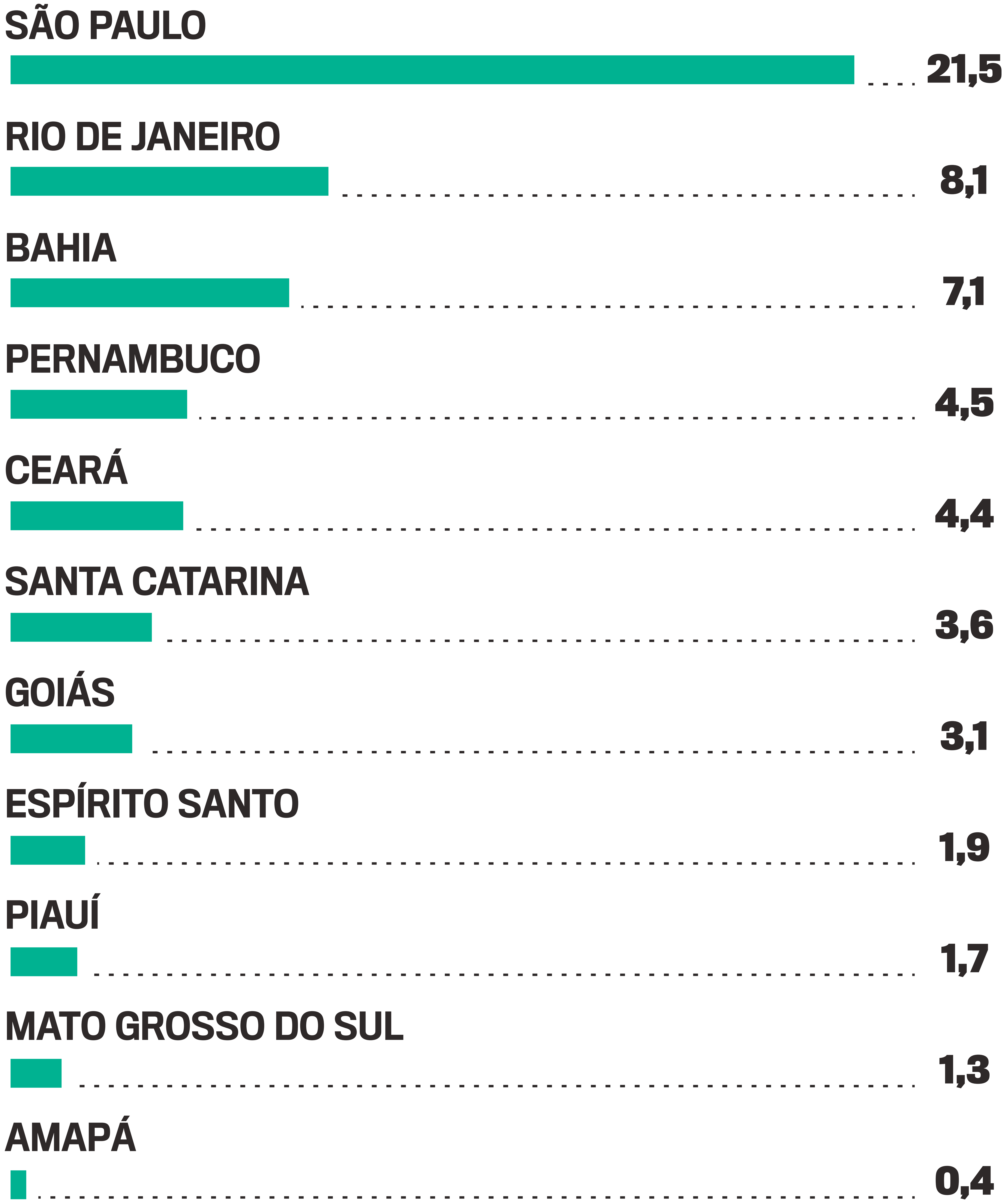
57,6%

DO ELEITORADO TOTAL DO PAÍS PODE TER ELEIÇÃO APENAS PARA PRESIDENTE NO SEGUNDO TURNO, DE ACORDO COM AS PESQUISAS. EM 2022, ESSE PERCENTUAL FOI DE 33,9%


RR
AP
AM
PA
MA
CE
RN
PB
PE
PI
AL
SE
AC
RO
MT
TO
BA
DF
GO
MG
MS
ES
SP
RJ
PR
SC
RS

LOCAIS QUE PODEM DECIDIR A ELEIÇÃO NO PRIMEIRO TURNO

(percentual do eleitorado nacional)



Fonte: *TSE*

disputas no primeiro turno, mas isso afetou apenas 33,9% dos eleitores, porque o tamanho dos colégios envolvidos era menor do que o que se projeta agora.

O grande diferencial hoje para a eleição de quatro anos atrás é São Paulo, que sozinho concentra 21,5% dos votantes do país. Levantamento divulgado pelo instituto Paraná Pesquisas na última semana mostrou que é real a probabilidade de a eleição para o comando do estado terminar no primeiro turno. O governador Tarcísio de Freitas (Republicanos) aparece com 50% das intenções de voto na primeira rodada contra 33,8% do ex-ministro Fernando Haddad (PT). Há ainda outros cinco candidatos nanicos que não somam 4% e não têm potencial para provocar o segundo turno. A derrota de Haddad logo de cara é ruim para Lula, que ficaria sem palanque no maior eleitorado do país, teria de enfrentar a desmobilização de parte da militância após mais um revés no estado onde o PT nasceu e ainda teria um empoderado Tarcísio de Freitas, potencial candidato a presidente em 2030, totalmente livre para se engajar na campanha nacional.

O cenário também é ruim para Lula na sua maior fortaleza eleitoral. Embora continue amplamente favorito no Nordeste, ele pode se ver sem palanques no segundo turno em todos os três maiores estados (Bahia, Pernambuco e Ceará) pela primeira vez. Em 2022, dos três, apenas o Ceará encerrou a disputa no primeiro turno, garantindo a continuidade do PT no poder pelo terceiro man-

FACEBOOK @CIROGOMESOFICIAL

45
CIRO
A CARA DO CEARÁ
BRASIL

AMEAÇA Ciro Gomes: tucano aparece bem nas sondagens e pode derrotar o PT no Ceará

dato consecutivo, com Elmano de Freitas. O petista, agora, no entanto, tem um desafio imenso; segundo o último Datafolha, ele tem 33% das intenções de voto contra 52% do ex-governador Ciro Gomes (PSDB). Na quinta 20, um levantamento da Real Time Big Data trouxe boas notícias para Elmano, mostrando que o quadro eleitoral evoluiu para empate técnico entre os dois candidatos. Cena semelhante de disputa apertada se desenha na Bahia, estado que deu a maior vitória a Lula há quatro anos e onde o PT construiu uma hegemonia que já dura duas décadas

— agora ameaçada pelo ex-prefeito de Salvador ACM Neto (União Brasil), que tem 50,9% das preferências do eleitor contra 40% do governador Jerônimo Rodrigues (PT), segundo o Paraná Pesquisas. Em vez de ajudarem Lula, são Elmano e Jerônimo que apelam ao petista para tentar prolongar a disputa.

O quadro é mais preocupante para Lula também porque ele claramente terá mais dificuldades no segundo turno do que no primeiro. Pesquisa BTG/Nexus da última semana mostra que o petista empata tecnicamente não só com seu principal adversário, Flávio Bolsonaro (47% a 44%), mas também com Ronaldo Caiado (45% a 42%) e quase com Romeu Zema (46% a 41% — a margem de erro é de 2 pontos percentuais para mais ou para menos. O cenário é parecido com o apontado por outros institutos e mostra que Lula, com rejeição de 50% e sem perspectiva de ampliar seus apoios no segundo turno, teria de lutar por todos os votos disponíveis.

Um enigma dentro desse cenário nas corridas estaduais é saber como se comportariam os vencedores antecipados. Sem eleições locais no segundo turno, a caça presidencial ao voto pode até depender da mobilização dos derrotados — o que é difícil —, mas tem maior chance de sucesso se tiver o engajamento de quem triunfou nas urnas. O perfil dos favoritos, no entanto, põe em dúvida se haverá real comprometimento deles com as candidaturas presidenciais. À exceção de Tarcísio, que é

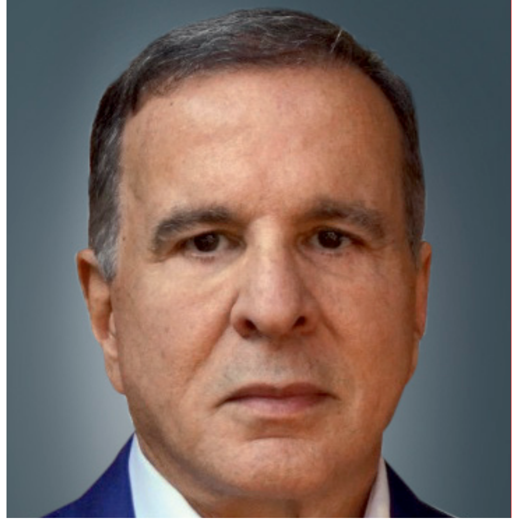
FACEBOOK @ELMANODEFREITAS

ESFORÇO Elmano de Freitas: apoio em Lula para tentar garantir a reeleição

coordenador da campanha de Flávio em São Paulo, é improvável que Ciro Gomes, ACM Neto, Eduardo Paes e Raquel Lyra, hoje favoritos, entrem de fato numa disputa presidencial acirrada no segundo turno.

No caso dos três primeiros, há o agravante de que, além de não terem mais palanques, não estarão ainda no comando de nada e precisarão construir a sustentação política de seus futuros governos. Eduardo Paes, por exemplo, transita entre progressistas e conservadores e, uma vez eleito, poderá mirar o espólio deixado pelos derrotados no estado. Também há o cálculo de quanto vale se indispor com o futuro presidente, com quem precisarão conversar na futura gestão. “Bahia, Pernambuco e Ceará dependem muito de transferência de recursos do governo federal. Isso vai mudar a relação dos governadores eleitos com quem quer que seja presidente”, aponta Eduardo Grin, cientista político da FGV-SP.

O problema da abstenção do eleitor não é um desafio pequeno. Em todas as eleições presidenciais de 2002 a 2018, ela cresceu entre o primeiro e o segundo turno. Nos últimos anos, tem girado em torno de 20%. Curiosamente, 2022 foi o único ano desse período em que a taxa caiu levemente no segundo turno (de 20,9% para 20,6%). Um componente para mobilizar o eleitor será apostar de novo na polarização — ou, mais exatamente, no duelo de rejeições que deve marcar a segunda volta na corrida ao Planalto. “A eleição polarizada indica que há outros fatores que podem nacionalizar o pleito, mesmo depois que os processos estaduais estejam resolvidos”, diz Grin. O certo é que todo voto irá contar no segundo turno, e o naufrágio ou sucesso em colégios importantes como São Paulo e Bahia pode ser a diferença entre a vitória ou a derrota. Convencer o eleitor a sair de casa nunca foi tão essencial. ■



MURILLO DE ARAGÃO

A REPÚBLICA DOS VAZAMENTOS

O eleitor pode não distinguir denúncia legítima de operação política

O BRASIL, país criativo, coleciona apelidos para si mesmo com a devoção com que outros povos colecionam vitórias. Já escrevi aqui sobre a “República da Atenção” — aquela em que capturar o olhar, com verdades ou mentiras, é o que importa. Acrescento uma expressão que faltava: a “República dos Vazamentos”.

Brasília não é uma caixa d’água com furos. É uma caixa d’água projetada com furos, cujos escoamentos podem ter destinatário e horário nobre. Pelas aberturas escorrem investigações sigilosas, disputas entre ministros, mensagens de aplicativos e boatos plantados com o esmero de quem cultiva orquídeas.

Vazar, na capital, é uma forma refinada de conversa. E os que hoje se indignam com a torneira aberta amanhã estarão, discretamente, pedindo emprestada a chave. Aliás, entre muitos, a conversa privada por telefone já é considerada pública. Vale lembrar que a Operação Lava-Jato deu grande impulso ao uso do WhatsApp para conversas telefônicas por ser criptografado.

Convém fazer uma distinção que a indignação seletiva costuma dispensar. Há o vazamento de interesse público — o que expõe o que o poder queria esconder do cidadão e que a imprensa tem o dever de apurar. E há o vazamento estratégico, com destinatário certo e cronograma calculado, que serve para desgastar rivais, proteger aliados ou influenciar decisões. Tratá-los como iguais é o método preferido de quem sabe que o cinismo generalizado é a melhor forma de camuflar operações e episódios pouco recomendáveis.

O fenômeno se intensifica em ano eleitoral. Neste século, o falso dossiê de 2006, que envolvia o então candidato ao governo de São Paulo José Serra e sua atuação como ministro da Saúde, pode ser considerado um marco — o episódio legou ao léxico nacional a palavra “aloprados”. Mas, desde o Império, toda eleição relevante recebeu sua

> **“Brasília é uma caixa d’água feita com furos, cujos escoamentos podem ter destinatário e horário nobre”**

dose de documentos convenientes, delações oportunas e investigações que amadurecem, com precisão de calendário, perto do voto.

A campanha de 2026 reúne os ingredientes para ampliar o fenômeno. Os escândalos do INSS e do Banco Master produziram uma safra documental raramente vista — na qual até o vazamento já é investigado. A esse arsenal soma-se a inteligência artificial. O material falso nem precisa ser bom: basta durar algumas horas e obrigar o alvo a passar semanas desmentindo. E há o efeito colateral, mais corrosivo: qualquer registro verdadeiro e desconfortável pode agora ser dispensado como “montagem”. A dúvida, que era virtude cética, virou álibi.

Os favoritos à Presidência têm rejeições próximas a 50%. Nesse equilíbrio precário, não é preciso destruir o rival — bastam um ou dois pontos percentuais para mudar o jogo. O vazamento é a arma de precisão da política de margens estreitas. Considerando que uma parcela pequena de eleitores vai decidir o pleito, salvo fato novo, um vazamento minimamente acreditável pode alterar o rumo da eleição. Daí a necessidade de as campanhas não apenas divulgarem notícias ruins sobre adversários, mas prepararem vacinas que reduzam o dano. Enquanto o custo do vazador seletivo ficar próximo de zero, o instrumento seguirá sendo usado — e o eleitor perde a capacidade de distinguir denúncia legítima de operação política. Não é falha moral do eleitor. É a engenharia do sistema que pode induzir o cidadão ao erro. ■

INSTAGRAM @JHCDOPOVO

PEÇA-CHAVE JHC ao lado da esposa, Marina: hesitação até o limite do prazo

UM XADREZ COMPLICADO

Indefinições e reviravoltas marcam a reta final da pré-campanha em Alagoas, mobilizam os grupos de Renan e Lira e espalham incerteza com a entrada de JHC na corrida ao governo **ANNA SATIE**

NA MANHÃ do último dia para registro das candidaturas, os principais concorrentes ao governo de Alagoas ainda não haviam se apresentado à Justiça Eleitoral. A indefinição, levada até os minutos finais de 15 de agosto, foi resultado de uma série de movimentos de última hora, que incluíram a escolha do deputado Alfredo Gaspar (PL), até então um dos principais nomes na disputa pelo Senado, para ser vice na chapa de Flávio Bolsonaro (PL) à Presidência e o vaivém em torno de qual cargo disputaria João Henrique Caldas (PSDB), o popular ex-prefeito de Maceió conhecido como JHC. E, não menos importante, teve como pano de fundo a disputa entre os grupos dos dois maiores caciques locais: o deputado Arthur Lira (PP) e o senador Renan Calheiros (MDB), ambos em busca de vaga no Senado.

A movimentação mais importante envolveu o futuro político de JHC. Embora as pesquisas o colocassem numericamente à frente na disputa pelo governo, sua candidatura era incerta até o limite do prazo. Reeleito prefeito de Maceió em 2024 com 84% dos votos, ele era o principal nome da oposição para enfrentar Renan Filho (MDB), ex-governador que tenta retornar ao cargo depois de ser ministro de Lula. Há tempos, JHC e Lira negociavam uma composição, com o ex-prefeito como candidato ao governo e o deputado, ao Senado. No entanto, conforme o prazo para definição foi se aproximando, a situação foi ficando nebulosa. JHC nem apareceu na convenção tucana, que deixou em aberto na ata quem seria o nome ao governo. No início da semana-limite, o ex-prefeito

Ines249

INSTAGRAM @OFICIALARTHURLIRA

JOGADA Lira: beneficiado pelas saídas de Gaspar e JHC da corrida ao Senado

voou a Brasília, se reuniu com Lula, aliado dos Renan, e manifestou a intenção de concorrer ao Senado.

O movimento mostra como JHC estava no centro de uma equação peculiar. Ao mesmo tempo que tinha um acordo com Lira, ele manteve diálogo com Lula, que nomeou a tia dele, Marluce Caldas, ministra do Superior Tribunal de Justiça, em 2025. Além de deixar o caminho de Renan Filho ao governo praticamente livre, uma candidatura de JHC ao Senado ameaçaria diretamente Lira, que havia ganhado espaço com a saída de Gaspar. Não foi à toa, portanto, que o encontro com Lula irritou aliados do ex-presidente da Câmara, que viram a mudança nos planos como traição. Diante da pressão, JHC recuou e formalizou a candidatura ao governo no dia 15, com a esposa, Marina Candia, candidata ao Senado (e a mãe dele, Eudócia Caldas, de suplente), além de Lira.

Ines249

15
15
PRA FAZER HISTORIA de NOVO
SENADOR RENAN
RENAN

FELIPE BRASIL/MDB

HEGEMONIA Renan Filho e Renan Calheiros: MDB governa o estado desde 2015

A definição de última hora também obedeceu a cálculos eleitorais mais complexos. Como sua candidata a vice, JHC escolheu Célia Rocha (PSDB), ex-prefeita de Arapiraca, a segunda maior cidade alagoana e tida como estratégica na campanha. Tão importante que atrasou também a definição da chapa de Renan Filho. O MDB havia formalizado a candidatura no dia 5 com uma vice provisória, a assessora parlamentar Marina Lamenha, para que as negociações seguissem ocorrendo. Poucas horas antes do encerramento do prazo, Renan Filho anunciou Yale Fernandes, presidente do MDB e ex-vice-prefeito (veja só) de Arapiraca.

A escolha dos vices evidencia o papel central que o eleitorado de fora de Maceió terá na disputa. A divisão entre capital e interior atravessa a política alagoana: de um lado, está a capital, onde JHC construiu sua força e onde o eleitorado é mais identificado com a direita — foi a única capital do Nordeste que deu a vitória a Jair Bolsonaro contra Lula em 2022. Já Alagoas foi o único estado onde Lula perdeu em 2002, quando chegou à Presidência pela primeira vez. “Ao longo dos anos, com os programas sociais e transferências de recursos, o interior foi ficando cada vez mais lulista, mas a capital permaneceu uma bolha, com forte influência das elites locais, extremamente conservadoras”, diz a professora de ciência política Luciana Santana, da Universidade Federal de Alagoas, que avalia que neste ano Lula pode ganhar em Maceió. É por esse exato motivo que JHC deve se manter neutro na disputa presidencial — por isso, a despeito de ter escolhido um vice alagoano, Flávio Bolsonaro pode ficar sem palanque forte no estado.

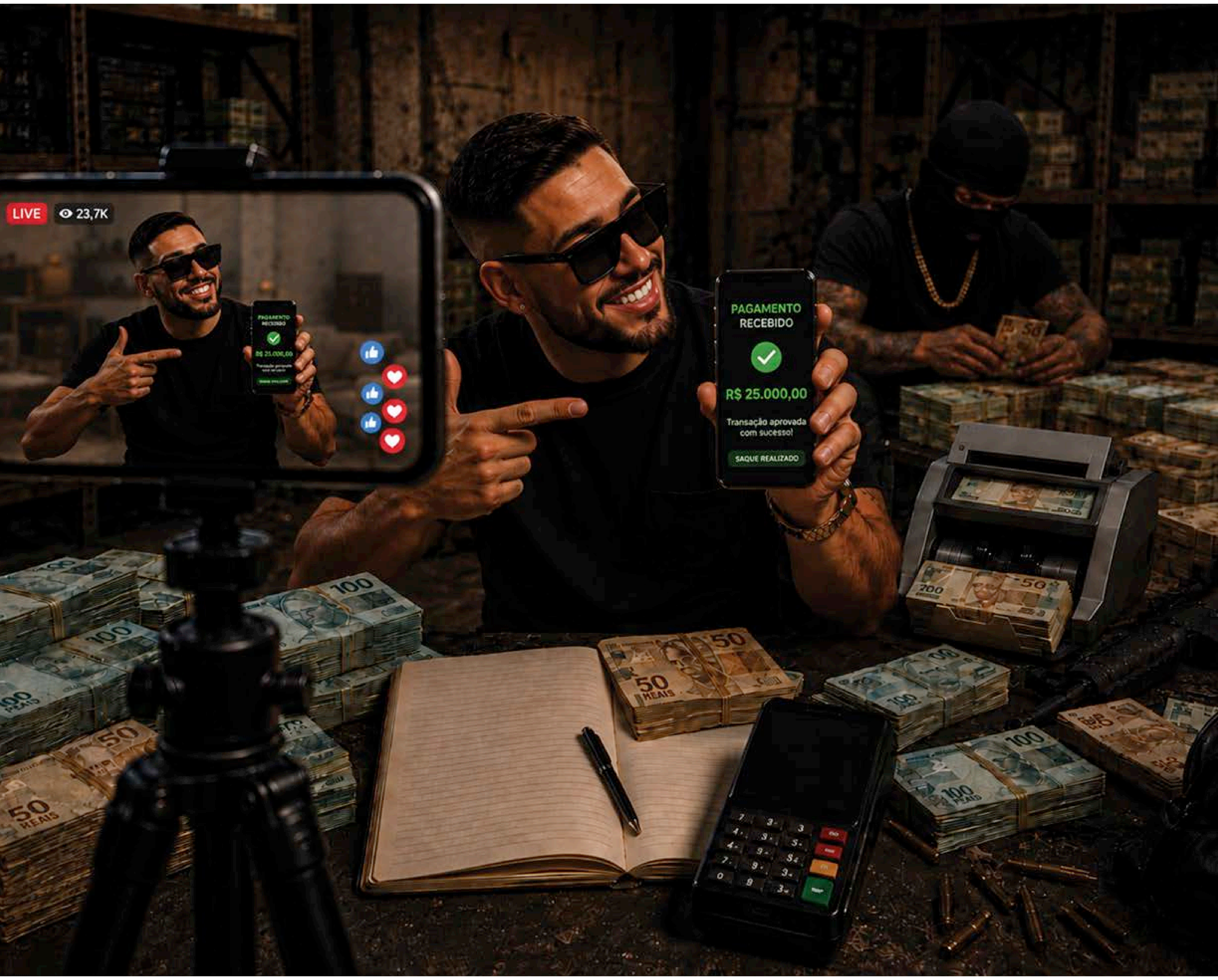
Tão embaralhada quanto a formação das chapas está a disputa nas pesquisas. No levantamento do Paraná Pesquisas de julho, JHC tinha 45,9% das intenções de voto, e Renan Filho, 41% — um empate na margem de erro de 2,7 pontos percentuais. No Senado, Gaspar liderava com 40,4%, seguido por Lira, com 39,9%, e Renan Calheiros, com 36,4% — os três também empatados. Ainda não foram divulgadas pesquisas sem Gaspar, o que acrescenta mais uma incógnita ao cenário.

A eleição de Alagoas, em que pese as intervenções de Lula e de Flávio, não é uma simples reprodução da polarização nacional. Ao contrário, ela é atravessada por uma teia de alianças locais. Em uma eleição que também testa a força dos dois grupos políticos mais influentes do estado, a disputa promete ser acirrada até o fim. ■

Ines249

REDE CRIMINOSA

Um levantamento inédito mostra que grandes facções encontraram em uma pulverizada teia de influenciadores e bets ilegais uma via para lavar cifras bilionárias **RAYSSA MOTA**


LIVE
23,7K
PAGAMENTO RECEBIDO
R$ 25.000,00
Transação aprovada com sucesso!
SAQUE REALIZADO

SÓ NO GOLPE Contrafeitor em ação: apostas on-line de faz de conta movimentam os lucros dos marginais

IMAGEM GERADA POR IA

NEGÓCIOS que giram vultosas somas de dinheiro vivo são atrativos aos olhos do crime, que encontra ali brechas para lavar verbas amealhadas com suas variadas atividades. Pois a bandidagem está agora migrando em massa para as redes, onde é ainda mais fácil depositar cifras milionárias, que de lá percorrem um labirinto de ilegalidades até retornarem ao bolso das quadrilhas, sem carimbo de procedência e livres para uso.

O esquema virtual, que mobiliza polícias de todo o país, já pôs na mira influenciadores que contam com multidões de seguidores, tais como MC Poze do Rodo, Bia Miranda e Deolane Bezerra, a mais famosa deles, hoje presa, por indícios de estarem a serviço de grandes facções. Mas a engrenagem, que consiste em se aproveitar de um ambiente comercial de difícil fiscalização, vem rapidamente se sofisticando e hoje abrange uma teia muito maior e menos visível de influencers de menor envergadura e desconhecidos do grande público.

Um levantamento exclusivo, feito a pedido de VEJA, dá a dimensão do fenômeno nos dois estados onde o crime organizado mais fincou seus tentáculos — São Paulo, base do Primeiro Comando da Capital (PCC), e Rio de Janeiro, onde reina o Comando Vermelho (CV) —, além de Ceará, Rio Grande do Norte e Rio Grande do Sul. Da varredura na Polícia Civil e nos Ministérios Públicos locais emerge uma lista de 31 influenciadores investigados por ligação com o crime, uma lista que lança luz sobre nomes que pela primeira

Ines249

Namaste SPA
Namaste SPA
PRADA
MILANO

REPRODUÇÃO

PURA OSTENTAÇÃO

Enquanto dava dicas de moda e exibia o passaporte carimbado, a carioca **Luíza Ferreira** conferia credibilidade a uma bet de fachada. Por sua conta, passaram 700 000 reais, quantia muito superior à declarada no Imposto de Renda. Ela nega atuar na ilegalidade e diz ganhar a vida com trabalho honesto.

vez vêm à baila. Juntos, eles alcançam 149 milhões de seguidores e são suspeitos de movimentar a portentosa quantia de 7 bilhões de reais em transações financeiras que conferem uma fachada legal ao dinheiro sujo.

As apurações começaram de cinco anos para cá, desencavando manobras nebulosas capitaneadas por uma turma jovem de diferentes nichos — funk, moda e fitness, entre eles. Às vezes não passam dos 100 000 seguidores, número acanhado diante de celebrados nomes da internet, que exibem seu lifestyle a uma plateia de milhões.

"Há inúmeras possibilidades de flutuação de dinheiro nesses perfis por sua natureza informal e desburocratizada", afirma o promotor Orlando Pugliese, do Ministério Público de São Paulo.

Assim como os peixes graúdos das redes, os donos de páginas sem tantos holofotes incorrem no mesmo leque de ilegalidades: participação em organização criminosa, estelionato, publicidade enganosa e infrações ligadas à exploração irregular do profícuo mundo das apostas on-line — esta uma nova faceta da lavanderia do crime. As investigações indicam que as quadrilhas operam bets ilegais, que funcionam sem autorização do Ministério da Justiça e quase sempre informam um endereço no exterior. Os influencers entram aí para ser o rosto por trás de perfis de mentirinha, atraindo seguidores (e potenciais apostadores) pelo sucesso que exalam ao exibir roupas de grife, joias, carros importados e viagens glamourosas. E muita gente desavisada faz ali sua fezinha, tal como a própria facção no comando do golpe. O caminho de volta da dinheirama para o caixa dos marginais percorre uma trilha que, segundo ressalta a polícia, passa por bancos, fintechs, laranjas, empresas frias e criptomoedas. Já a bolada das apostas que nunca existiram é rachada com os influenciadores, frequentemente na base do meio a meio.

Desbaratar o esquema é trabalho de alta complexidade, já que as quadrilhas ficam alertas e logo tiram suas bets do ar ao menor sinal de que podem ser flagradas. Não demora,

Quando alguém tenta
me ofender😛😂

REPRODUÇÃO

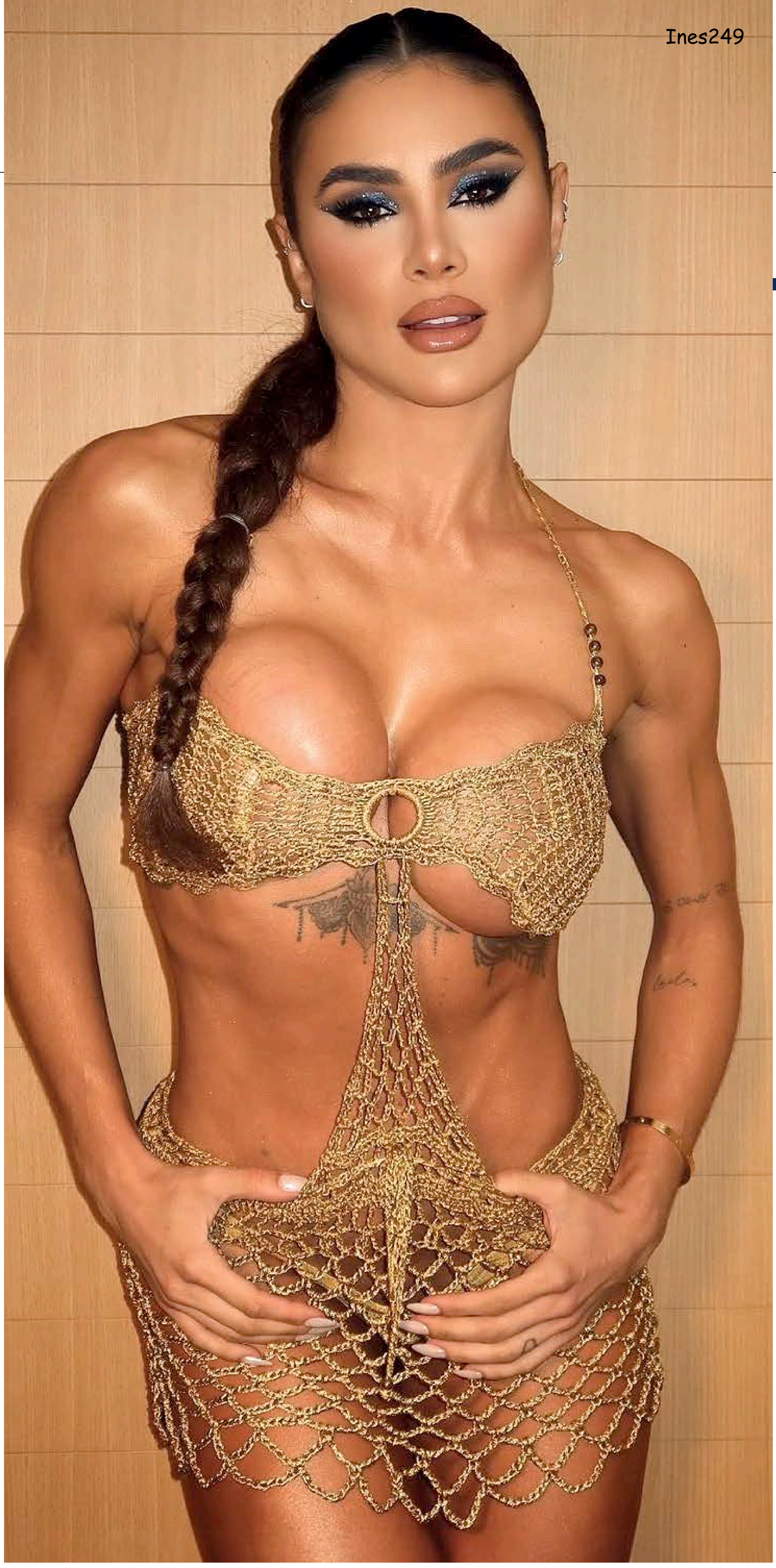
OLHA O DINHEIRO AÍ

Em seu perfil, agora fora do ar, **Vanessa Freires,** da Baixada Fluminense, exibia prêmios fictícios da jogatina que promovia. Sob suspeita de estar a serviço do CV, também teria uma loja de roupas para ajudar a limpar o dinheiro da quadrilha, segundo as investigações. Detalhe: ela figurava como beneficiária de um auxílio emergencial do governo para pessoas de baixa renda.

e abrem outra, em um jogo de gato e rato. “As casas de apostas ilegais são prioridade zero na caça às atividades desses influencers”, diz Ricardo Morishita Wada, à frente da Secretaria do Consumidor do Ministério da Justiça. O caso de Vanessa Freires é exemplar dos métodos empregados por donos de perfis que servem ao crime. Aos 100 000 que a seguiam antes de a Justiça bani-la das redes, ela ostentava maços de dinheiro, apresentados como prêmios da jogatina que ajudava a promover, girando meio milhão de reais para o CV. O inquérito, que lança suspeita ainda sobre uma loja de roupas e acessórios em seu nome, uma possível peça da lavanderia, enfatiza também uma contradição: apesar de esbanjar riqueza, a influenciadora chegou a figurar como beneficiária do auxílio emergencial destinado a pessoas de baixa renda, um sinal de que a moradora de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, não declara o que fatura.

Gente como ela não é procurada diretamente pelos integrantes das organizações criminosas — há sempre uma legião de intermediários na linha, cuja proximidade com os cabeças das facções varia. São eles que, em um universo infindável, têm a missão de recrutar os que imaginam estar dispostos a cooperar, seja no tête-à-tête, em festas que juntam influenciadores, seja on-line — em ambos os casos buscando um pessoal que já faz publis de bets. Dono da agência MS, Micael dos Santos de Morais, um dos investigados na Operação Desfortuna, chamou atenção pela recorrência com que contratava criadores desse tipo de conteúdo. E não deu outra: somando a movimentação em sua própria conta, com 15 000 seguidores, à dos outros a ele ligados, todos suspeitos de mover perfis de jogos de azar de faz de conta, o valor ficou em 7,8 milhões de reais. Curioso notar no inquérito que Micael aparece no banco de dados do Ministério do Trabalho como jovem aprendiz de uma rede de supermercados carioca, com remuneração mensal de 560 reais.

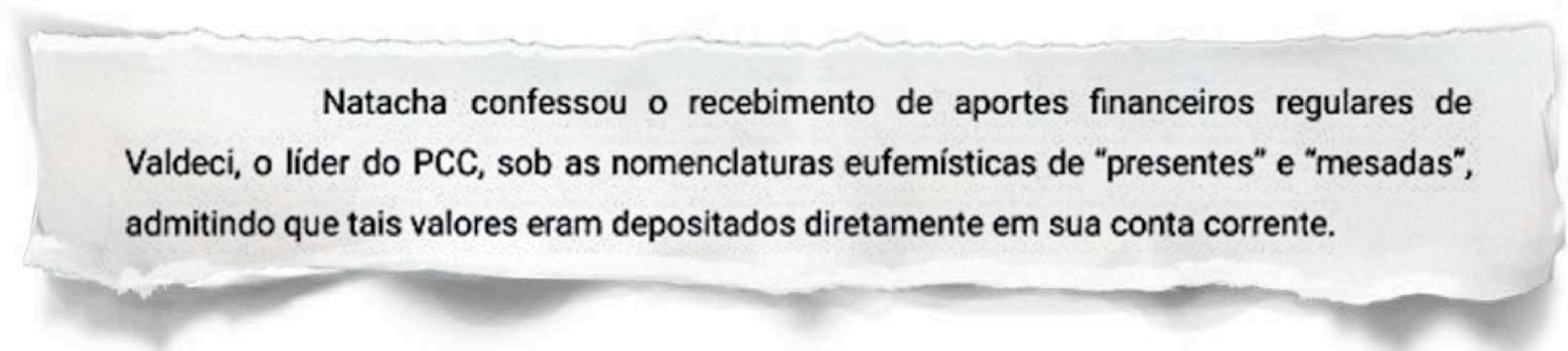
A operação que chegou ao nome de Micael abarca outros quinze suspeitos de manter perfis que propagandeiam cassinos virtuais inexistentes, entre eles a carioca Luíza Ferreira, cujas dicas no campo da moda eram acompanha-


Ines249

REPRODUÇÃO

“PRESENTE DO BANDIDO”

Ex-bailarina do *Domingão do Faustão,* **Natacha Silva,** do Rio Grande do Norte, era namorada de um dos chefes do PCC local, para quem movimentou 15 milhões de reais. Na investigação do MP *(abaixo),* ela diz que a dinheirama foi um presente do bandido, que também a agraciou com um intercâmbio nos Estados Unidos.

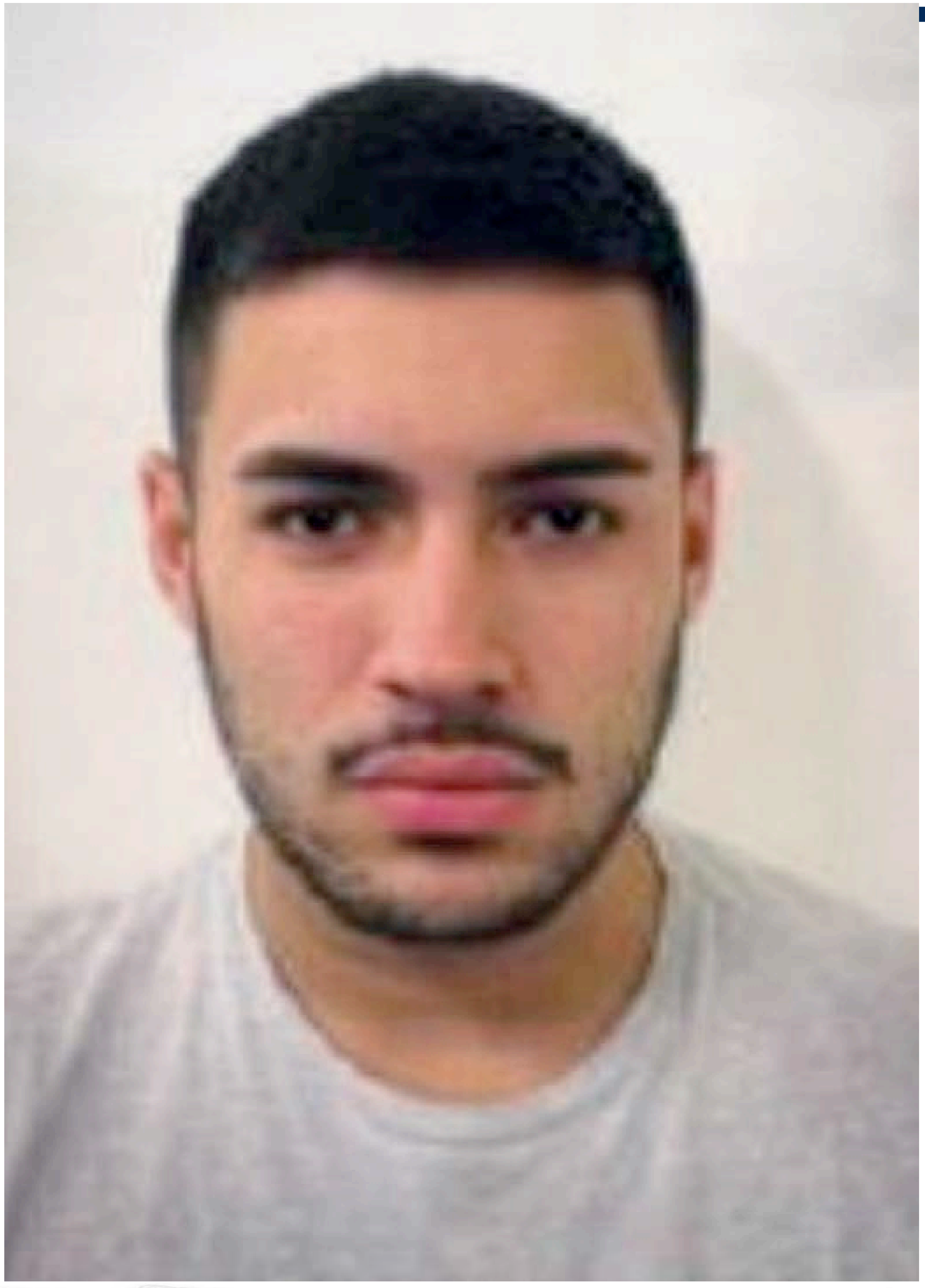


Natacha confessou o recebimento de aportes financeiros regulares de Valdeci, o líder do PCC, sob as nomenclaturas eufemísticas de “presentes” e “mesadas”, admitindo que tais valores eram depositados diretamente em sua conta corrente.

das por 100 000 pessoas. Com bolsa Prada de edição limitada a tiracolo e ostentando um passaporte com carimbos de países da Ásia e da Europa, ela teria lavado 700 000 reais, segundo as investigações, em uma série de transações bancárias, quantia muito superior à declarada no Imposto de Renda. Luiza negou participação em qualquer atividade ilegal e afirmou que seu patrimônio é fruto de anos de "trabalho honesto" nas redes sociais.

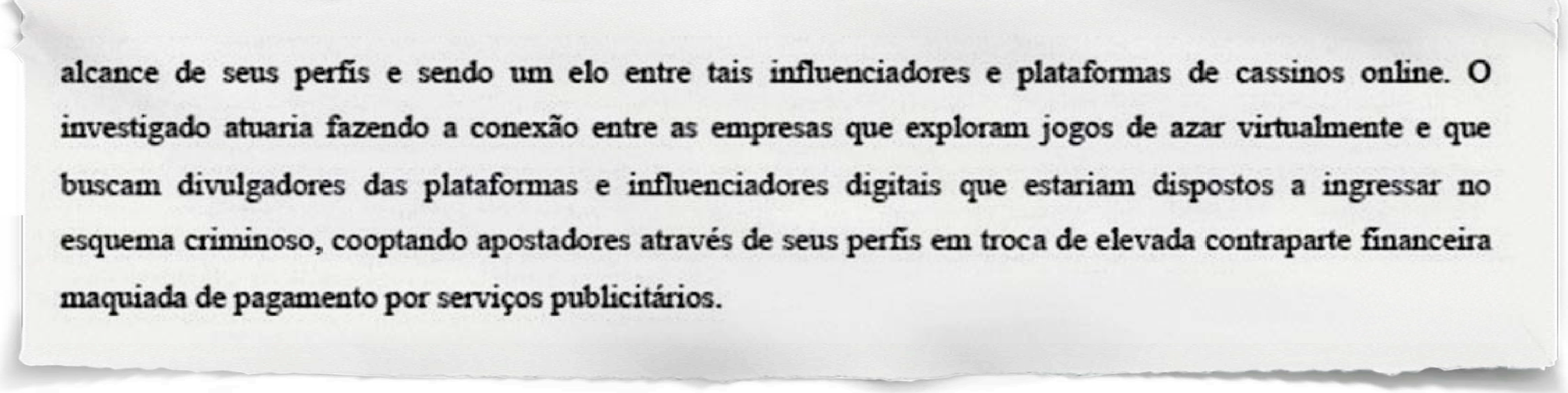
Ao tentar esmiuçar a teia de ilicitudes que liga bandidos e influenciadores, a qual sabidamente também engloba negócios de fachada com CNPJ dos donos desses perfis, a polícia vem esbarrando na dificuldade de cravar que certa publicidade teve o valor propositadamente inflado para se prestar à lavagem. "As quadrilhas mantêm com os influenciadores um elo 100% mercadológico, algo complexo de destrinchar", reconhece o delegado Renan Mello, da delegacia especializada em lavagem de dinheiro da Polícia Civil do Rio. Estabelecer o vínculo entre criadores de conteúdo e criminosos exige reconstruir extensas cadeias financeiras, quebrar sigilos e preservar provas que podem ser facilmente deletadas pelo celular. "Não adianta apenas tirar o influenciador do circuito, porque certamente vão encontrar outro que faça a mesma coisa. É preciso alcançar o andar de cima", afirma o promotor Flávio Duarte, do Ministério Público do Rio Grande do Sul.

No caso do PCC, uma investigação parece estar avançando nesse sentido. Ex-bailarina do *Domingão do Faustão* e musa do Carnaval, Natacha Silva pode vir a fazer a conexão com o topo da pirâmide dessa facção. Ela teve um relacionamento com Valdeci Alves dos Santos, o Colorido, um dos chefes da facção no Rio Grande do Norte. Tudo isso enquanto transformava os bastidores da vida artística em conteúdo para 1 milhão de seguidores. Segundo o Ministé-


REPRODUÇÃO

O RECRUTADOR

Dono de uma agência de influenciadores, **Micael de Morais** tinha a função de cooptar gente para fazer girar a lavanderia de marginais do Rio por meio de jogos de azar e publicidade, de acordo com o inquérito da Polícia Civil *(abaixo).* No banco de dados do Ministério do Trabalho, ele aparecia como jovem aprendiz.


alcance de seus perfis e sendo um elo entre tais influenciadores e plataformas de cassinos online. O investigado atuaria fazendo a conexão entre as empresas que exploram jogos de azar virtualmente e que buscam divulgadores das plataformas e influenciadores digitais que estariam dispostos a ingressar no esquema criminoso, cooptando apostadores através de seus perfis em troca de elevada contraparte financeira maquiada de pagamento por serviços publicitários.

rio Público potiguar, ela lavou 15 milhões de reais da quadrilha, que, em troca, teria bancado até um intercâmbio que tanto queria nos Estados Unidos. A defesa diz que Natacha jamais praticou qualquer ato ilícito e foi arrastada para o inquérito por conta apenas do antigo relacionamento.

Outra influenciadora apontada como integrante de um grande esquema — o que de todos da lista mais dinheiro movimentou — é a personal trainer Mayara Costa. Com

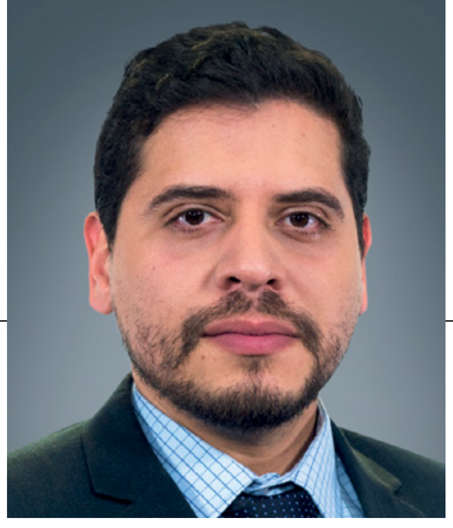
16 000 seguidores ao ser presa em junho, na cearense Sobral, sobre ela recai a acusação de participar de uma rede que acabou por “limpar” 1 bilhão de reais do CV por meio de empresas, imóveis e carros de luxo, segundo a investigação. Ao rastrear esquemas de tal envergadura, técnicos da Receita Federal admitem o quão difícil é lidar com mecanismos que acabam por facilitar a vida das quadrilhas, tais como as contas-bolsão, aquelas que misturam dinheiro de vários clientes, e os criptoativos, que funcionam à margem dos sistemas tradicionais de controle.

Outro dos obstáculos para desmantelar essas bem azeitadas engrenagens criminosas é a recusa das plataformas em fiscalizar quem atua em seu próprio ambiente. Investigadores ouvidos por VEJA foram unânimes ao enfatizar a necessidade de que comecem a adotar mecanismos semelhantes aos usados pelos bancos para identificar transações suspeitas. Ao longo deste ano, o Ministério da Fazenda, atento à trilha da lavagem, removeu 243 aplicativos de bets ilegais e quase 1 000 páginas de influenciadores que ora faziam publicidade para sites clandestinos, ora violavam determinações legais do setor. Como se vê, a nova trincheira do crime encontrou um lucrativo disfarce, operando em ritmo cada vez mais veloz e espraiado. É preciso a mesma celeridade para combatê-la. ■

Ines249

MACHADO DA COSTA

Com reportagem de Bruno Andrade



Passos largos

Gustavo Furtado, CEO do Grupo SBF, controlador da rede de artigos esportivos Centauro e distribuidor da marca Nike no Brasil, prepara uma nova investida no mercado de corrida. Batizada de Spoon, uma plataforma de varejo reunirá tênis, roupas e acessórios para corredores, vendidos tanto em lojas físicas quanto digitais.

Corrida pela audiência

A Spoon quer ir além do varejo. Os planos incluem notícias, podcasts e conteúdo para streaming. A estratégia de Furtado é reunir corredores em uma comunidade e converter audiência em clientes, combinando informação, entretenimento e vendas.

ALEXANDRE GENGA/DIVULGAÇÃO

ARRANCADA Furtado, da Centauro: novo canal de venda de material esportivo

Fôlego extra

A Sabesp, empresa de saneamento do estado de São Paulo, quitou antecipadamente 2,3 bilhões de reais em empréstimos com a Caixa e o BNDES. Com isso, abriu espaço para tomar até 7 bilhões de reais em novos financiamentos, que ajudarão a bancar os 20 bilhões de reais em investimentos previstos para este ano.

Fogo amigo

A presidente do Banco do Brasil, Tarciana Medeiros, enfrenta crescente pressão dentro da instituição. Um integrante da diretoria passou a responsabilizar Tarciana pelo desempenho recente do banco, sobretudo pela gestão dos riscos ligados ao agronegócio.

Defesa da chefe

Aliados de Tarciana Medeiros tentam preservar a presidente do BB. Eles classificam as críticas internas como “fofocas” destinadas a desestabilizar sua posição em ano eleitoral.

Em família

Em busca de reforço de caixa, a endividada CSN recorreu ao Banco Fibra, instituição ligada à família de Benjamin Steinbruch, presidente do grupo controlador da siderúrgica. O Fibra antecipou 772,6 milhões de reais à companhia e, em contrapartida, recebeu dividendos da CSN Mineração. Sem um comunicado oficial, a operação só veio a público depois de liquidada. A CSN afirma que a transação seguiu as regras do mercado.

Ambiente nebuloso

No complicado processo de recuperação judicial da empresa de gestão ambiental Ambipar, chama atenção o caso da Nexora. Criada apenas oito dias depois do pedido de RJ, a companhia foi reconhecida como credora de 164 milhões de reais, embora nem sequer existisse na data usada para definir os créditos. A Nexora é comandada por Claudinei Elias, ex-CEO da vertical ESG da Ambipar.

Fila expressa

A Nexora poderá receber os valores antecipadamente porque o plano da Ambipar oferece condições melhores aos credores considerados estratégicos e que desistirem de ações judiciais. Já os credores comuns poderão perder 90% do valor a receber, com os primeiros pagamentos previstos apenas para 2040. Procurada por VEJA, a Ambipar não quis se manifestar.

Operação resgate

A Braskem, maior petroquímica brasileira, procurou vinte financiadores em busca de recursos para socorrer a Idesa, sua produtora de polietileno no México. Nenhum aceitou. A saída foi injetar cerca de 350 milhões de dólares do próprio caixa. ■

vejatv estreia o primeiro programa noturno diário do canal.

veja em foco

Notícias em tempo real, entrevistas ao vivo e análises profundas sobre tudo o que move o Brasil. Fique por dentro dos fatos com quem entende do assunto.

Samsung TV Plus	LG Channels	TCL	Roku	App
2059	126	10031	221	NXTV

DE SEGUNDA A SEXTA, DAS 19H ÀS 20H
com a apresentação da jornalista Marcela Rahal

Ines249

CASASBAHIA

AJUSTE Loja fechada da Casas Bahia: a dificuldade financeira levou a rede a cortar quase 300 pontos de venda no país

LIQUIDAÇÃO DE EMPRESAS

As taxas recordes de inadimplência e o aumento dos pedidos de recuperação judicial expõem os efeitos dos juros altos sobre as companhias e acendem um alerta para a economia brasileira

FELIPE ERLICH

A recuperação judicial funciona, para as empresas, como uma UTI para pacientes em estado grave. Ao suspender temporariamente a cobrança das dívidas, o instrumento oferece fôlego para que a companhia reorganize as finanças, negocie com os credores e continue funcionando. Quando o quadro não é estabilizado a tempo, porém, o desfecho pode ser a falência. Em três anos, a quantidade de empresas em recuperação judicial no Brasil

FABIANO ROCHA/AGÊNCIA O GLOBO

LOJAS
MARABRAZ
PREÇO MENOR NINGUÉM FAZ!
E ELETRO
COM PREÇO
DE CUSTO

Ines249

CLAUDIO BELLI/VALOR/AGÊNCIA O GLOBO

PRESSÃO Unidade da Marabraz: disputa entre herdeiros e cenário econômico adverso agravaram a situação financeira

cresceu 66%, atingindo o nível atual de 6 341. Como se não bastasse, o país atingiu outra marca inquietante: 9,1 milhões de firmas não conseguem pagar suas contas em dia. Juntas, elas acumularam 232 bilhões de reais em dívidas atrasadas. As dificuldades se espalham por toda a economia, do comércio ao campo, passando pela indústria, pela construção e pelos transportes, e expõem a fragilidade de um país submetido a juros elevados. O custo do dinheiro também agrava o endividamento das famílias, reduz o consumo e alimenta uma espiral perigosa: as vendas perdem força, o caixa das companhias encolhe e as dívidas se tornam mais difíceis de pagar.

As redes varejistas Casas Bahia e Lojas Marabraz estão entre as integrantes mais recentes dessa lista. Ambas recorreram à Justiça para interromper o pagamento de dívidas e renegociá-las enquanto mantêm as operações. A Casas Bahia acumula pendências de 17,3 bilhões de reais, enquanto a dívida da Marabraz chega a 140 milhões. Antes de comunicar sua decisão ao mercado, a Casas Bahia já havia fechado quase 300 lojas e agora tenta levar adiante a demissão de cerca de 3 000 funcionários. Os cortes foram suspensos pela Justiça do Trabalho na quarta-feira 19, com base no entendimento do Supremo Tribunal Federal de que dispensas coletivas devem ser precedidas de negociação sindical. Na Marabraz, a crise econômica foi agravada por uma disputa entre herdeiros da família Fares, fundadora da rede, que dificultou o acesso da empresa ao crédito. “Sem dúvida, os fatores macroeconômicos e o cenário desafiador enfrentado pelo varejo tiveram um peso relevante, além dos desgastes relacionados aos atritos familiares”, afirmou Nasser Fares, diretor da Marabraz, em nota a VEJA.

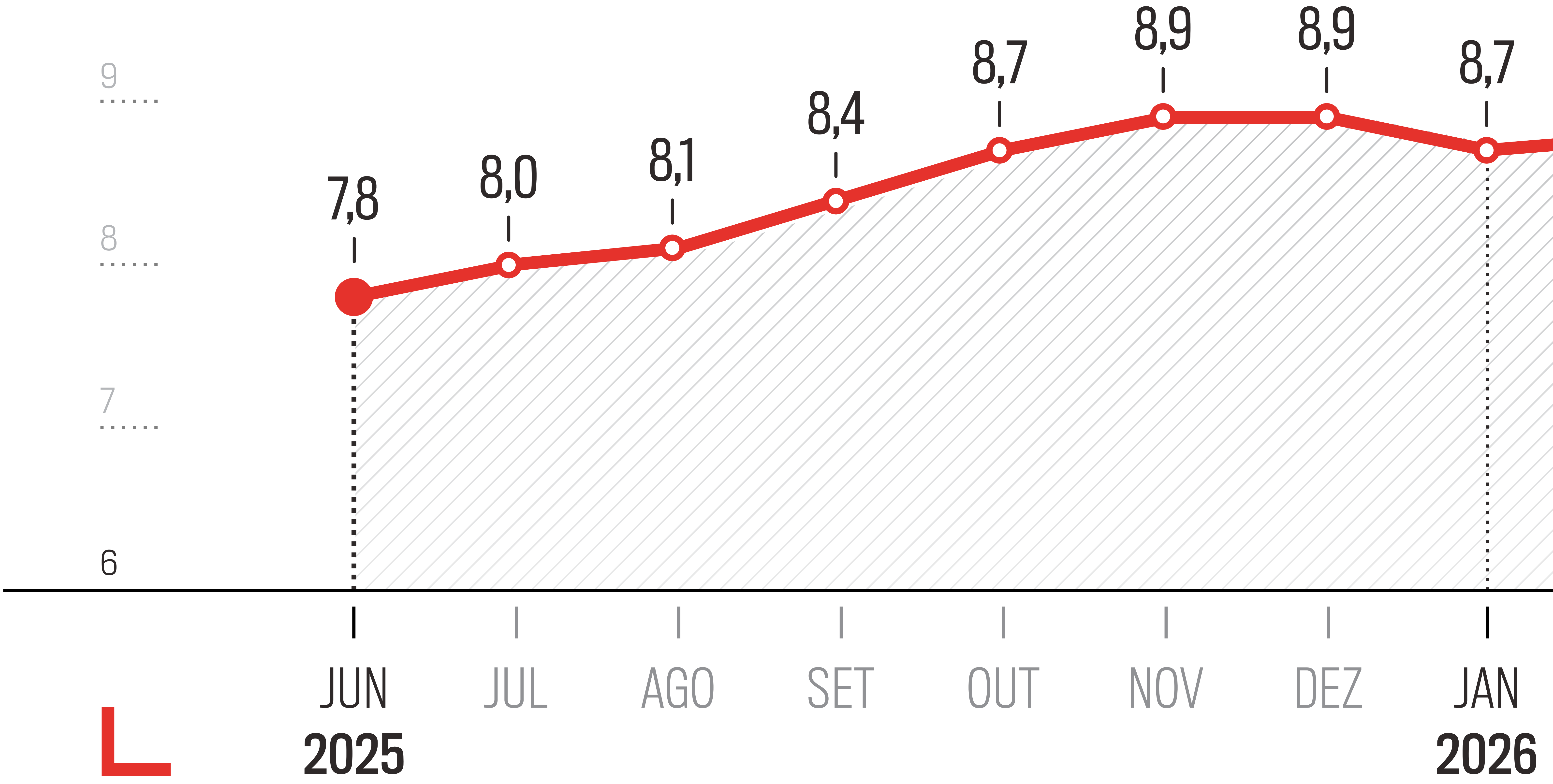
O varejo concentra alguns dos exemplos mais marcantes da atual onda de crises. O segmento foi abalado primeiro pelo escândalo contábil da Americanas, revelado em 2023, e depois assistiu aos pedidos de recuperação judicial de redes como Dia, Polishop e Tok&Stok. O Grupo Pão de Açúcar (GPA), por sua vez, recorreu à recuperação extrajudicial, modalidade em que a renegociação das dívidas é acertada diretamente com os credores, sem a condução do processo pela Justiça. Entre os casos recentes, a dívida da Casas Bahia só é menor que a da Americanas. O GPA aparece em seguida, com débitos de 4,5 bilhões de reais divulgados em março deste ano. Para especialistas, as encrencas dessas empresas se devem ainda ao avanço do comércio eletrônico. O varejo brasileiro, considerando também as vendas on-line, cresceu 1,9% no primeiro semestre deste ano em comparação com o mesmo período de 2025, segundo o IBGE. Nas lojas físicas da Casas Bahia houve retração de 2,6%.

As particularidades de cada caso não escondem um denominador comum: o endividamento excessivo. A taxa básica de juros permanece em dois dígitos há mais de quatro anos e está hoje em 14% anuais. Nesse ambiente, renovar

MASSA DE INADIMPLENTES

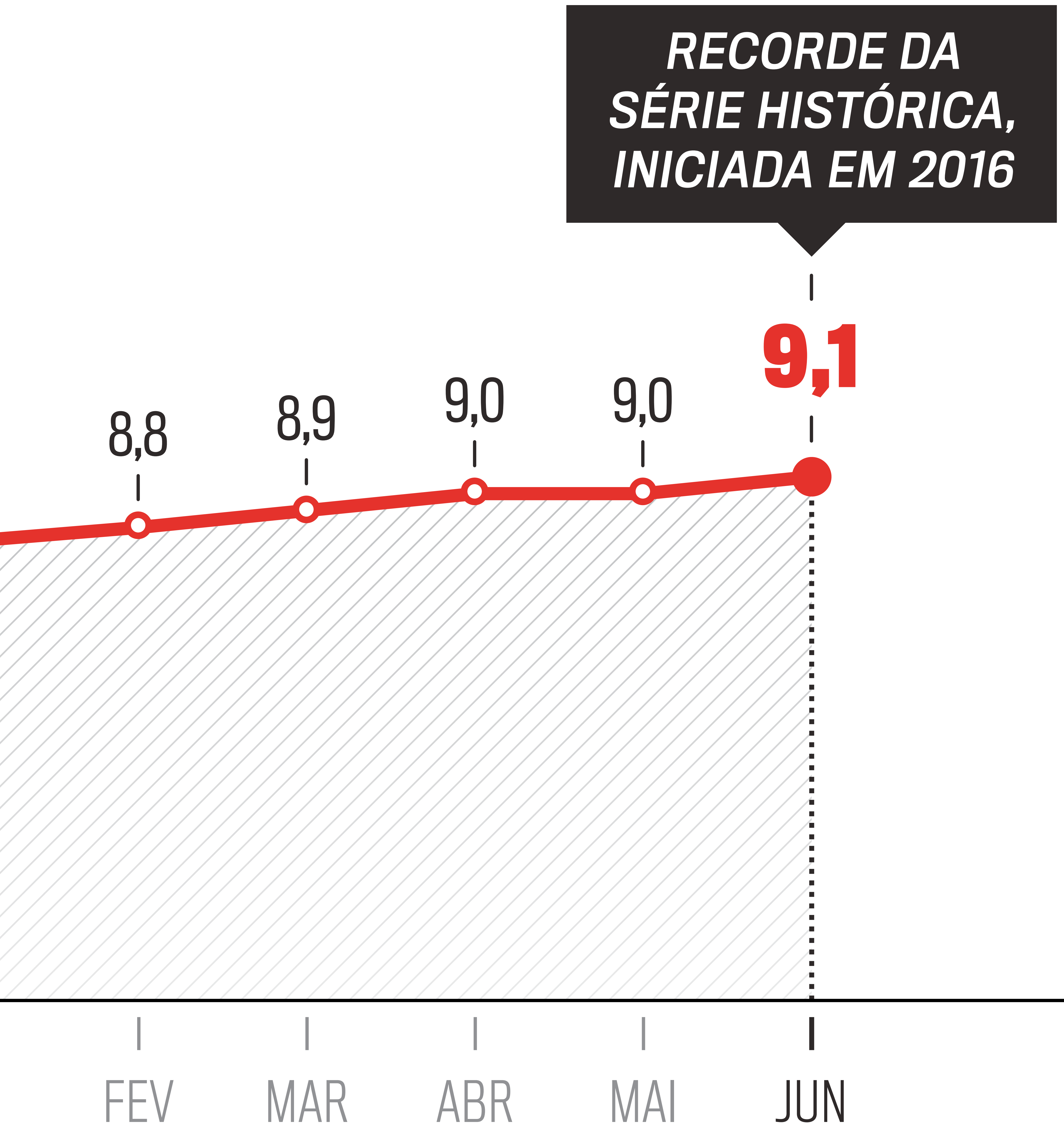
Um número recorde de empresas brasileiras não está conseguindo pagar suas dívidas

QUANTIDADE DE EMPRESAS INADIMPLENTES NO BRASIL, EM MILHÕES



Ines249

empréstimos custa mais caro, obter novas linhas de crédito se torna difícil e uma dívida administrável pode rapidamente virar uma ameaça à sobrevivência da empresa. “Para os comerciantes, o crédito é tão vital quanto energia elétrica e água”, diz Fábio Bentes, economista-chefe da Confederação Nacional do Comércio. Bentes observa que a procura por empréstimos tem avançado mais rapidamente do que as vendas, um sinal de que muitas empresas já não buscam dinheiro para crescer, renovar lojas ou ampliar es-



VOLUME TOTAL DE DÍVIDAS

232 BILHÕES DE REAIS

DÍVIDA MÉDIA POR CNPJ

25 500 DE REAIS

Fonte: *Serasa Experian*

toques. “Elas estão tomando crédito para cumprir obrigações financeiras”, afirma.

Com o orçamento espremido pelas despesas cotidianas, sobra pouco para modernizar fábricas, desenvolver produtos ou aumentar a capacidade de produção. “Não podemos usar em novos projetos o dinheiro necessário para manter as contas em dia”, diz Ricardo Gracia, diretor da Kidy, fabricante de calçados infantis. O drama se repete no campo. “Quando o preço das commodities cai, o produtor endividado não aguenta e começa a rolar dívida”, afirma Thiago Rocha, consultor da Associação Brasileira de Produtores de Soja. As recuperações judiciais no agro foram as que mais cresceram nos últimos doze meses. Embora seja celebrado como uma das locomotivas do Brasil, o setor apresenta hoje a maior proporção de empresas em recuperação judicial. Excluídos os produtores pessoas físicas e as microempresas, 26 de cada 1 000 negócios do campo passam por um processo de reestruturação. A proporção é mais de três vezes superior à da indústria, segunda colocada por esse critério.

As taxas de juros elevadas comprometem diversas cadeias produtivas. “Atendo uma grande empresa química que está fazendo um acompanhamento de risco minucioso dos seus clientes no agronegócio, mas, mesmo conhecendo tudo sobre os produtores que compram dela, ainda leva calotes”, diz o consultor Claudio Damasceno, da RGF. A indústria de equipamentos igualmente pena. “A taxa Selic elevada é muito danosa às nossas perspectivas de negócios, porque produzimos itens

PãodeAçúcar

TUANE FERNANDES/BLOOMBERG/GETTY IMAGES

CRISE Unidade do Pão de Açúcar em São Paulo: a rede de supermercados declarou uma dívida de 4,5 bilhões de reais

para máquinas que costumam ser compradas por meio de financiamento”, afirma Giuliano Santos, presidente da Forbal, empresa gaúcha que fabrica peças para tratores e colheitadeiras. “As compras ficam represadas pelo alto custo do crédito.”

Assim como as empresas, as pessoas físicas também sofrem. Endividados e com pouco espaço no orçamento, os consumidores seguram as compras, derrubando o faturamento e agravando a situação dos negócios. Quase 84 milhões de brasileiros — o equivalente à metade da população adulta — estavam inadimplentes em julho, segundo a Serasa Experian, empresa especializada em análise de crédito e informações financeiras. Trata-se de um novo recorde histórico. Ao comprometimento da renda com dívidas soma-se o avanço das apostas on-line, que drenam uma parcela crescente do orçamento familiar. O fenômeno é citado, inclusive, em teleconferências da Casas Bahia com investidores. A Confederação Nacional do Comércio estima que, de janeiro de 2023 a março de 2026, o setor tenha deixado de faturar 143 bilhões de reais em razão do dinheiro destinado às bets. “Desde maio de 2025, o único mês em que não houve queda no consumo no nosso principal canal de vendas foi janeiro deste ano”, diz Alexandre Wiggers, presidente da Condor, fabricante catarinense de vassouras e itens de higiene.

HERMES DE PAULA/AGÊNCIA O GLOBO

RETRAÇÃO Loja da Tok&Stok: a queda do consumo afeta planos da empresa

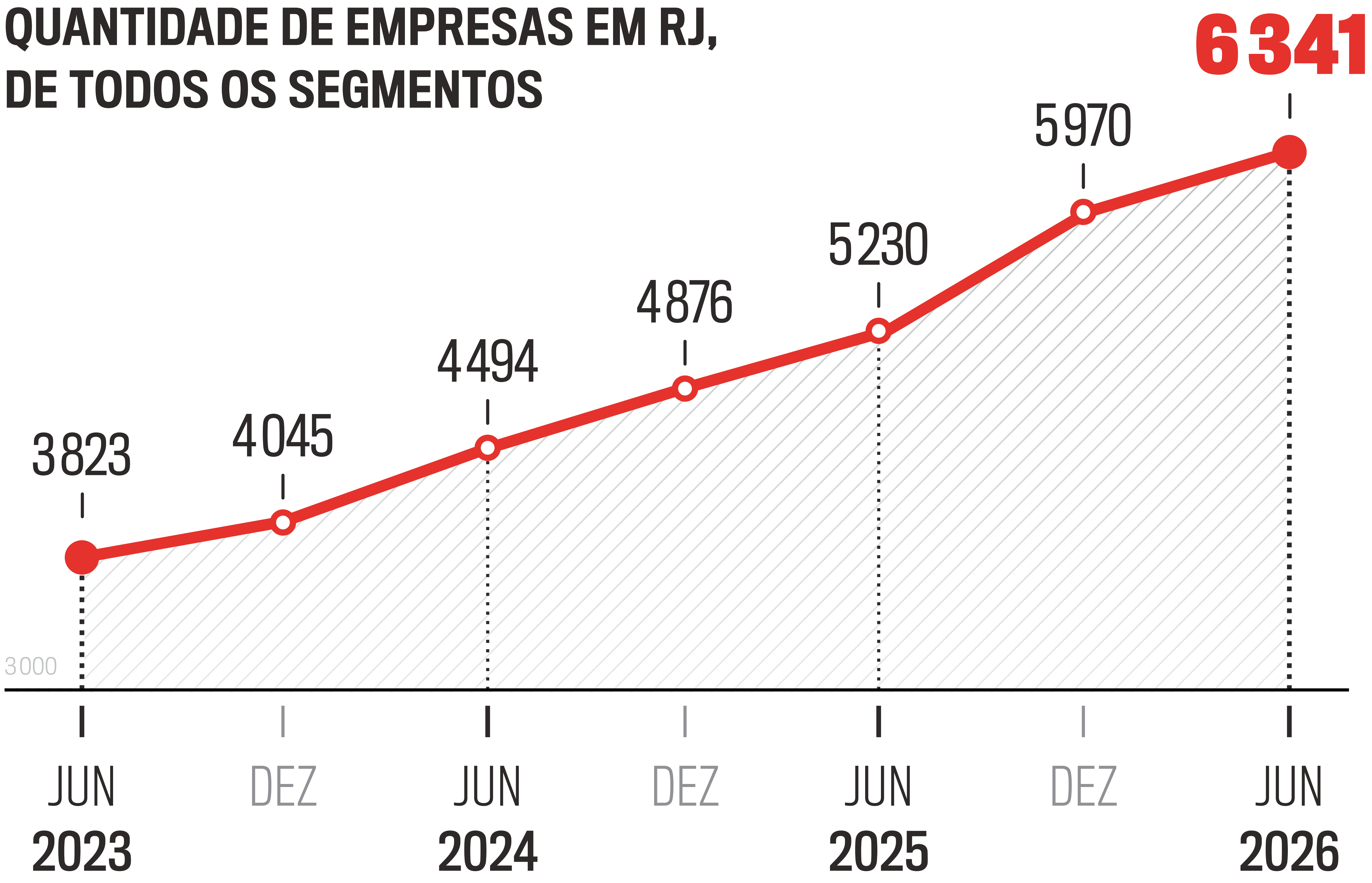
A perda de poder de compra contrasta com as tentativas do governo Lula de sustentar a economia turbinando o consumo, por meio de medidas como a ampliação da faixa de isenção do imposto de renda e o programa Gás do Povo. As

Ines249

iniciativas podem proporcionar algum alívio, mas esbarram numa realidade incômoda. “O endividamento, a inadimplência e o crédito caro tornam o mecanismo de transmissão desses estímulos menos efetivo do que em períodos de condições financeiras mais favoráveis”, diz Camila Abdelmalack, economista-chefe da Serasa Experian. O ministro da Fazenda, Dario Durigan, costuma citar com orgulho o relançamento do Desenrola, programa criado para renegociar dívidas e devolver consumidores ao mercado. Dian-

ÚLTIMO RECURSO

O Brasil enfrenta uma onda de pedidos de recuperação judicial



Fontes: *RGF Consultoria e Receita Federal* te da dimensão do problema, porém, a medida se mostrou insuficiente.

Por trás desse desequilíbrio está a resistência do governo Lula em promover um ajuste fiscal consistente, capaz de aproximar os gastos da capacidade de arrecadação do país. O aumento das despesas pressiona a dívida pública, alimenta a desconfiança dos investidores e mantém elevadas as expectativas de inflação e de juros. Nesse cenário, o trabalho do Banco Central e de seu presidente, Gabriel Galí-

CONTRADIÇÃO Galípolo e Durigan: enquanto um puxa o freio da inflação, o outro pisa no acelerador dos estímulos

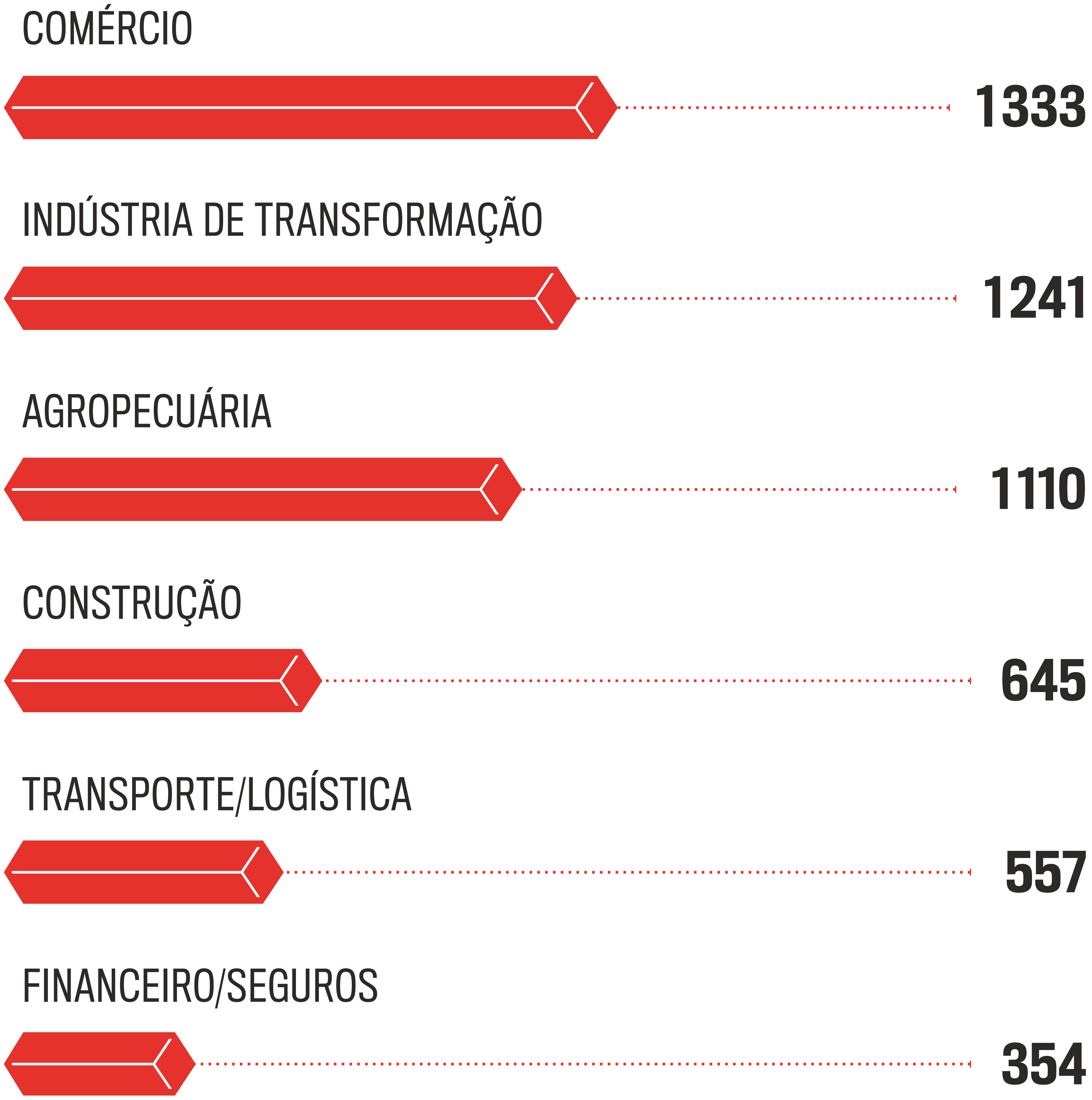
BRENNO CARVALHO/AGÊNCIA O GLOBO

Ines249

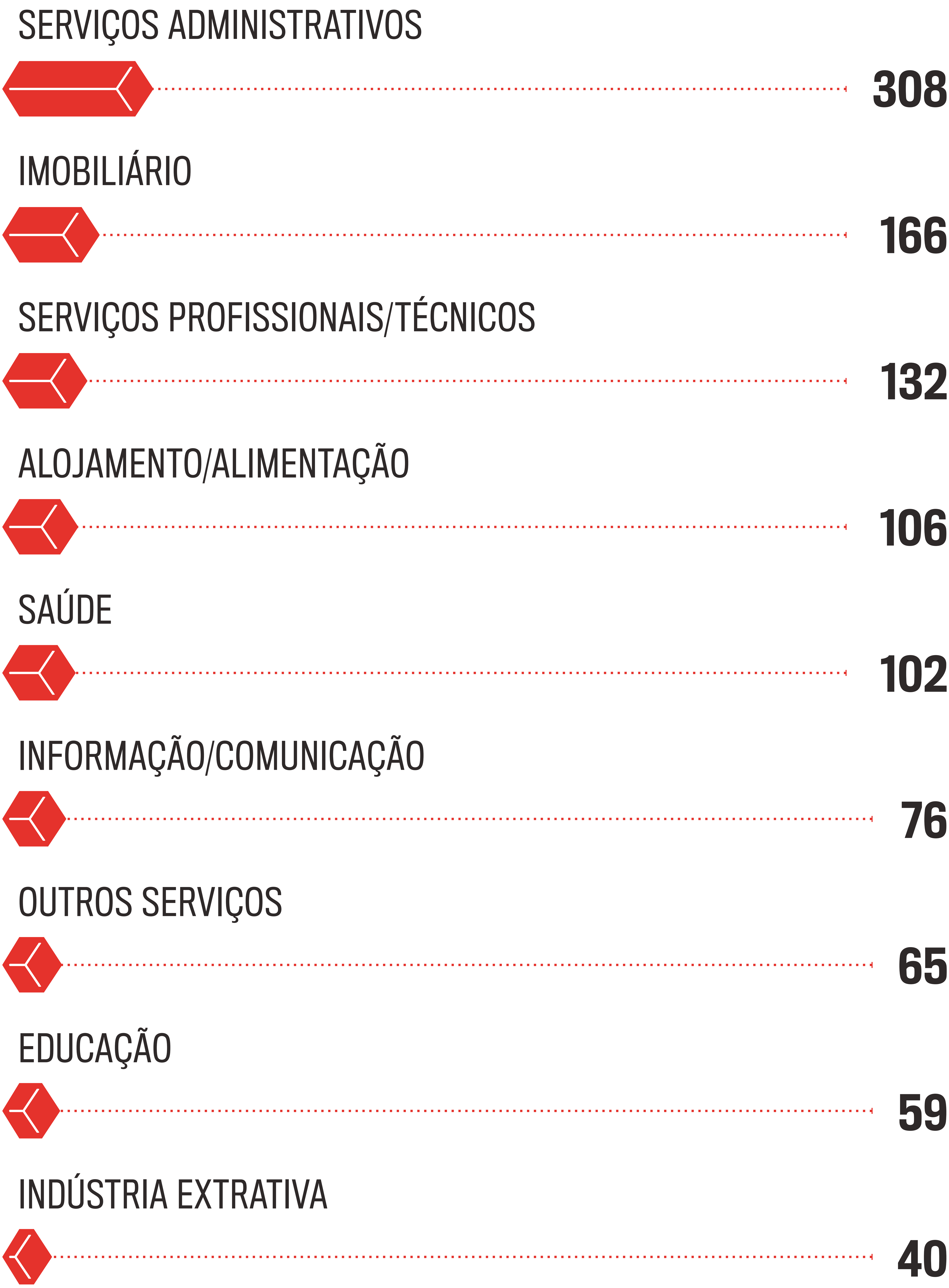
ALTO IMPACTO

Os danos do endividamento e dos juros não se restringem ao varejo. Eles contaminaram toda a economia

SETORES QUE CONCENTRAM O MAIOR NÚMERO DE EMPRESAS EM RECUPERAÇÃO JUDICIAL



Ines249



Fontes: *RGF Consultoria e Receita Federal* polo, de tentar reduzir a Selic sem reacender a inflação, se torna bem mais difícil. O governo tenta incentivar a atividade de um lado, mas, ao evitar decisões impopulares sobre os gastos, ajuda a preservar do outro as condições que encarecem o crédito e sufocam empresas e consumidores. Essa contradição cobra um preço alto: menos investimentos, menor capacidade de expansão dos negócios e risco crescente para os empregos. Com isso, o país fica preso a uma política que não ataca a origem do problema. O pior de tudo é que já vimos filme semelhante por aqui, durante a desastrosa gestão de Dilma Rousseff. Os erros do passado se repetem agora, como a crença de que o aumento do consumo é o que gera prosperidade.

Levando em conta o histórico do PT e as crenças arraigadas do partido na economia, investidores e analistas não esperam uma guinada na condução das contas públicas nem cortes expressivos da Selic no curto prazo. “Nós não trabalhamos com a possibilidade de melhora do cenário macroeconômico”, afirmou Renato Franklin, presidente da Casas Bahia, durante a teleconferência sobre a recuperação judicial realizada na segunda-feira 17. Na avaliação dele, 2027 será um ano ainda mais duro. “Para quem está vulnerável, pode ser o começo do fim”, diz Damasceno, da RGF. Quando mais de 6 000 empresas precisam recorrer à UTI, não se trata de uma sucessão de casos isolados. É um sintoma agudo de que o país precisa de medidas urgentes para recalcular a tempo a rota econômica. ■

Ines249

ALEXANDRE SCHWARTSMAN

NO LIMITE

O modelo de crescimento da economia está se esgotando

NÃO É DE HOJE que me preocupa a sustentabilidade do crescimento brasileiro, ancorado na expansão do consumo das famílias, que responde por algo como 70% do aumento do PIB entre 2021 e 2025, seguido (de longe) pelo consumo do governo (aproximadamente 20%) e ainda mais de longe pelo investimento (os 10% que faltam).

São duas ordens de preocupação. A primeira, já explorada aqui, diz respeito ao uso cada vez mais intenso dos recursos disponíveis, sem elevação da produtividade que permita a continuidade do processo. Esgotada a disponibilidade de mão de obra ociosa, não há como manter o ritmo de crescimento sem a colaboração preciosa do aumento do produto por hora trabalhada, o convidado de honra no festim, mas que não tem dado as caras há muito tempo.

Já a segunda diz respeito às forças que levam ao aumento do consumo, ambas oriundas de iniciativas do governo. Por um lado, a expansão do gasto público, principalmente o federal. Ainda que o Tesouro tenha conseguido aumentar a arrecadação, líquida de transferências a estados e município, em 280 bilhões de reais entre 2022 e os doze meses até junho de 2026, as despesas cresceram ainda mais, 485 bilhões, com valores expressos em reais a preços de junho deste ano.

Destes, 270 bilhões de reais se referem a maiores transferências a famílias (previdência, BPC, Bolsa Família, abono e seguro-desemprego), que ajudaram a impulsionar o consumo, mas às custas de piora do resultado primário do Tesouro, pouco mais de 200 bilhões de reais nesse intervalo. Nesse ambiente, a dívida saltou de 72% para 82% do PIB, impulsionando também as taxas de juros.

O outro vetor do aumento do consumo se origina dos fortes estímulos ao crédito, para "fazer a economia girar", nas palavras do presidente. A contrapartida é o aumento da dívida das famílias, em particular o comprometimento da renda com pagamento de juros e principal. Não por outro motivo, a inadimplência nesse segmento é a maior da série histórica. Não deveria ser surpresa o surgimento de problemas nos seg-

> **"O que se percebe é a forte elevação do endividamento do governo e das famílias na origem do consumo"**

mentos mais expostos à saúde financeira do consumidor, em particular no varejo.

O que se percebe hoje, portanto, é a forte elevação do endividamento do governo e das famílias na origem do crescimento do consumo. Ainda que não haja um patamar mágico, que demarcaria a fronteira entre o sustentável e o insustentável, deve ficar claro que em nenhum dos casos o processo pode seguir indefinidamente.

Não há, portanto, como manter esse modelo de crescimento. Seja pelo seu efeito em termos de superaquecimento da economia (portanto, inflação), seja pelo aumento do risco associado ao endividamento público, ele acaba se materializando em taxas reais de juros que nem o setor público, nem o setor privado tem condições de suportar por muito mais tempo. Não se trata de uma decisão do BC — aliás, hoje sob comando de 100% de indicados pelo atual governo —, mas, sim, de resultado de políticas em última análise insustentáveis.

Os limites do modelo estão claros. O que não está claro é a disposição do governo que será eleito para alterar o quadro atual, sobretudo porque fazê-lo exigirá explicar à população que não há crescimento sustentável baseado na expansão permanente das dívidas do governo e das famílias. ■

MI CASA, SU CASA

O Escudo das Américas ganha adesões na guerra ao "narcoterrorismo" e abre cada vez mais portas para soldados, armas e a hegemonia dos Estados Unidos no continente

AMANDA PÉCHY

ROBERTO SCHMIDT/GETTY IMAGES

SHIELD OF THE
AMERICAS
DORAL 2026

ENTRE AMIGOS Trump cercado de aliados no lançamento da iniciativa: operação militar em defesa do "nosso hemisfério"

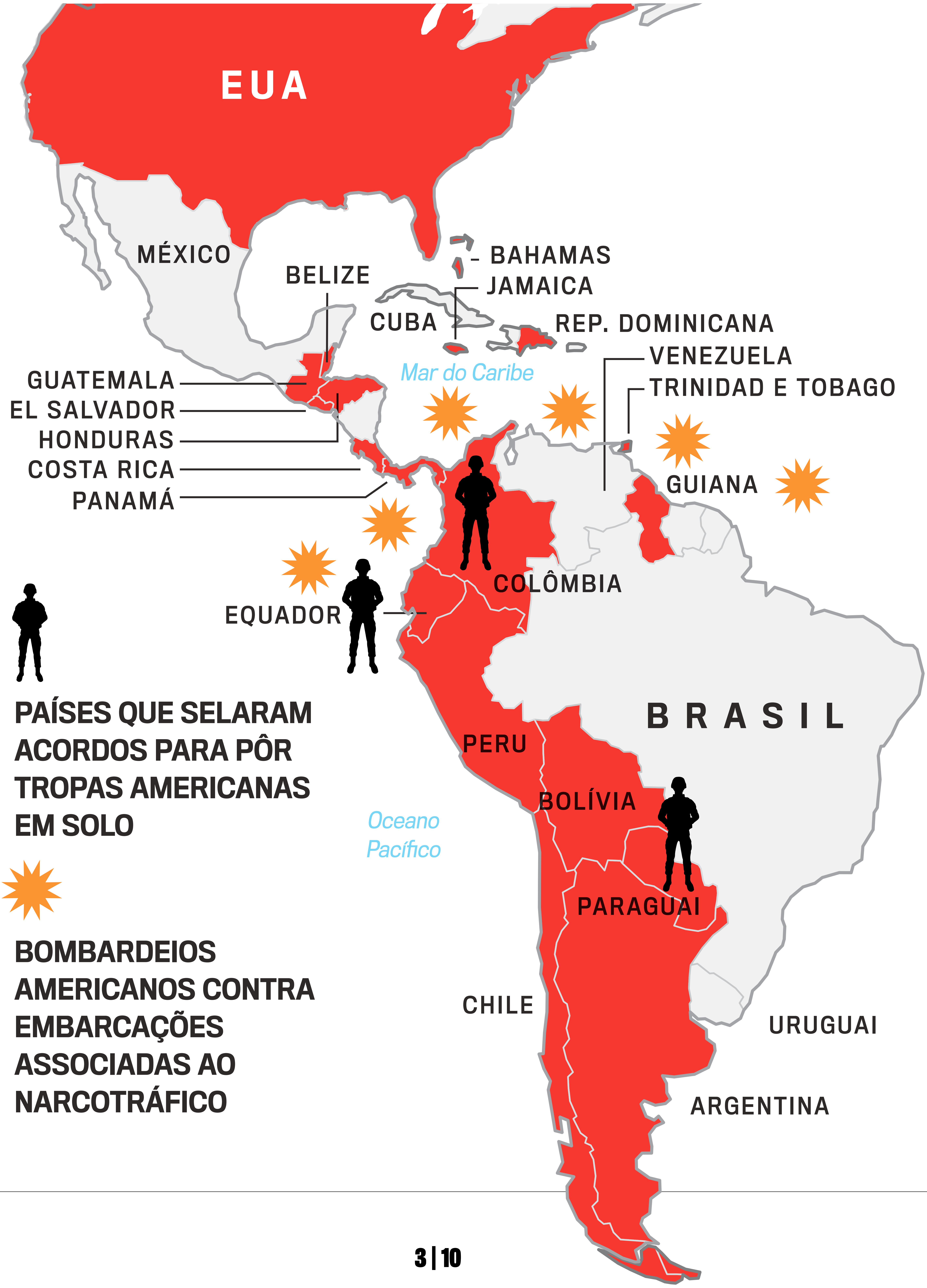
Lançado em março com a pompa habitual desta era trumpista, o Escudo das Américas chegou para "obliterar o narcoterrorismo", um termo forjado na mesma era, através de um esforço conjunto dos Estados Unidos com seus parceiros na América Latina. Na teoria, um esforço louvável. Na prática, uma manobra da Casa Branca para selar o domínio sobre uma região que considera "sua" por direito. Seja como for, a iniciativa é um sucesso, ancorado na sucessiva eleição de governos de direita nesta parte do globo. Em cinco meses, o número de adesões subiu de doze para dezenove, sendo a Colômbia a mais recente — e também a mais radical: o recém-empossado presidente Abelardo de la Espriella ofereceu o país para ser a central de comando do projeto e receber tropas e equipamentos bélicos americanos em seu território, um tipo de operação militar que não era visto nessas paragens desde o século passado.

Às voltas com um terremoto que ceifou mais de 300 vidas e deixou milhares de desabrigados, De la Espriella, advogado de discurso inflamado e zero experiência política, declarou estado de emergência nos primeiros dias de mandato e viajou às áreas mais afetadas pelo tremor — onde, em uma cena insólita viralizada em vídeo e amplamente criticada, distribuiu bolas de futebol (com o nome de seu partido gravado) a crianças sem casa ou comida. Nem por isso desviou o foco da promessa de acabar a toque de caixa com a violência que grassa no país

Ines249

QUINTAL EXPLOSIVO

Operações militares dos Estados Unidos avançam sobre o continente com (e sem) convite dos 19 aliados regionais que integram o ***Escudo das Américas***


EUA
MÉXICO
BELIZE
BAHAMAS
JAMAICA
CUBA
REP. DOMINICANA
Mar do Caribe
VENEZUELA
TRINIDAD E TOBAGO
GUATEMALA
EL SALVADOR
HONDURAS
COSTA RICA
PANAMÁ
GUIANA
COLÔMBIA
EQUADOR
BRASIL
PERU
BOLÍVIA
Oceano Pacífico
PARAGUAI
CHILE
URUGUAI
ARGENTINA
PAÍSES QUE SELARAM ACORDOS PARA PÔR TROPAS AMERICANAS EM SOLO
BOMBARDEIOS AMERICANOS CONTRA EMBARCAÇÕES ASSOCIADAS AO NARCOTRÁFICO

há décadas, dando início às primeiras ações militares nos rincões e florestas que já foram reduto de guerrilhas de esquerda e hoje estão mais para corredor de contrabando de drogas.

O Escudo das Américas prevê o compartilhamento de inteligência e missões coordenadas entre os membros, de bombardeios a campanhas terrestres. Trump, que vem interferindo abertamente a favor dos conservadores nas eleições do continente — a começar pelo pioneiro, o argentino Javier Milei, em 2023 — para concretizar o sonho de ver toda a região pensando e agindo à sua maneira, designou duas águias para administrar a operação: o secretário de Estado Marco Rubio, descendente de cubanos e ferrenho anticastrista, e o secretário de Defesa Pete Hegseth, ávido intervencionista. Ou melhor, três: Kristi Noem, a “Barbie do ICE” defenestrada do Departamento de Segurança Interna, ganhou como consolação o título de “enviada especial” da Casa Branca para a nova entidade. Em bloco, os governos *(veja no mapa ao lado)* capitaneados por aliados de Trump se propuseram a abrir as portas às Forças Armadas dos Estados Unidos, o que desperta fantasmas de intervenções passadas que levaram a ciclos de violência extrema na região. “Dado o poderio americano, isso não é cooperação, mas uma relação assimétrica que permite que Washington imponha sua agenda”, diz Christopher Sabatini, diretor do programa para as Américas no think tank Chatham House.

FRANKLIN JACOME/AGENCIA PRESS SOUTH/GETTY IMAGES

DOBRADINHA Noboa, do Equador: soldados e assessores americanos combatem quadrilha na Amazônia

Esse projeto de Trump vem pondo as engrenagens para girar. O alto-comando militar americano na América do Sul acaba de anunciar a instalação de uma força-tarefa para unificar as ações da aliança. “Quem quer que trafique drogas e ameace o povo americano ou nossos parceiros, onde quer que seja, é um alvo igual ao Estado Islâmico e à Al-Qaeda”, bradou Hegseth, reforçando o conceito do narcoterrorismo durante visita ao Panamá. Integrante de primeira hora do escudo encabeçado por Trump, o país sediou, entre os dias 3 e 13 de agosto, um fórum e um exercício militar com quase 2 000 soldados dos dezenove aliados.

No mesmo evento, o secretário de Defesa anunciou um primeiro envio de soldados, helicópteros Chinook e cargueiros Boeing C-17 à Colômbia. Antes disso, no Equador, o presidente Daniel Noboa abriu a temporada de caça aos chefões do tráfico com uma operação conjunta que envolve quase 80 000 integrantes do exército local e um punhado de "assessores" americanos — desde então, houve vários bombardeios contra o Comandos de la Frontera, grupo armado que atua por toda a Amazônia. No ano passado, o conservador Santiago Peña já havia assinado um acordo que permite, de forma inédita, a permanência de forças dos Estados Unidos no Paraguai para ações contra o narcotráfico. Honduras e Guatemala estão em vias de finalizar um pacto semelhante.

O Escudo das Américas retoma o espírito da doutrina, estabelecida no século XIX pelo então presidente James Monroe, de que as nações do continente estavam na zona de influência americana — Inglaterra e França, as potências da época, não tinham nada que fazer por lá. O próprio Trump avaliza a comparação, ressaltando que sua "Doutrina Donroe" (apelido que colou) vai mais longe. "Defenderemos nosso hemisfério de ameaças externas", garantiu Marco Rubio dias atrás, em referência nada sutil ao avanço da potência dos dias de hoje, a China, que amplia seu raio de atuação e fatura com atividades econômicas variadas na América Latina.

Ines249

REPRODUÇÃO

BOLA FORA De la Espriella, da Colômbia: presentes impróprios e abertura a tropas dos Estados Unidos

A doutrina começou a ganhar crescentes contornos militaristas há quase um ano, com a Operação Lança do Sul, que, sob a acusação de transporte de drogas, explode barcos nas principais rotas marítimas do tráfico no Caribe e no Pacífico Ocidental, resultando já em mais de 200 mortes. “São execuções extrajudiciais. Repetir a mesma conduta em operações terrestres pode dar lugar a todo tipo de violação”, analisa Alberto Maresca, pesquisador da FGV-SP. Essa espécie de licença para matar foi fabricada quando Trump declarou, em seu retorno à Casa Branca, que os Estados Unidos estão em “conflito armado” com a miríade de facções que classificou como “organizações terroristas estrangeiras", medida que também justificou o envio de forças à Venezuela para capturar Nicolás Maduro.

Aqui, até agora, a única iniciativa concreta do Pentágono nesse sentido foi classificar o PCC e o Comando Vermelho como "organizações terroristas". Nem México nem Brasil, os dois pesos-pesados da região e, não por acaso, os baluartes da esquerda no continente, aderiram ao Escudo das Américas. A presidente mexicana, Claudia Sheinbaum, tem cooperado com Washington na área de segurança, mas resiste à pressão para que militares atuem diretamente no país. Segundo ela, seria uma "afronta à soberania nacional" — mesmo discurso do presidente Lula para resistir às ofensivas dos Estados Unidos.

O assunto terá certamente destaque na campanha eleitoral que se inicia, com o PT tentando mostrar os adversários como sabujos de Trump e a direita insistindo no discurso linha-dura em prol da segurança — que pega bem entre o eleitorado, como mostram as recentes votações nos países vizinhos. Candidatos como Flávio Bolsonaro (PL), Romeu Zema (Novo) e Ronaldo Caiado (PSD) elogiaram a classificação de PCC e Comando Vermelho como terroristas. "O PT não diz, mas quem ameaça a nossa soberania são exatamente as facções", bradou Zema. O tema segue polarizando os brasileiros: a maioria até apoia a classificação americana (59%), mas um percentual ainda maior (74%) rejeita uma intervenção direta.

O histórico desse tipo de ação não é, de fato, animador. Operações militares dos Estados Unidos no hemisfério,

LUIS ACOSTA/AFP

PIONEIRO Milei, da Argentina: eleito com interferência do presidente americano

como o Plano Colômbia, dos anos 1990, e a Iniciativa Mérida, implementada no México na década de 2000, deixaram dezenas de milhares de baixas entre a população civil. A tática de assassinar lideranças para desmantelar facções se provou, no mínimo, ineficaz: ou há mera substituição de comando, ou guerras civis são deflagradas pela sucessão, gerando ainda mais violência, como o que se vê no cartel mexicano Jalisco Nova Geração desde a morte do chefão El Mencho, em fevereiro.

Em paralelo, o crime organizado evoluiu, com uma estrutura menos hierárquica e mais capilarizada, avanços no setor tecnológico, com o uso de drones a criptomoedas, e uma rede intrincada de conexões internacionais — a quadrilha venezuelana Tren de Aragua compra armas na Colômbia e é um dos principais fornecedores para o Comando Vermelho. “Essas mudanças tornaram as facções menos suscetíveis ainda à visão meramente militarista que ganha popularidade na região”, ressalta Gabriel Funari, da Iniciativa Global contra o Crime Organizado Transnacional.

Para Trump, contudo, o método interessa por reforçar sua narrativa de “lei e ordem” no cenário doméstico e o projeto para restaurar o controle na fronteira sul dos Estados Unidos. Também tira o foco da desastrosa guerra no Irã e do fato de que é visto com crescente antipatia até pelos conservadores na Europa e no Oriente. Nesse contexto, ganha ainda mais valor o aplauso incondicional de *los trumpitos,* como são chamados os mandatários latino-americanos engajados na cruzada. “O problema do narcotráfico é genuíno e deve ser abordado com cooperação internacional, mas o Escudo das Américas é uma iniciativa performativa e, pior, perigosa”, disse a VEJA Richard Kilroy, cientista político da Universidade Rice e ex-militar que atuou no governo Bill Clinton para desmilitarizar o combate ao tráfico. Com olhos voltados para o passado, a América Latina corre o risco de ver uma reprise de um filme para lá de violento. ■

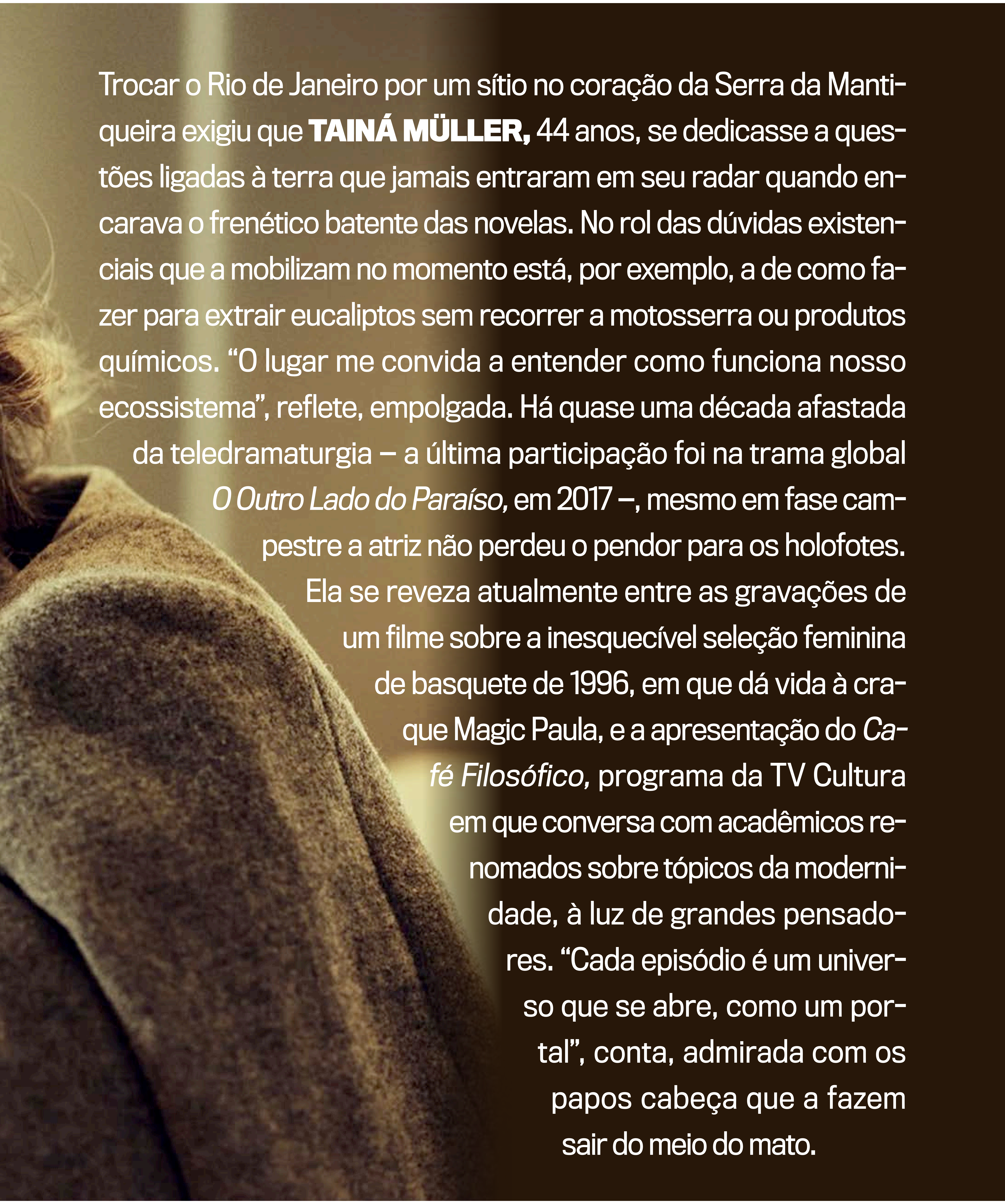
Com reportagem de Caio Saad

VALMIR MORATELLI

Com reportagem de
Giovana Fraguito e Nara Boechat

SAINDO DA TOCA

INSTAGRAM @TAINAMULLER @GUSTAVOZYLBERSZTAJN

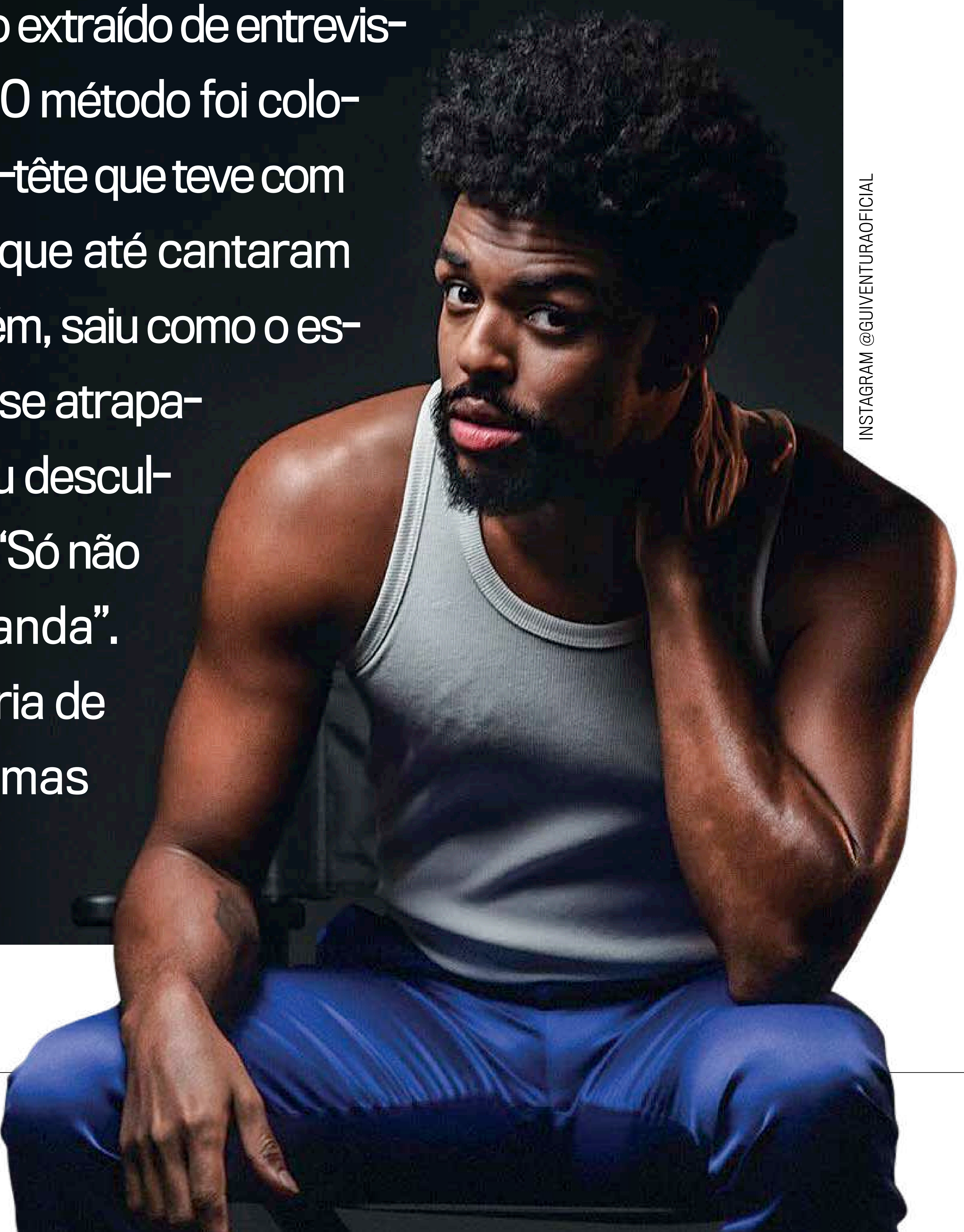


Trocar o Rio de Janeiro por um sítio no coração da Serra da Mantiqueira exigiu que **TAINÁ MÜLLER,** 44 anos, se dedicasse a questões ligadas à terra que jamais entraram em seu radar quando encarava o frenético batente das novelas. No rol das dúvidas existenciais que a mobilizam no momento está, por exemplo, a de como fazer para extrair eucaliptos sem recorrer a motosserra ou produtos químicos. "O lugar me convida a entender como funciona nosso ecossistema", reflete, empolgada. Há quase uma década afastada da teledramaturgia — a última participação foi na trama global *O Outro Lado do Paraíso,* em 2017 —, mesmo em fase campestre a atriz não perdeu o pendor para os holofotes. Ela se reveza atualmente entre as gravações de um filme sobre a inesquecível seleção feminina de basquete de 1996, em que dá vida à craque Magic Paula, e a apresentação do *Café Filosófico,* programa da TV Cultura em que conversa com acadêmicos renomados sobre tópicos da modernidade, à luz de grandes pensadores. "Cada episódio é um universo que se abre, como um portal", conta, admirada com os papos cabeça que a fazem sair do meio do mato.

Ines249

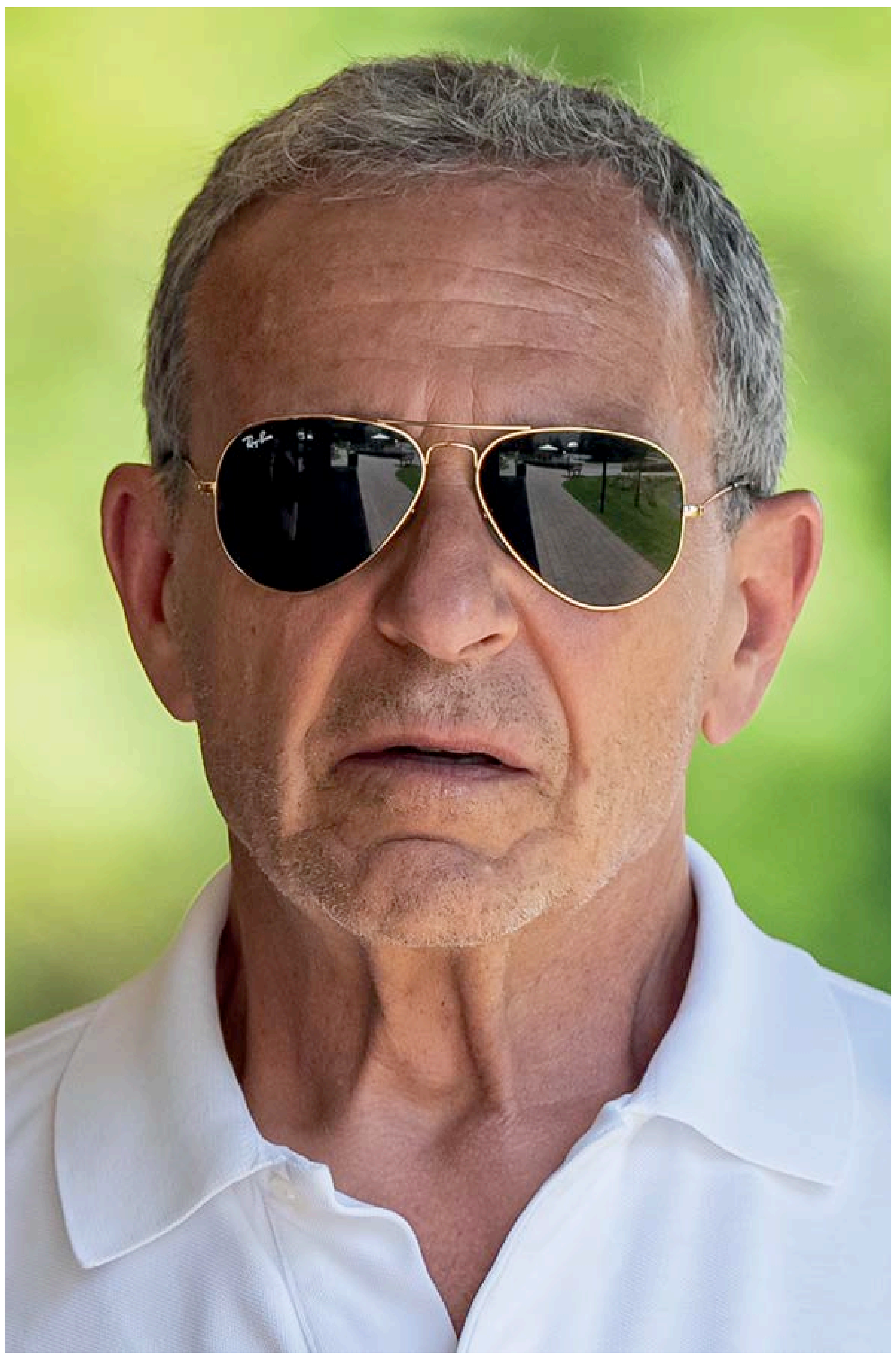
ANDAR COM FÉ

Para interpretar Gilberto Gil, 84, no musical *Andar com Fé,* que acaba de estrear nos palcos de São Paulo, **GUI VENTURA,** 38 anos, precisou lançar mão de toda a disciplina que adquiriu nos tempos que passou no Exército, após ingressar no serviço obrigatório e ali ficar por uns anos. Dar corpo e voz ao ícone da MPB parecia tarefa quase impossível para o ator, que suou para se sentir enfim à altura do papel. “Tinha medo de não dar conta do recado, ficava me autossabotando, sempre achando que estava tudo ruim”, conta. Obstinado, o ex-soldado de Santa Luzia, na região metropolitana de Belo Horizonte, pôs em marcha o plano de estudar cada gesto, pausa e ressonância vocal do músico baiano, tudo extraído de entrevistas e documentários. O método foi colocado à prova no tête-à-tête que teve com o ídolo, encontro em que até cantaram juntos. Nem tudo, porém, saiu como o esperado. Nervoso, Gui se atrapalhou com a letra, pediu desculpas, mas ouviu de Gil: “Só não tropeça quem não anda”. Fosse na caserna, teria de pagar o erro com umas boas flexões de braço.



INSTAGRAM @GUIVENTURAOFICIAL

JOGADA DE MESTRE



DAVID PAUL MORRIS/BLOOMBERG/GETTY IMAGES

Como CEO da Disney, cargo que ocupou até março, **BOB IGER,** 75 anos, conheceu de perto as cifras do mundo esportivo ao tomar decisões envolvendo a ESPN, o canal especializado do conglomerado de entretenimento. Livre para novos empreendimentos, o executivo decidiu saltar para o outro lado do balcão, comprando o Los Angeles Lakers, lendário time de basquete da NBA. O negócio, avaliado em cerca de 65 bilhões de reais, foi fechado em sociedade com Josh Kushner, fundador da Thrive Capital, e estabelece um novo recorde para a aquisição de uma equipe esportiva. A marca, aliás, pertencia ao próprio Lakers, que havia mudado de mão fazia pouco mais de um ano, pelo equivalente a 50 bilhões de reais. Iger já chega com novos desafios: contratar alguém para o lugar de LeBron James, que se mudou para o Philadelphia 76ers, e devolver a equipe ao topo da liga (tem dezessete títulos por ora, um a menos que o Boston Celtics). “Nosso compromisso de longo prazo é competir no mais alto nível e servir os fãs e a cidade de Los Angeles”, afirmou, sem anunciar qualquer mudança imediata.

DEU "AQUELE" CLIQUE

Demorou, mas finalmente **CRISTIANO RONALDO,** 41 anos, e **GEORGINA RODRÍGUEZ,** 32, trocaram alianças. Apesar de terem dois filhos e de estarem juntos há uma década, os dois vinham adiando a formalização da união para "o momento certo", que só viria depois de ambos sentirem "aquele clique", conforme o jogador do Al-Nassr explicou no reality show *Soy Georgina,* da agora esposa. A cerimônia apenas no civil foi decepcionante para os fãs, que chegaram a se aboletar em uma igreja na Ilha da Madeira, invadindo a cena de um matrimônio que, no fim das contas, era de outro casal. Enquanto isso, na mansão em Cascais, destino de ricos e famosos em Portugal, os recém-casados faziam votos de amor eterno diante apenas dos cinco herdeiros do craque e de quatro testemunhas. "Ela não é do tipo que gosta de festas grandes e decidi respeitar", disse Ronaldo, que revelou ainda o desejo — esse impossível de ser atendido — de subir ao altar depois de conquistar a Copa do Mundo. Não deu.

INSTAGRAM @GEORGINAGIO

RETRATO INCÔMODO

A tênue fronteira entre ficção e realidade é um elemento presente na vida de qualquer artista. **NATALIE PORTMAN,** 45 anos, contudo, tem experimentado tal mistura na própria pele e no mais alto grau. Isso porque ela se viu involuntariamente sugada por uma polêmica em torno de *Life of M,* recente obra da aclamada escritora britânica Rachel Cusk, de quem a estrela de Hollywood um dia já foi amiga. Não faltou quem observasse semelhanças entre a protagonista do livro, retratada como uma figura alienada e egocêntrica, e Natalie. Ambas deram os primeiros passos na carreira na pré-adolescência e fizeram filmes sobre a vida de uma bailarina — Portman ganhou inclusive o Oscar por sua atuação em *Cisne Negro,* em 2011. A reação da atriz de carne e osso não poderia ser pior. Ela confidenciou a pessoas próximas ter ficado magoadíssima com Cusk. Publicamente, no entanto, tratou de pôr panos quentes no enrosco e considerar o episódio como águas passadas: "Saber quem são as pessoas que me acompanham e me amam por quem sou é essencial para continuar em paz", se limitou a dizer. ■

CRÉDITO FOTOA LIONEL HAHN/GETTY IMAGES

A CORRIDA DAS CANETAS

Com a queda da patente do Ozempic, os brasileiros passam a contar com uma nova leva de remédios para o diabetes e a perda de peso, inclusive com a aprovação do primeiro genérico da categoria

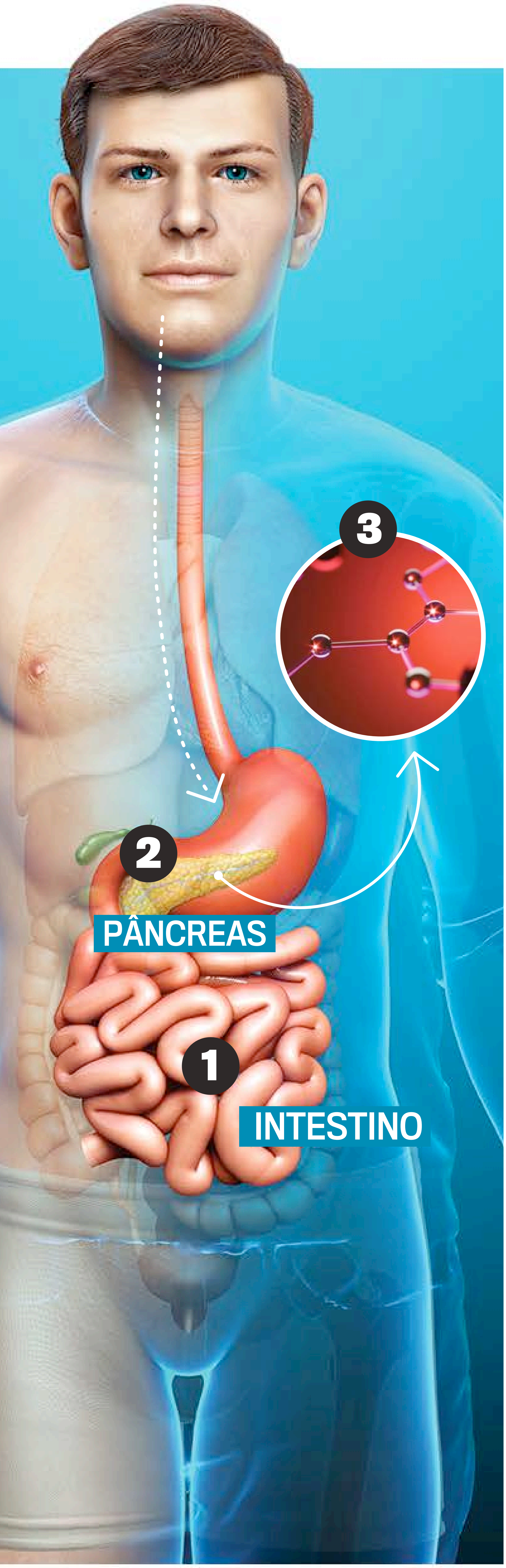
CAMILA MAZZOTTO E **PAULA FELIX**

JOAN SLATKIN/UCG/UIG/GETTY IMAGES

MAIS OPÇÕES Aval concedido: já são doze produtos de semaglutida autorizados pela agência regulatória no país, a Anvisa

Ninguém queria perder tempo. Com a queda da patente à vista, os motores dos laboratórios nacionais já estavam aquecidos. Bastou expirar o prazo de proteção da semaglutida — o princípio ativo do revolucionário Ozempic — para que a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) já autorizasse, em maio, o primeiro medicamento à base da mesma molécula, mas obtida de forma sintética. Assim como o original, criado pela farmacêutica dinamarquesa Novo Nordisk, o Ozivy, da brasileira EMS, é aplicado uma vez por semana para tratar o diabetes tipo 2. E também representa um sucesso de vendas: foram 200 000 unidades comercializadas em julho, mês em que a Anvisa aprovou outros cinco “similares” do Ozempic: Owozy, Seemasun, Zempneo, Semavy e Orsema. Quando a largada parecia fechada, o órgão autorizou, na última segunda-feira, 17, outras duas medicações, incluindo a primeira versão realmente genérica, concebida pela própria EMS com o objetivo de, no futuro, baratear o tratamento de uma doença que afeta ao menos 10% da população. Com o páreo cheio, a próxima etapa, que depende do aval da agência, é a liberação para a perda de peso. Mas o fato é que a corrida das canetas começou.

Ao todo, já são doze opções de drogas que levam semaglutida — algumas já disponíveis e outras que receberam o sinal verde e ainda serão precificadas e lançadas. Os concorrentes incluem a Semavy, do grupo Hypera Pharma, prevista para estrear em setembro, e o tal “genérico”, que copia não o



O CAMINHO DA SEMAGLUTIDA

A substância reproduz o hormônio GLP-1, produzido no intestino

❶ COM A CHEGADA DOS NUTRIENTES DA COMIDA, O INTESTINO PRODUZ O GLP-1

❷ NO PÂNCREAS, O HORMÔNIO ESTIMULA A PRODUÇÃO DE INSULINA, SUBSTÂNCIA NÃO APROVEITADA DE FORMA ADEQUADA POR PESSOAS COM DIABETES TIPO 2

❸ COM A LIBERAÇÃO DA INSULINA, OCORREM A DIMINUIÇÃO E O CONTROLE DA GLICOSE

OUTROS RESULTADOS

Diminuição da fome: *atua em regiões do cérebro envolvidas na saciedade*

Retardo do esvaziamento do estômago: *a comida permanece mais tempo no estômago, prolongando a sensação de saciedade*

Perda de peso: *desencadeada por essas alterações no funcionamento do organismo*

Fonte: *Novo Medlink*

Ozempic, mas o Ozivy, e inaugura outra frente no segmento. Muito antes de chegar às farmácias, a corrida é intensamente regulatória. Os fabricantes precisam apresentar um dossiê de estudos à Anvisa e, com a chancela concedida, brigarão em um setor cada vez mais competitivo, o que, como tudo leva a crer, poderá beneficiar o consumidor com preços mais baixos. Esse é um desafio que vai além do bolso, uma vez que condições como diabetes tipo 2 e excesso de peso exigem tratamento contínuo. “A lógica é a mesma de controlar hipertensão ou colesterol alto. A diferença é que a obesidade é uma doença visível e, com as canetas, a demanda popular é muito maior”, diz o endocrinologista Bruno Halpern, presidente da Federação Mundial de Obesidade.

Tamanha demanda, em meio a um exorbitante mercado paralelo de injeções irregulares, falsificadas e manipuladas, impôs uma força-tarefa à Anvisa. A agência acelerou as análises dos pedidos de registro dos novos produtos, o que, segundo Leandro Safatle, diretor-presidente da entidade, não significou afrouxamento dos critérios de segurança. Com um processo de avaliação otimizada, o órgão escrutinou 24 solicitações, das quais onze foram concluídas — seis receberam aval e cinco foram reprovadas até agora. A operação envolve não só um parecer sobre dossiês técnicos como também a inspeção das linhas de produção. “Isso mostra a seriedade do nosso trabalho”, afirma Safatle.

A chegada das novas versões não pode ser resumida à ideia de “copiar e colar” a fórmula original. A semagluti-

SIMPSON33/GETTY IMAGES

DIABETES Controle glicêmico: primeiro alvo das novas drogas

da utilizada nas canetas de Ozempic para diabetes e Wegovy para obesidade é um medicamento biológico, ou seja, fabricado a partir de células cultivadas em laboratório. E a queda da patente não tirou nem vai tirar os criadores da molécula do mercado. A Novo Nordisk firmou, no fim de 2025, um acordo com a brasileira Eurofarma para produzir e distribuir o Extensior e o Poviztra, canetas com o mesmíssimo princípio ativo de Ozempic e Wegovy, respectivamente.

Ocorre que mais da metade dos pedidos de novos registros de injetáveis engloba fármacos sintéticos — não biológicos. Em resumo, o meio de obtenção é outro: por síntese química. É por isso que o Ozivy foi classificado como um produto inédito, embora emule a substância de base, e a razão pela qual essas canetas, com exceção da versão da EMS que imita o Ozivy, não são “genéricas”. Cabe esclarecer que

Ines249

"sintético" tampouco é sinônimo de inferior: se a empresa consegue demonstrar que criou, ainda que por outro caminho, uma molécula com a mesma estrutura e qualidade exigidas, atuando com idêntica proposta no organismo, ela pode fazer as vezes da original. "O primeiro critério na hora de escolher um medicamento ou outro não é se ele usa semaglutida biológica ou sintética, mas que tenha sido aprovado pela Anvisa", diz Neuton Dornelas, presidente da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia.

ARSENAL EM EXPANSÃO

Depois da queda da patente do Ozempic, marcas nacionais entraram no mercado

JÁ ESTÃO NAS FARMÁCIAS	**OZEMPIC** *(Novo Nordisk)*	**WEGOVY** *(Novo Nordisk)*
PREÇO	A partir de **825 REAIS**	A partir de **825 REAIS**
INDICAÇÃO	*Diabetes tipo 2*	*Diabetes tipo 2 e obesidade*

Ines249

Enquanto as discussões sobre a real equivalência entre as opções seguem vivas entre especialistas, ninguém nega que a força da semaglutida sintética está no preço. O Ozivy, a primeira caneta nacional, chegou às farmácias em junho por 333 reais a unidade nas condições do programa Vida + Leve, da EMS. A tecnologia própria desenvolvida pelo laboratório e a produção em escala 100% local permitem oferecer um valor mais competitivo. O que não significa que as medicações biológicas não ficarão mais em conta. Já estão: o Extensior, "irmão" do Ozempic, custa metade do primogênito, cerca de 400 reais. Os efeitos das mudanças em curso já se fazem sentir. Com a ampliação do arsenal de semaglutida, a classe virou o jogo contra a tirzepati-

POVIZTRA	**EXTENSIOR**	**OZIVY**
(Eurofarma/ Novo Nordisk)	*(Eurofarma/ Novo Nordisk)*	*(EMS)*
A partir de **295 REAIS**	A partir de **399 REAIS** (clientes do EuroCuida) ou **445 REAIS** (compra individual)	A partir de **371 REAIS**
Diabetes tipo 2 e obesidade	***Diabetes tipo 2***	***Diabetes tipo 2***

Fontes: *Anvisa, EMS, Eurofarma, Hypera, Novo Nordisk, Sandoz e Sun Pharma* da, do Mounjaro (ainda protegido por patente), passando a representar 56% das vendas oficiais — em junho, eram 49% ante 51% do rival.

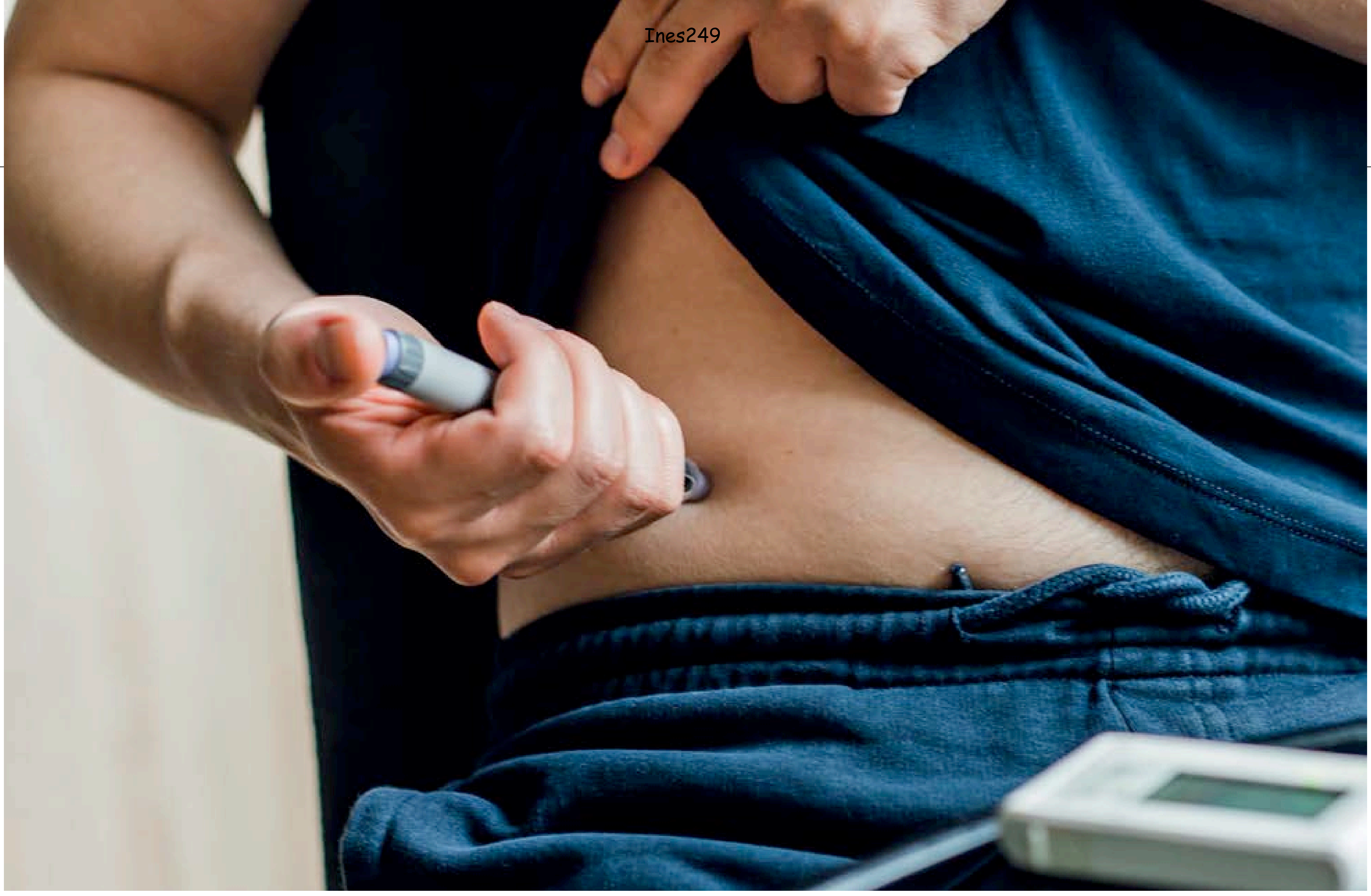
Hoje, de acordo com as regras vigentes, qualquer caneta, a despeito da substância e da marca, deve ser prescrita por um médico. A escolha precisa levar em conta a resposta individual e o histórico de saúde, assim como a realidade sociocultural. “A medicina tem caminhado cada vez mais para o compartilhamento de decisões com o paciente, levando em consideração suas necessidades”, diz Dornelas. Essa conversa franca e pautada em ciência em consultório é importante inclusive para que as pessoas não recorram a produtos ilegais, capazes de colocá-las em risco.

RECÉM-APROVADAS

Indicadas para diabetes tipo 2, ainda não tiveram preços e data de lançamento divulgados

- **OWOZY** *(Ávita Care/Sandoz)*
- **SEEMASUN** *(Sun Pharma)*
- **ZEMPNEO** *(Brainfarma/Hypera)*
- **SEMAVY** *(Cosmed/Hypera)*
- **ORSEMA** *(Ranbaxy/Sun Pharma)*
- **SEMACLIQUE, versão similar do Ozivy** *(Germed)*
- **Versão genérica do Ozivy, ainda sem nome definido** *(EMS)*

Ines249



OLENA MALIK/GETTY IMAGES

USO CORRETO Sob prescrição: indicação e acompanhamento de especialistas são exigidos hoje

O mercado paralelo é assustadoramente grande e vem sendo acompanhado pela Anvisa, pela Receita e a Polícia Federal. Insumos, ampolas e seringas que prometem substituir as canetas autorizadas atravessam a fronteira do Paraguai ou são manipulados em fábricas clandestinas. Apenas entre novembro de 2025 e julho deste ano, foram importados 4,2 quilos de semaglutida e 150 quilos de tirzepatida na forma de insumo. Para se ter ideia do tamanho desse montante, 130 quilos dessas substâncias correspondem a 25 milhões de doses. Até o mês passado, a agência realizou 33 operações de fiscalização em farmácias de manipulação, das quais catorze foram em parceria com a PF. É o efeito colateral de outra corrida, a da magreza. "Toda revolução em saúde tem aspectos positivos e negativos. Nesse caso, vemos a busca desenfreada por padrões de beleza por meio de produtos irregulares", afirma Halpern.

Ines249

OZEMPIC
1 mg
injektionsvæske
stungulyf

CAROLINE RUDA/SHUTTERSTOCK

ORIGINAL Ozempic: versão biológica foi pioneira no mercado e segue à venda

Ao menos se espera que, com a chegada das novas canetas devidamente aprovadas pelas competências regulatórias, a queda no preço se traduza em mais acesso a medicamentos de qualidade, algo inviável para boa parte da população acima do peso e com diabetes no país atualmente. Outro passo fundamental, que poderá ser propiciado com essa movimentação toda, é a incorporação dessas tecnologias no Sistema Único de Saúde (SUS), que atende 75% da população e hoje conduz um estudo para avaliar o custo-benefício da adoção da semaglutida na rede pública. “Com a entrada de genéricos e o aumento da concorrência, os preços devem cair de forma significativa, fator determinante para a incorporação”, disse, em nota, o Ministério da Saúde. Será a prova final da corrida das canetas, aquela que só termina quando todo brasileiro que precise puder tomar a sua. Vive-se um momento revolucionário. ■

AO MESTRE, SEM CARINHO

Os casos de agressão de alunos contra professores avançam nas escolas brasileiras, colocando o país no topo de um ranking indesejado **PAULA FREITAS** E **SARA SALBERT**

NA MIRA Falta de limites na sala de aula: um preocupante fenômeno que transborda da casa para o colégio

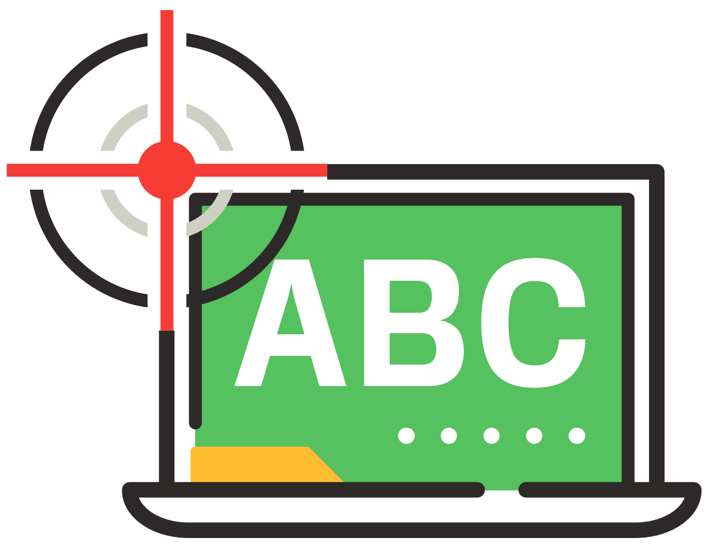
LEO PATRIZI/GETTY IMAGES

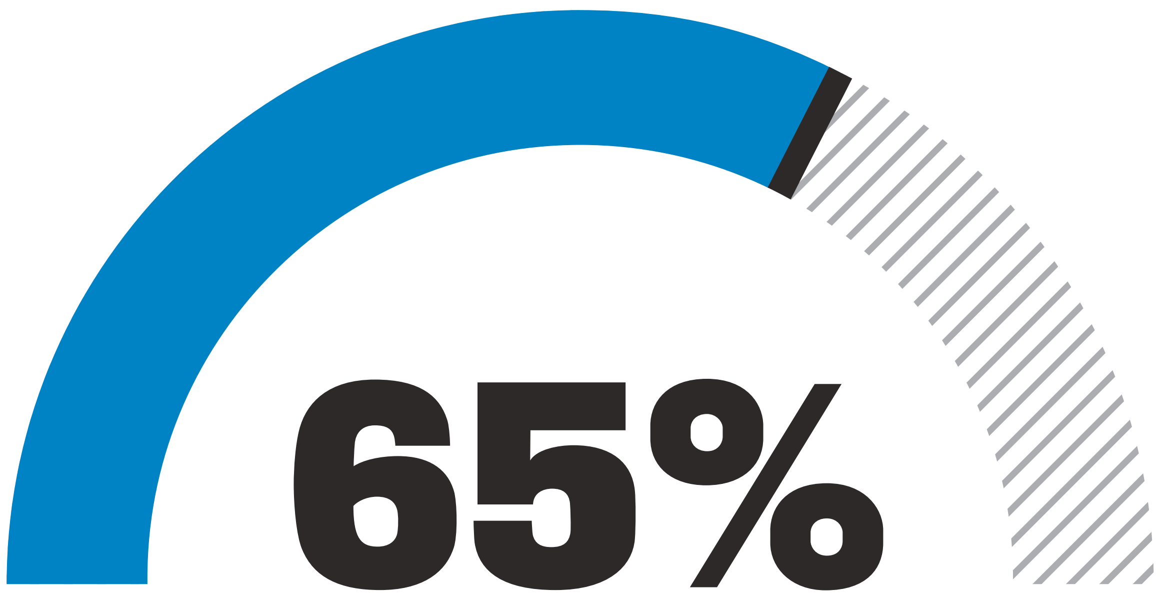
AO CHEGAR na escola em que trabalha, na manhã de 8 de julho, a pedagoga Gabriele Melko, 50 anos, teve uma terrível experiência, no avesso da atividade que abraçou na juventude, no sonho de ensinar. Era dia de festa no colégio estadual Eunice Borges da Rocha, em Curitiba, e uma aluna do ensino médio batia o pé — de jeito algum queria ir embora, mesmo informada por Gabriele de que a celebração vespertina havia sido organizada apenas para a criançada. Contrariada, a adolescente de 17 anos começou a xingar a educadora e, em um ataque de fúria, desferiu socos contra ela, que se espantou ao ver o saldo do ato de selvageria no espelho: a boca cheia de cortes e o rosto todo inchado. Correu então ao hospital e registrou boletim de ocorrência. A mãe da estudante, a princípio, se recusou a ir à escola, onde só apareceu por ordem do Conselho Tutelar. A menina foi primeiro suspensa, depois transferida, e a rotina voltou aos trilhos. As marcas do episódio, porém, se fizeram profundas. “Ando pelos corredores com muito, muito medo. Não consigo sair de casa sozinha, temo que alguém da família dela possa de repente me abordar”, disse a pedagoga a VEJA.

O infeliz episódio não é pontual, fruto da raiva desmedida de mais uma adolescente sem freios, mas um fenômeno que se alastra por instituições brasileiras de ensino, públicas e privadas. Uma recente pesquisa feita pela OCDE, o clube das nações mais ricas, mostra que a violência contra o pelotão de profissionais que encara a nobre missão de transmitir conhecimento às novas gerações põe os brasileiros em pri-

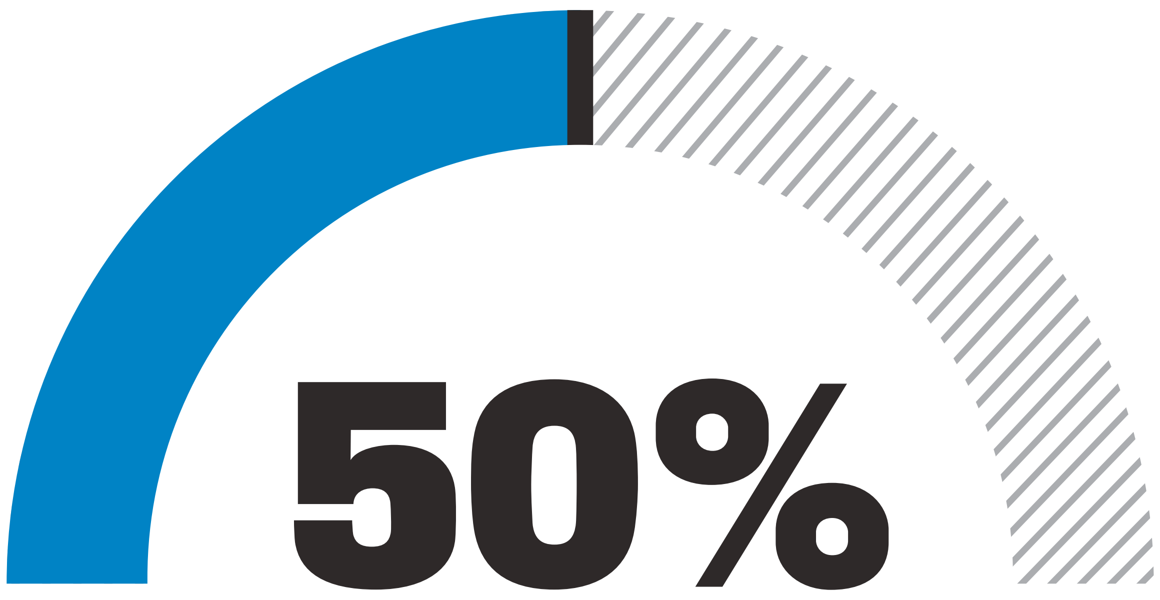
LIÇÃO DE DESRESPEITO

Ameaças e agressões permeiam a rotina da maioria dos professores no Brasil

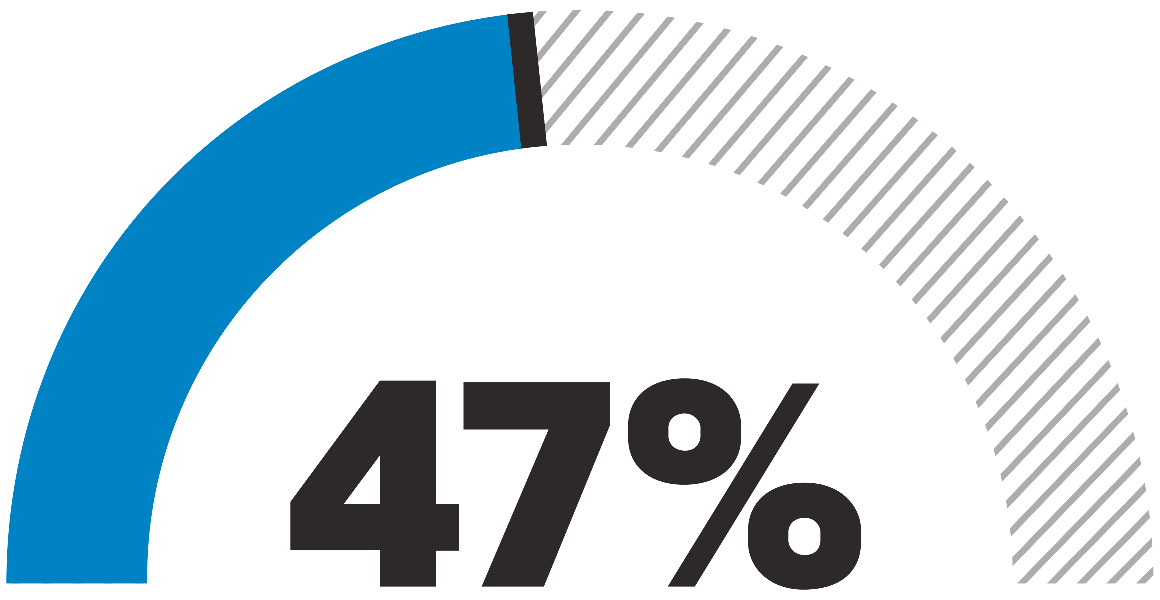




JÁ SOFRERAM ALGUM TIPO DE AGRESSÃO VERBAL, PSICOLÓGICA OU FÍSICA NA ESCOLA



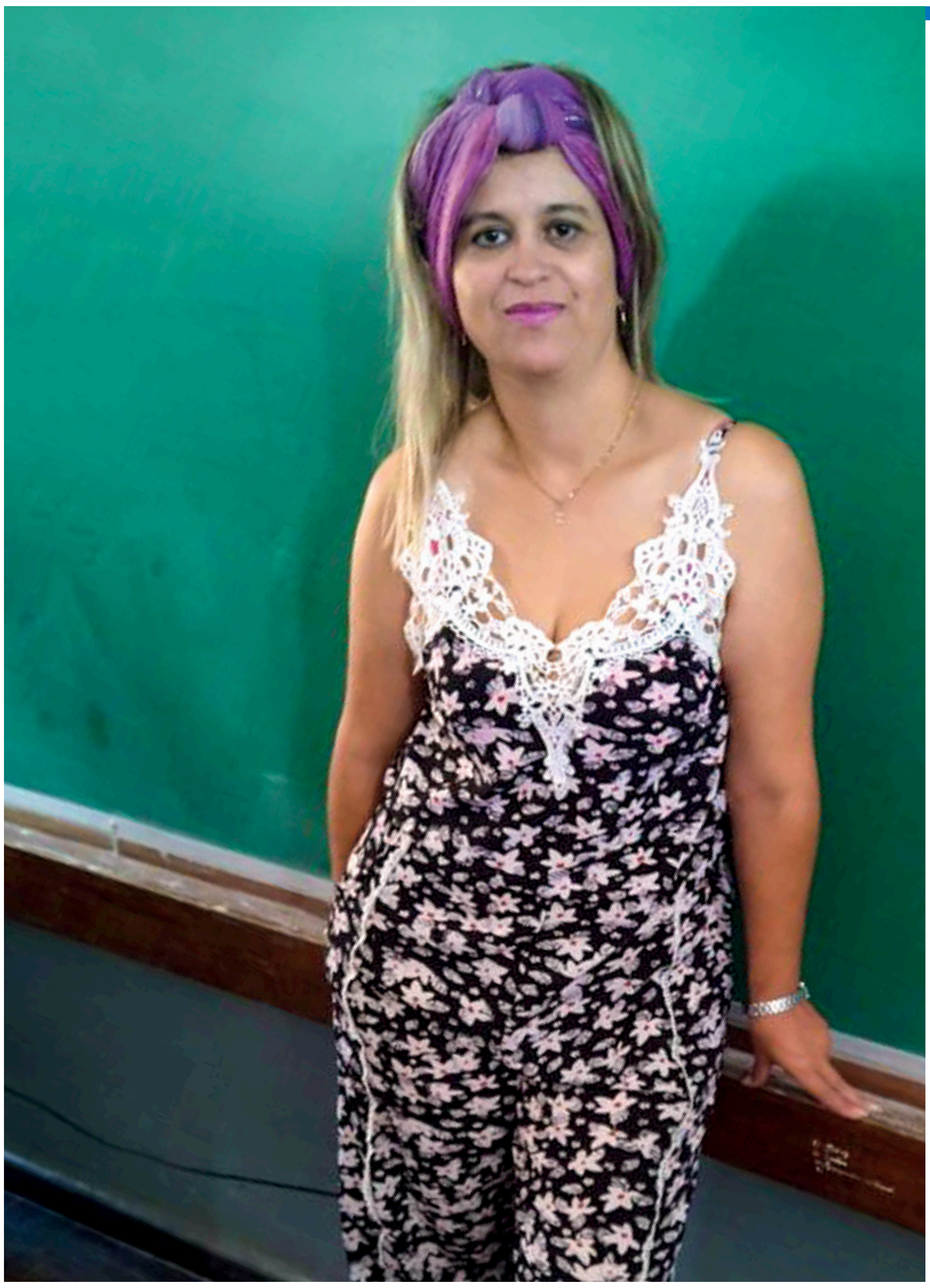
ENCARAM UM DIA A DIA DE **INDISCIPLINA**



REVELAM ESTRESSE DECORRENTE DE INTIMIDAÇÕES E OUTRAS TRANSGRESSÕES

Fonte: *Centro do Professorado Paulista (CPP) e OCDE* meiro lugar em um ranking do qual ninguém ambiciona o pódio: 47% dos mestres aqui afirmam sofrer estresse desencadeado por intimidações e abusos verbais, número alarmante que destoa da média de 18% dos 55 países avaliados. E só piora: levantamento semelhante de uma década atrás, também da OCDE, sublinhava que eram 12% os docentes brasileiros que se declaravam na mira de agressões. Inaceitáveis em qualquer grau, às vezes elas tomam contornos particularmente assustadores: 65% dos entrevistados em uma nova aferição do Centro do Professorado Paulista (CPP), referência no tema, contam ter sido alvo de violência ora psicológica, ora física no ambiente escolar. “Há um grave aumento dos casos, um entrave para o ensino de qualidade”, afirma a pedagoga Maria Inês Fini, da Academia Paulista de Educação.

O que se observa muro adentro dos colégios é, em parte, reflexo de uma sacudida mais abrangente no campo do comportamento. Impulsionados pelos ventos da modernidade, os pais de hoje rompem com a rigidez que vivenciaram na infância — um movimento salutar, mas eles não raro perdem a mão, deixando de demarcar limites tão preciosos ao desenvolvimento. Pois é esta flexibilidade, quando excessiva, que leva a meninada a ter dificuldade de digerir um “não” e aceitar hierarquias, tais como a estabelecida entre o professor e sua classe. Um obstáculo adicional, na visão de estudiosos, é que muitas vezes os próprios responsáveis minimizam a falta de modos dos rebentos. “Eles vão frequen-



ARQUIVO PESSOAL

“TENHO MUITO MEDO”

Com três décadas de docência, **Gabriele Melko,** 50, foi alvo da fúria de uma adolescente que não aceitou um “não” em um colégio público de Curitiba. Levou socos e ficou com o rosto todo inchado. “Voltei ao trabalho, mas temo que possa acontecer de novo”, diz.

tementе à escola para brigar com o docente, em uma completa inversão de valores”, enfatiza Fátima Silva, presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação.

É nesse caldo que metade dos professores brasileiros afirma lecionar em meio à indisciplina, o dobro de seus pares mundo afora, de acordo com a pesquisa da OCDE. A professora de geografia Geisa Chaves, de 52 anos, sentiu na pele a ira de um pai inconformado com a nota da filha. A caminho de uma escola privada na Zona Oeste carioca, ia sendo bombardeada por mensagens e ligações de colegas preocupados com o homem que, já no colégio, avisava: “Vou dar na cara dela”. Foi à base de muita conversa, como a situação pedia,

ARQUIVO PESSOAL

“É UM ESTRESSE”

A professora de português **Jane Queiroz,** 56, lida diariamente com a indisciplina em uma escola particular do Rio. Admite às vezes até suar frio antes de encarar a turma. “Não é fácil. Meus colegas também passam por isso”, conta ela, que não desistiu de tentar impor respeito e dar uma boa aula.

que Geisa o acalmou. “A culpa é sempre nossa por não ter feito o suficiente, não do aluno descomprometido”, diz. O desrespeito ao mestre ganha asas no embalo da internet, que pode abrir uma avenida a difamações e ofensas. Na escola particular onde trabalha a professora de língua portuguesa Jane Queiroz, 56 anos, estudantes dispararam nas redes ameaças à coordenadora. “Falavam que iam enfiar uma caneta no pescoço dela”, diz Jane, que já ouviu de um aluno que ela só tinha emprego porque ele e os outros “deixavam”.

Ansiedade, depressão, burnout — estes são diagnósticos cada vez mais recorrentes entre a turma à frente da lousa. “Mesmo quem nunca foi vítima direta fica em estado de

INSTAGRAM @PROFMICHELE5

DOR QUE NÃO PASSA

Depois de um aluno depositar uma lâmina de vidro em seu copo, **Michele Ramos,** 37, docente de biologia em São José dos Campos, teve um colapso. “Não quero voltar a trabalhar hoje”, disse em vídeo.

constante vigilância, temendo ser o próximo a sofrer alguma espécie de agressão, e isso faz um mal imenso”, afirma o psicólogo Sérgio Guimarães, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Para os mestres concursados da rede estadual paulista, foram concedidas mais de 42 000 licenças por transtornos mentais em 2024, média superior a 115 afastamentos por dia. Recentemente, Michele Ramos, 37 anos, professora de biologia da rede municipal de São José dos Campos, no interior paulista, foi parar no hospital devido a um colapso nervoso. Um aluno havia depositado uma lâmina de vidro em seu copo d’água, que ela não bebeu após ser avisada por parte da classe. “Já estava no limite, e o limite sempre vai aumentando", desabafou, aos prantos, em vídeo que ultrapassou 1 milhão de visualizações. Licenciada, Michele está em tratamento psicológico para lidar com o ocorrido, enquanto reflete se quer seguir ensinando. Três alunos foram suspensos, e o caso foi encaminhado ao Conselho Tutelar e à polícia civil.

Um levantamento do Observatório Nacional da Violência contra Educadores lança luz sobre outro desdobramento nada desejável do ambiente hostil em sala: alguns professores começam a filtrar conteúdo para evitar debates inflamados que possam elevar a temperatura e desaguar em reações de natureza violenta. Deixam assim de extrair a riqueza que justamente deriva do choque de ideias. A pesquisa revela que 38% dos mestres já foram orientados pela escola a evitar "temas polêmicos" — sexualidade, aborto, questões de gênero e política, entre eles — e 31% foram aconselhados a evitar certos tópicos de suas matérias. É natural que essa atmosfera acabe por ser um desestímulo e tanto à docência, ofício em baixa no Brasil. Uma projeção do Instituto Semesp estima que o país registrará um déficit de 235 000 professores no ensino básico até 2040, caso não se mexa para tornar a carreira mais atraente, como em tantos países onde o professor não apenas é bem pago e bem formado, mas, sobretudo, admirado e respeitado.

A exitosa experiência de nações que reverenciam seus mestres deve servir de lição, sem dúvida, mas logo ali em Cubatão, na Baixada Santista, a excelência conduzida por

Ines249

JOÃO VALÉRIO

BOM EXEMPLO Escola Parque dos Sonhos, em Cubatão: elo com a criançada

eles floresce de forma exemplar em um cenário improvável de escassez. Respeito, ali, há de sobra. Na escola Parque dos Sonhos, que antes estava mais para pesadelo e onde professor nenhum parava na cadeira, o diretor Regis Marques vem implantando de uma década para cá um programa de fortalecimento de laços de alunos e pais com o colégio, que envia profissionais à casa da garotada para conhecer cada realidade e engajar a turma. Regras são coisa séria por lá. E não deu outra: no ano passado, a instituição recebeu o prestigiado prêmio de melhor do mundo da T4 Education, que enaltece histórias de superação. “O vínculo é peça-chave para a confiança. É preciso aproximar de uma vez por todas o aluno do professor”, diz Regis. Só assim, afinal, o Brasil poderá começar a despontar no topo de rankings que valham mesmo a pena, porque a educação é a chave de toda civilização. ■

LIÇÃO DOLOROSA

Em meio a ataques à vacinação semeados pelo governo dos Estados Unidos, o maior surto de sarampo nas Américas em duas décadas avança e já faz vítimas no Brasil **PAULA FELIX**

ALTO RISCO Crianças em perigo: além das lesões na pele, a doença pode causar sequelas neurológicas

ANDRIANO CZ/GETTY IMAGES

A GLOBALIZAÇÃO tem várias facetas: a política, a econômica, a comportamental e também a biológica. Esta última, invisível até impor agravos, é muito bem representada pelos vírus. Se uma região do mundo é assolada por uma moléstia infecciosa, em tese nenhum lugar está imune ao problema. Que o diga o sarampo, um dos patógenos mais transmissíveis de que se tem notícia. Enquanto as pessoas estão protegidas com a vacina, ele pode ser devidamente controlado. Mas basta uma brecha nas barreiras médicas para o microrganismo se espalhar, ameaçando sobretudo crianças pequenas. E é essa doença, que parecia sumida em terras brasileiras, que voltou a ganhar escala recentemente, disseminada a partir da América do Norte, incluindo a nação que hoje lidera movimentos de boicote à imunização, os Estados Unidos.

O cenário é preocupante. Já vivemos um dos maiores surtos na região nas últimas duas décadas, com ao menos 24 casos registrados no Brasil — e dezenas de milhares em países acima da Linha do Equador. E tudo pode piorar: em um movimento que contraria a ciência, o presidente americano Donald Trump assinou uma ordem que prevê a redução dos imunizantes obrigatórios a crianças nos EUA e o desmembramento da vacina contra o sarampo para aplicação em doses separadas, o que pode afetar a adesão adequada às picadas. A infecção se alastrou nas Américas do Norte e Central e conquistou novos terrenos com o maior fluxo de viagens propulsionado pela Copa do Mundo, cujas sedes já registravam aumento nos casos. Até o momento, mais de 50 000 episódios foram contabilizados, mais que o triplo das notificações em 2025, sendo que 95% dos registros se concentram na Guatemala, no México, nos Estados Unidos e no Peru. Os primeiros tentáculos do surto não poupam o Brasil. “O sarampo é muito contagioso: entre não vacinados, um indivíduo pode passar o vírus para outros dezoito”, diz o pediatra e infectologista Renato Kfouri, presidente da Câmara Técnica de Eliminação do Sarampo do Ministério da Saúde.

CONTRA SARAMPO, PAROT
Viva, Atenuada (Liofiliza
mínimo
vírus de sarampo
vírus da parotite
vírus da rubéola
ml diluente.
grávida.
Guardar a 2-8°
Proteger contra
Satisfaz todos
requisitos da
Nº da Lic de Fab : 18
OF INDIA PVT. LTD.
411 028, INDIA

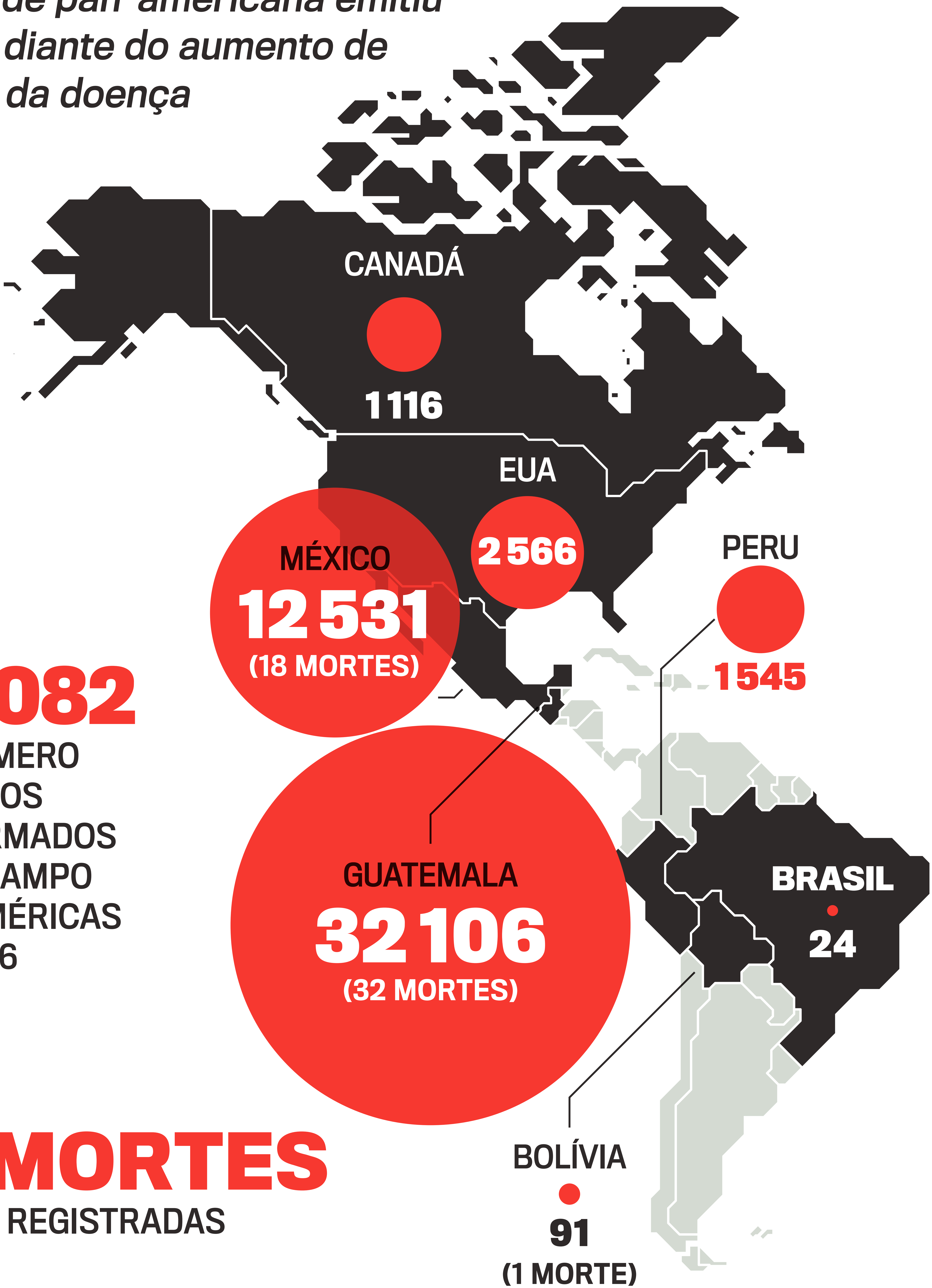
VINCENT BOSSON/FOTOARENA/AG. O GLOBO

SEGURANÇA A tríplice viral: esquema completo envolve duas doses

Por aqui, com a identificação de pacientes infectados na Grande São Paulo, foi iniciada uma campanha para saturação do vírus, o que inclui a adoção da chamada “dose zero”, quando a vacina é aplicada em bebês com mais de 6 meses, um semestre antes da idade prevista para o início do esquema vacinal. A iniciativa prevê picadas para a população até 59 anos. O objetivo é evitar um surto, que po-

O AVANÇO DO VÍRUS

Entidade pan-americana emitiu alerta diante do aumento de casos da doença


CANADÁ
1 116
EUA
2 566
MÉXICO
12 531
(18 MORTES)
PERU
1 545
GUATEMALA
32 106
(32 MORTES)
BRASIL
24
BOLÍVIA
91
(1 MORTE)

50 082

É O NÚMERO DE CASOS CONFIRMADOS DE SARAMPO NAS AMÉRICAS EM 2026

51 MORTES

FORAM REGISTRADAS

Fontes: *Ministério da Saúde e Organização Pan-Americana da Saúde (Opas)* ria em risco a vida de crianças e levaria à perda do certificado de nação livre da circulação endêmica do sarampo, recuperado pelo Brasil em 2024. “Em 2019, nós perdemos o certificado por causa de um surto que começou em São Paulo. Isso não teve ação firme e chegou a 20 000 infectados”, recordou, em pronunciamento, o ministro da Saúde Alexandre Padilha. “Em 2025, nós não deixamos que 38 casos importados se transformassem em surtos e, em 2026, vamos travar essa luta de novo.” Segundo o chefe da pasta, a cepa viral que circula no país veio justamente dos EUA e do Canadá.

De fato, as erupções de sarampo estão diretamente ligadas aos momentos de desmobilização da imunização. E os números do passado deixam essa associação clara: antes das campanhas de vacinação em massa, iniciadas na década de 1960, entre 2 e 3 milhões de pessoas morriam por ano em decorrência do vírus. Com a imunização, o índice caiu para 100 000. Diante da alta proteção do imunizante, que chega a 95% quando o esquema com duas doses está completo, o sarampo poderia ter sido erradicado. No entanto, a vacina tríplice viral (que combate sarampo, caxumba e rubéola) tem sido alvo de campanhas difamatórias desde que uma farsa foi arquitetada em 1998 para descredibilizar a fórmula, ligando-a ao autismo. Mesmo com a retratação, a onda de desinformação se manteve e ainda alimenta discursos dos movimentos antivacina.

O negacionismo esteve em alta na pandemia, teve um declínio, mas, na esteira das decisões de governos como o americano, ganha força novamente. No caso da tríplice viral, determinar a aplicação em doses independentes e após um consenso entre pais e médicos significa o rebaixamento de uma medida implementada para evitar que crianças morram ou tenham sequelas que vão acompanhá-las ao longo da vida, como danos neurológicos, auditivos e visuais.

As duas doses protetoras são aplicadas aos 12 e aos 15 meses de vida para oferecer proteção precoce. “É justamente no período em que as famílias estão mais atentas e a criança ainda frequenta o pediatra”, explica o infectologista pediátrico Francisco Ivanildo de Oliveira Junior, do Sabará Hospital Infantil, em São Paulo. Nesse contexto, há uma batalha ferrenha das autoridades para aumentar a cobertura da segunda dose. O balanço atualizado do Ministério da Saúde mostra que, no ano passado, o índice nacional para a primeira dose da tríplice viral foi de 92,9%. Na segunda dose, o percentual caiu para 78,3%. “É a segunda dose que vai aumentar a probabilidade de que a proteção seja para a vida inteira”, diz Oliveira Junior.

O vírus está em circulação e a situação pode se agravar, especialmente com o grande deslocamento de pessoas por todas as partes do mundo. Para cortar a corrente, já temos uma arma à mão: as vacinas. Sim, patógenos e sandices ultrapassam fronteiras. Felizmente, o conhecimento também — e nunca é tarde para espalhá-lo. ■

FÁBIO AUDI

ESCREVO UMA HISTÓRIA DE CURA E RECONSTRUÇÃO

A atriz Evelin Camargo descobriu um câncer após colocar silicone nos seios — e isso mudou sua visão de mundo

HÁ SEIS MESES, minha vida mudou. Seis meses desde que passei a olhar tudo de forma diferente. Seis meses desde que fiz a cirurgia para retirar um linfoma causado por uma prótese de silicone, um problema que eu nem imaginava que poderia surgir. Preciso voltar um pouco no tempo para me fazer entender. Desde jovem, sempre tive um volume muito grande de seios. Daqueles que pesam, causam dores nas costas e que te deixam constrangida dependendo da roupa, ainda mais na adolescência. A redução de mama sempre pareceu inevitável para mim, como foi para outras mulheres da minha família, incluindo a minha mãe.

Em 2019, aos 28 anos, chegou o momento. Eu me preparei para a cirurgia. Tinha certeza de que, finalmente, me livraria das dores e teria os meus tão sonhados seios menores, com o "plus" de uma prótese de silicone para deixá-los mais redondinhos e bonitos. Foram retirados 2 quilos de mama e colocadas próteses de 250 ml. A recuperação foi tranquila e o resultado exatamente como eu sonhei. Tudo perfeito.

Até não ser mais. Em dezembro de 2025, seis anos depois, acordei com o seio esquerdo muito maior que o direito. A primeira suspeita foi o rompimento da prótese. Mas uma ressonância magnética descartou essa possibilidade, trazendo outros eventuais diagnósticos. Meu cirurgião pediu uma punção do líquido para avaliar todas as possibilidades, inclusive a de um linfoma. Era 23 de dezembro. Por causa das festas de fim de ano, o resultado demorou semanas. Fiz uma viagem de férias, descansei, trabalhei e segui meu ciclo de congelamento de óvulos. A vida continuava enquanto, silenciosamente, uma resposta capaz de mudá-la estava sendo processada em algum laboratório.

Até que, numa sexta-feira de manhã, entrei no site para consultar os exames e o laudo estava lá: positivo para BIA-ALCL. Eu não conseguia respirar. As lágrimas simplesmente caíram. Corri para o Google e descobri o significado daquela sigla: linfoma anaplásico de grandes células associado ao implante mamário, um tumor raro relacionado à prótese no seio. Vieram outros médicos, fiz outros exames — tudo para descobrir até onde a doença tinha ido.

E, então, surgiu a notícia que, naquele momento, me pareceu um presente: o câncer estava restrito à região da prótese, sem sinais de disseminação. Nesse estágio, a retirada completa do implante e da cápsula ao redor dele poderia ser curativa. No dia 16 de fevereiro, passei por uma operação de cerca de sete horas. Retirei as próteses, parte do tecido em volta e reconstruímos o que restou da mama. Acordei com muitos pontos e um corpo que eu não reconhecia. Nunca tinha me visto com seios tão pequenos. Precisei entender que aquela mudança brutal na aparência também era a imagem de algo muito maior, já que eu estava viva.

Talvez essa tenha sido a primeira das muitas coisas que aprendi. Passei anos idealizando que meu corpo tivesse determinada aparência e, de repente, tudo o que eu queria era que ele estivesse saudável. Entendi que não controlamos nossas vidas tanto quanto imaginamos. Que planos podem mudar em uma sexta-feira de manhã.

Também aprendi a não procurar culpados. Nem em mim nem na menina de 28 anos que escolheu colocar silicone. Ela tomou a melhor decisão que podia com as informações que tinha. Desde 16 de fevereiro, eu reaprendo um pouco sobre mim, sobre meu corpo e sobre a oportunidade que é estar aqui, viva. E hoje as coisas parecem ter outro significado. Um pouco mais profundo e mais urgente, com mais atenção à minha saúde, física e mental. A mistura de tantos sentimentos me lembra, todos os dias, do privilégio que é poder continuar escrevendo a minha história. Minha história de cura e de reconstrução. ■

Depoimento a Diogo Sponchiato

LONGE DE CASA, PERTO DA DOR

Os venezuelanos que vivem no Brasil encaram a impotência de não saber se há familiares ainda vivos depois do terremoto de junho – é a chamada “perda ambígua” **SARA SALBERT**

FEDERICO PARRA/AFP

SEM AJUDA Voluntários reviram escombros em La Guaira: a expectativa, agora, é dar um funeral digno para os mortos

DOIS MESES depois do terremoto que atingiu a Venezuela, com mais de 6 400 mortes e milhares de pessoas desabrigadas, uma triste rotina se estabeleceu nas cidades mais atingidas: sobreviventes se dirigem aos escombros para tentar achar os corpos dos que ainda estão soterrados. Com pás, picaretas e até com as mãos, moradores reviram o entulho na esperança de, ao menos, oferecer um funeral digno. É drama que atravessa fronteiras. Ao menos 500 000 imigrantes que pediram refúgio ao Brasil, para escapar da fome e da miséria que agravam ainda mais a tragédia, seguem a dor à distância. “A esperança de encontrar meu pai com vida diminui cada vez mais, mas nunca acaba”, diz Daniel Medina, 28 anos, que não tem notícia paterna alguma desde 24 de junho, quando a terra tremeu na cidade de La Guaira.

Cerca de 60 000 imóveis foram danificados em decorrência da precariedade das construções erguidas na pobreza da República Bolivariana. Para quem deixou a terra natal às pressas, consultar várias vezes por dia os sites criados para reunir informações sobre mortos e sobreviventes — o Venezuela Te Busca e o Desaparecidos Terremoto Venezuela são dois deles — é o jeito mais fácil, embora frágil e incerto, de buscar informações sobre os familiares. O horror ganha outros contornos, ainda mais duros, quando se compara o incomparável. Na Colômbia, na semana passada, com um tremor de mesma magnitude — 7,4 graus na escala Richter — os danos foram menos ruidosos, com 294 mortos, porque o epicentro atingiu regiões menos populosas e porque o país estava mais bem preparado.

Ines249

ARQUIVO PESSOAL

ÚLTIMOS SORRISOS

Em um dos derradeiros encontros, na companhia do irmão e da tia, **Daniel Medina** *(à dir.)* se despediu sem saber do pai, **Félix Tovar**, 70 *(à esq.),* antes de ele viajar para visitar familiares: "A esperança não acaba", diz.

As famílias partidas pela diáspora venezuelana já não buscam mais contatos e informações nos 107 acampamentos onde mais de 20 000 desterrados tentam reerguer a vida, mas se mobilizam para colher amostras de DNA, caminho possível para identificar os parentes sob destroços. O acaso, às vezes, colabora nas buscas. O frentista Gustavo Oliveira, 20 anos, que vive no Ceará, viu a avó, sumida, ao acompanhar uma live de socorro no TikTok. Ela foi localizada, mas quatro tias, dois tios e vários primos de Oliveira seguem perdidos. "Sinto uma culpa enorme por estar aqui, em segurança, enquanto eles passam por tudo isso", diz.

Para quem está longe, a sensação de impotência é tingida de saudade. É comum, durante o luto, em fenômeno maciça-

ARQUIVO PESSOAL

CHOQUE DE REALIDADE

Morador do Ceará, **Gustavo Oliveira,** 20 anos, procura notícias de quatro tias, dois tios e vários primos: "Na teoria, meus parentes estão desaparecidos, mas, na prática, sabemos que a realidade é outra", afirma.

mente acompanhado pela psicologia, ter a falsa ilusão de que algo poderia ser feito para evitar a perda. Embora ninguém creia que poderia impedir um desastre natural, a culpa surge diante do fato de ter deixado entes queridos para trás, convivendo com a hiperinflação e a falta de comida. O engenheiro mecânico Eudomar Enrique Morales, 48 anos, se mudou para o Rio de Janeiro em 2020 e, desde então, trabalha numa oficina mecânica. Sem condições de voltar para casa, ele acompanhou os funerais de dois tios e três primos pelo celular. "Estou juntando dinheiro para voltar e cuidar de quem precisa de mim", diz ele, que só não perdeu a filha e a irmã porque estavam fora de casa quando o prédio em que moravam ruiu.

Trata-se, em situações como a de agora, com um mundo que ficou para lá e outro que mal existe, de reorganizar a própria existência. "O luto precisa ser vivido, sem adiar ou acelerar o processo", diz o psicanalista Christian Dunker, autor do livro *Lutos Finitos e Infinitos*. O trauma inesperado, no entanto, dificulta o processo de pesar. A técnica de enfermagem María Sánchez, 32 anos, diz não conseguir esquecer a última ligação de vídeo com o tio. O chão começou a balançar exatamente no momento em que conversavam. Ela vive em Chapecó, Santa Catarina, há dois anos; ele morava em La Guaira. "Vou tirar sua avó daqui", disse, antes de conduzir a mãe para fora. Em seguida, voltou para resgatar a namorada, que permanecia no apartamento, mas o edifício não resistiu. "Tentei convencê-lo a não ir, mas já era tarde", diz María.

A ausência de respostas, sobretudo porque já quase não há esperança de sobrevivência entre pedras, terra e concreto, estabelece permanente estado de expectativa. Os especialistas chamam a experiência de "perda ambígua", conceito cunhado para descrever situações em que não há confirmação da morte, nem perspectiva de reencontro — como, aliás, ocorre com os familiares de desaparecidos políticos no Brasil, em situação iluminada pelo filme *Ainda Estou Aqui*. "Com a vida em suspenso, torna-se mais difícil atribuir significado ao que está acontecendo", afirma Adriana Cogo, psicóloga especialista em luto. De São Paulo, a recepcionista Sami López, 37 anos, procura a tia. Ela havia se mudado para La Guaira para se aposentar à beira-mar. "Quero acreditar que ela ainda esteja viva", diz. Para muitos venezuelanos, o chão ainda treme. ■

RELÍQUIAS SUBMARINAS

A arqueologia marinha vive uma era de ouro na Europa, graças a novos sonares ultrapotentes e à ajuda de um fator improvável: a expansão do setor da energia eólica **ALESSANDRO GIANNINI**

NAS PROFUNDEZAS Mergulhadores examinam um canhão do navio inglês: descobertas se multiplicam

NORFOLK HISTORIC SHIPWRECKS/UNIVERSITY OF EAST ANGLIA

HÁ POUCO menos de um mês, quando o mergulhador italiano Giacomo De Mola explorava as águas que banham a cidade de Mazara del Vallo, na Sicília, um sinal estranho piscou no sonar que levava consigo. Curioso, ele desceu até 46 metros de profundidade para investigar — e avistou o que parecia ser apenas uma grande rocha coberta de algas. Aproximou-se e então notou que não se tratava de uma mera rocha. Eram ânforas romanas: centenas delas, ainda dispostas exatamente como haviam sido deixadas há mais de 2 000 anos.

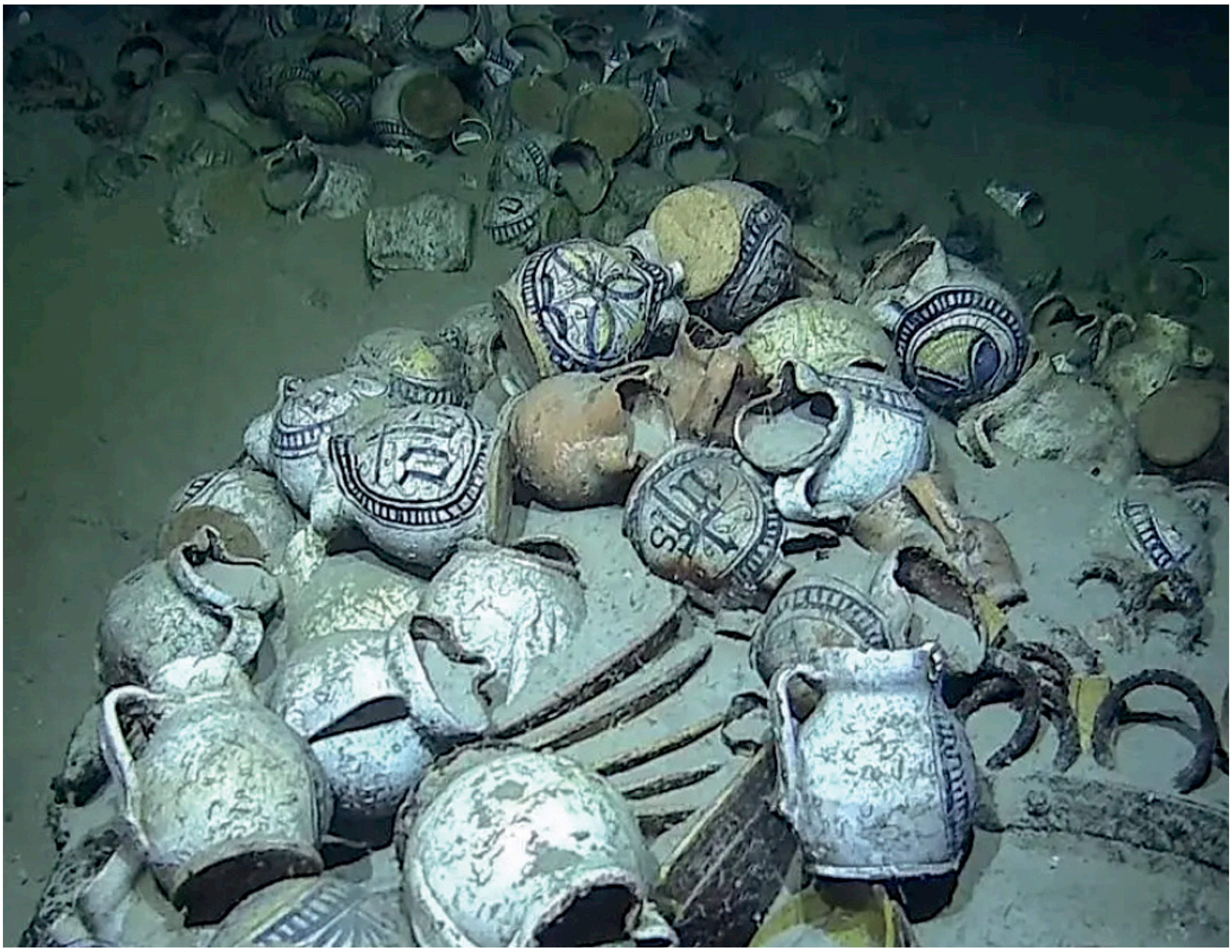
De Mola tinha acabado de encontrar um cargueiro da Roma Antiga, datado entre os séculos II e I a.C., intacto sob o leito marinho havia dois milênios. Ele alertou as autoridades, e mergulhadores da Unidade Subaquática dos Carabinieri de Messina confirmaram: é um navio de cerca de 21 metros de comprimento, carregado sobretudo de jarros de vinho e âncoras de chumbo. “Uma das descobertas arqueológicas subaquáticas mais importantes dos últimos anos”, declarou na ocasião o ministro da Cultura da Itália, Alessandro Giuli.

O achado siciliano não é golpe de sorte isolado. Só em junho, dois cargueiros mercantes da Grécia Antiga e um bombardeiro britânico da II Guerra emergiram das águas da Calábria, no sul da Itália. Na costa de Norfolk, na Inglaterra, um navio de guerra real do século XVII, o HSM Gloucester, veio à tona depois de mais de três séculos submerso. Foi o achado mais importante do gênero no país

Ines249

desde 1982, quando se deu a descoberta do Mary Rose, nau de guerra da frota de Henrique VIII — datada , portanto, do século XVI. Em Saint-Tropez, o cargueiro renascentista batizado Camarat 4 foi mapeado recentemente a 2 567 metros — naufrágio mais profundo já registrado em águas francesas.

A arqueologia marinha vive, em suma, uma verdadeira era de ouro. E por trás dessa onda de descobertas está



MARINE NATIONALE/MINISTÈRE DE LA CULTURE-FR

TESOUROS Ânforas e jarros de embarcações naufragadas nos mares da Sicília e da Calábria, e os pesquisadores com os achados *(à dir.)* após mais de dois milênios, desvenda-se a rota de comércio de vinhos e objetos no Mediterrâneo antigo uma aliada inesperada: a transição energética. Antes de cravar as bases de turbinas eólicas no leito oceânico, as empresas de energia limpa são obrigadas por lei a mapear minuciosamente o fundo do mar, em busca de riscos geológicos e munições não detonadas. Até poucos anos atrás, esse tipo de mapeamento detalhado era tarefa rara e cara, restrita a expedições científicas pontuais. Hoje, é rotina corporativa — e o efeito colateral é uma varredura de al-

UFFICIO STAMPA/COMUNICAZIONE MIC

CARABINIERI
TPC
ALEA
CARABINIERI
SUBACQUEI

VIBO VALENTIA/COMUNICAZIONE MIC

tíssima resolução de trechos dos mares que ninguém jamais havia examinado de perto.

Foi assim que, em 2023, a espanhola Acciona Energía tropeçou num pedaço perdido da Grécia Antiga. Ao mapear o leito do Mar Jônico a 730 metros de profundidade na costa da Calábria, um veículo operado remotamente revelou um cargueiro grego dos séculos V a IV a.C., com mais de 300 ânforas quase intactas. A descoberta levou a empresa a redesenhar o projeto e afastar as turbinas do sítio. “A arqueologia preventiva é ferramenta fundamental para permitir o desenvolvimento de infraestrutura, ao mesmo tempo que protege o patrimônio”, resumiu a Acciona num comunicado. O achado abre uma janela rara para as rotas de comércio da Antiguidade — e pode até guardar vinho preservado dentro das vasilhas seladas. De quebra, o mesmo levantamento localizou um segundo naufrágio grego nas proximidades e os destroços de um bombardeiro da RAF, a Força Aérea britânica, abatido em 1942.

A tecnologia que embala essa revolução da pesquisa arqueológica avança depressa. Onde antes se usavam sonares de varredura lateral, rebocados por cabos instáveis, hoje veículos autônomos com sonar de abertura sintética produzem imagens milimétricas do relevo submarino. No parque eólico de Buchan, na Escócia, essa combinação de sensores revelou 297 anomalias de potencial interesse — de naufrágios esquecidos a antigas dunas da Era do Gelo. Protocolos específicos garantem que cada item detectado seja catalogado e preservado antes que qualquer turbina entre no mar.

No caso do recém-descoberto navio romano, as autoridades da Sicília documentam ânfora por ânfora, tentando reconstruir a rota que percorria. É trabalho lento — mas, pela primeira vez, os arqueólogos têm olhos eletrônicos capazes de enxergar o que o oceano escondeu por tanto tempo. "É como um instantâneo da história", resume o arqueólogo Francesco Tiboni, do Ministério da Cultura italiano. À medida que mais parques eólicos avancem pelo planeta, é razoável esperar que o fundo do mar continue revelando capítulos perdidos da civilização. Os conflitos da Era Moderna e os impérios marítimos já não descansam no escuro: suas relíquias submersas agora são resgatadas pela mesma tecnologia que busca garantir o futuro energético da humanidade. ■

TEMPERO HIGH-TECH

O uso da IA já inova a gestão dos restaurantes, mas traz uma dúvida existencial: até que ponto a máquina pode substituir a criatividade dos chefs?

NATALIA TIEMI HANADA

FUTURISTA Novidade na panela: a era do chatbot na cozinha chegou

YUICHIRO CHINO/GETTY IMAGES

FIGURA LENDÁRIA da alta gastronomia, o chef francês Auguste Escoffier (1846-1935) enxergava um rumo claro para o futuro de sua profissão: "A cozinha evoluirá à medida que a sociedade evolui, sem deixar de ser uma arte". Esse postulado hoje é posto em teste por uma inovação inimaginável nos tempos do mestre. Como ocorre em praticamente todas as áreas da atividade humana, a inteligência artificial (IA) já chegou ao mundo dos restaurantes — e seu uso tem o potencial de mexer com tradições e velhos dogmas que balizaram as relações entre chefs e suas receitas, cardápios e clientes por séculos.

É natural que a novidade provoque um misto de empolgação e desconfiança entre cozinheiros e donos de restaurantes. Uma pesquisa publicada neste ano na revista especializada *British Food Journal* ouviu 23 chefs de restaurantes com estrelas *Michelin* sobre o tema. O resultado é divisivo: eles reconhecem que a IA pode ampliar a inovação na cozinha, mas também temem que possa ameaçar a criatividade — centelha que, no final das contas, move os talentos da gastronomia. "Não à inteligência artificial. Um restaurante é uma questão de emoções", já proclamou o italiano Massimo Bottura, chef de um dos restaurantes mais prestigiados do mundo atualmente, a Osteria Francescana.

Embora tenha visão crítica sobre a possibilidade de se utilizarem chatbots na criação de pratos e menus autorais, o próprio Bottura reconhece o valor que a IA pode ter em outro front: a sempre espinhosa tarefa de administrar restau-

Ines249

HISPANOLISTIC/GETTY IMAGES

CALDEIRÃO DIGITAL Cozinheiros analisam dados no tablet: algoritmos viram aliados para administrar os negócios

rantes. Como mostra o popular reality show *Hell's Kitchen* (no Brasil, *Pesadelo na Cozinha),* em que se busca socorrer estabelecimentos que são verdadeiros casos perdidos, nem a boa comida nem a presença de um chef incensado é capaz de salvar uma casa que peque pela má gestão. Nesse quesito, a IA já provoca uma revolução real — e bem-vinda.

Por trás de cada prato servido em um restaurante, afinal, muitas etapas são cumpridas, do planejamento do cardápio ao preparo das refeições, da gestão de funcionários ao atendimento ao cliente. O gerenciamento de tantos detalhes passa longe de ser simples. Um calcanhar de Aquiles é o gasto com insumos: ele é crucial por representar de 25% a 40% da receita de um estabelecimento, segundo cartilha da Associação Brasileira de Bares e Restaurantes (Abrasel). "Antigamente, a gente tinha de ter um estoquista fazendo contagens quase diárias para identificar a necessidade de compras", re-

Ines249

WANG GANG/CNS/VCG/GETTY IMAGES

FICÇÃO Robô prepara receita na China: o inescapável toque androide

lata Felipe Vecchi, dono de oito restaurantes na Grande São Paulo. Hoje, com auxílio de uma ferramenta de IA para gestão da cozinha, Vecchi equacionou o problema com eficácia. “A IA me avisa ativamente sobre baixas de insumos e necessidade de pedidos”, diz ele.

Ferramentas digitais nessa linha ganham tração pelo mundo, inclusive no mercado nacional. Uma delas é o Alô Chefia, plataforma de gestão de estoque com IA utilizada por Vecchi. O programa visa eliminar o trabalho repetitivo e manter as planilhas atualizadas, sugerindo decisões com base nos dados. “Na prática, se o gestor pergunta: ‘O que preciso comprar de proteínas hoje?’, nosso sistema não só interpreta a pergunta, mas analisa o estoque atual, identifica os padrões de uso do ingrediente, monta a lista de compras ideal e responde em segundos”, diz a cofundadora do serviço, Fernanda Ferrari.

O uso da IA também vem ganhando relevância em mais um ponto sensível: o atendimento virtual aos clientes. Mais de um quarto dos bares e restaurantes já utiliza o ChatGPT para essa interface on-line, segundo estudo da Abrasel. A RestauranteIA, outra plataforma de soluções para operação deles, oferece ainda o GastroBot, que permite a interação do freguês com o cardápio por texto ou voz, tirando dúvidas e fazendo sugestões de pratos e bebidas.

Falta pouco, enfim, para a IA invadir de vez a cozinha e conquistar o papel audacioso temido por chefs como Bottura, dando pitacos nas combinações de ingredientes e até na execução dos pratos. Ou melhor: na China, isso de certa maneira já é realidade. Nos restaurantes do país asiático, robôs preparam woks de noodles e afins sem a mãozinha de um humano. Recentemente, o chef americano Grant Achatz usou um chatbot para criar as receitas de um de seus premiados restaurantes em Chicago. A ideia deslumbrou alguns, mas também provocou um rastro de críticas por supostamente pôr a profissão em risco.

Na verdade, não se deve botar nem tanto sal, nem tanto açúcar nessa receita: a IA tenderá a conviver com o talento dos chefs — e a reforçá-lo. “Ela serve para pesquisar referências, testar combinações e permitir ganho de tempo na criação, sem perder a alma do prato, que é a mão de quem o faz”, analisa Marcelo Marani, fundador do curso de gestão Donos de Restaurantes. Assim como um bom tempero, a IA deve estar a serviço do mestre-cuca. ■

ELEGÂNCIA EMPODERADA

AURORE MARECHAL/GETTY IMAGES

Símbolo da transformação feminina nos anos 1950, o vestido-camisa volta à moda sete décadas depois para vestir uma mulher independente que redefine a peça à sua maneira

VALÉRIA FRANÇA

IDENTIDADE Zendaya *(à esq.)* e Kate Middleton: ousadia e refinamento clássico

MARK CUTHBERT/UK PRESS/GETTY IMAGES

HOUVE um tempo em que a moda facilitou a entrada das mulheres no mercado de trabalho. Roupas mais práticas e com um toque masculinizado contribuíram para que fossem vistas como profissionais e não como donas de casa deslocadas no ambiente. Na década de 1950, o chemisier — ou vestido-camisa — foi embalado para isso por Christian Dior e divulgado internacionalmente por Grace Kelly, tornando-se um símbolo dessa transformação ao levar o colarinho e os botões da camisa masculina para um vestido acinturado, de saia ampla. Passadas mais de sete décadas, a peça está de volta, mas encontra uma mulher muito diferente da que a vestiu no passado: ela já conquistou seu lugar no mercado de trabalho e ocupa todos os espaços da sociedade. Se antes o chemisier ajudava a construir a imagem da nova mulher, agora é ela que redefine a peça.

Vista por muitos como um ícone cultural moderno, por sua forte presença no cinema e na moda e pela defesa da autenticidade feminina, a estrela Zendaya inspirou a Louis Vuitton a desenvolver um chemisier exclusivo para ela. O resultado foi uma versão moderna e impactante: da base de uma camisa branca, de tecido encorpado, surge uma saia assimétrica, com um leve efeito balonê. Foge tanto do padrão antigo que surpreende. “O modelo feito para Zendaya é bem sofisticado e passa longe de qualquer camisa normal”, diz Gloria Kalil, consultora de moda.

Se atualmente quem faz a moda é também quem a veste, Kate Middleton prefere um vestido-camisa mais clássico,

MICHAEL OCHS ARCHIVES/GETTY IMAGES

MITO Grace Kelly: ela transformou o corte em sucesso internacional nos anos 1950

de elegância discreta. Recentemente, a princesa de Gales compareceu a um compromisso oficial num hospital infantil de Londres com o modelo Flippy Wiggle, da Suzannah London, marca conhecida por confeccionar roupas para a realeza. De crepe de seda branca, com botões e cinto pretos, é uma versão mais sequinha que a dos anos 1950, deixando à mostra a silhueta longilínea e as pernas de Kate.

Há um detalhe histórico curioso. Antes de o vestido-camisa fazer sucesso pelas mãos de Dior, os americanos já tinham sua versão da peça, o *shirtwaist dress,* o que chegou a alimentar uma disputa sobre a autoria da criação. Em 1951, a revista *New Yorker* ironizava que, quando os americanos faziam algo parecido com Dior, aquilo era chamado de cópia; mas, quando Dior "descobria nosso *shirtwaist dress*", chamava-se "inspiração".

A retomada do vestido-camisa está diretamente ligada à volta dos códigos da alfaiataria masculina às coleções femininas das grifes de luxo. Ternos de corte reto, calças estruturadas e camisas aparecem agora em todas as ocasiões, não só no ambiente de trabalho. "A camisa masculina é uma tendência forte", diz Gloria Kalil. Mas foram principalmente grifes de estética minimalista, como a sueca Toteme, que ajudaram a legitimar esse retorno. Conhecida pelas linhas limpas e cores neutras, a marca dá ar quase monástico ao vestido.

A peça é um belo coringa no guarda-roupa. Pode surgir com os botões abertos sobre as pernas, usada com shorts ou calça por baixo, mudando sua função e os códigos que carregava. É roupa capaz de atravessar idades, corpos e intenções. Talvez esteja aí a diferença entre o chemisier dos anos 1950 e o de agora: antes, a roupa ajudava a definir o papel da mulher; hoje, é a mulher quem decide qual papel a roupa vai desempenhar. Elegância empoderada é isso aí. ■

LUCILIA DINIZ

O SABER À MESA

Na nutrição, ensinar e aprender fazem
parte da mesma conversa

TENHO DEDICADO boa parte da vida a estudar alimentação, saúde e bem-estar e a dividir o que vou descobrindo. Faço isso em livros, palestras, conversas e também aqui. Mas, quando penso em tudo o que aprendi nesses anos, não é uma sala de aula que me vem à cabeça, mas uma mesa.

É impressionante quanto saber circula em torno dela. Um chef explica um preparo, uma cozinheira ensina um truque que aprendeu com a mãe, alguém conta por que determinado ingrediente nunca falta em sua casa. Quando viajo, adoro perguntar como se faz o que estou comendo. Não é raro voltar trazendo na mala uma receita, um tempero ou simplesmente uma ideia.

O conhecimento sobre a boa alimentação é um ciclo infinito. Pensei nisso ao ver que se aproximava o Dia do Nutricionista, comemorado em 31 de agosto. Celebro e acompanho a trajetória dessa profissão, que se dedica a nos ensinar a comer melhor. E o significado disso se transformou nas últimas décadas, ao longo das quais o assunto entrou em definitivo na minha vida.

Quem, como eu, precisou perder peso, ter intimidade com a ciência nutricional é crucial. Para mim, mudar a alimentação foi, em primeiro lugar, uma necessidade. Depois virou interesse, estudo e, por fim, trabalho.

Nessa trajetória, pude aprender, em um seminário na França com o químico Hervé This, que cortar o tomate e deixá-lo em contato com o ar ajuda a desenvolver seu sabor. Em Portugal, reencontro sempre a inteligência de uma cozinha que extrai muito de poucos ingredientes cotidianos. No Japão, o shabu-shabu me lembrou que uma refeição pode ser leve e cheia de sabor sem precisar de excessos.

Mas não prescindi da educação formal. Há mais de vinte anos, fui fazer uma pós-graduação em nutrição num programa da Universidade de Cádiz, na Espanha. Eu já me interessava muito pelo assunto e queria saber mais.

Aliás, continuo querendo. Sempre aparece uma pesquisa nova, um alimento que eu não conhecia, uma técnica diferente, alguém com uma experiência que me faz rever uma certeza. Ainda bem.

“Comida tem a ver com saúde, claro, mas também com família, memória, prazer, cultura e rotina”

Em outros tempos, orientar sobre alimentação saudável se resumia, principalmente, a organizar listas do que se podia ou não comer. A experiência mostrou que a vida é mais complicada — e mais gostosa — do que isso.

Comida tem a ver com saúde, claro, mas também com família, memória, prazer, cultura, dinheiro, rotina. Não adianta uma recomendação perfeita que ninguém consegue seguir.

Cora Coralina, que se dizia mais cozinheira que poeta, tem uma frase de que gosto muito: “Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina”. Para o nutricionista, essa troca tem se tornado cada vez mais verdadeira, à medida que o acesso à informação cresce — também por mérito deles e do esforço de quem se dedica à boa alimentação em geral.

E é importante lembrar que nem tudo o que nos nutre se come. Os Titãs disseram isso de um jeito que a geração X sabe de cor: “A gente não quer só comida”. Queremos diversão e arte. E amigos, viagens, livros, música, boas conversas, curiosidade.

Cuidar da alimentação é cuidar da vida real de alguém, com seus hábitos, gostos e histórias. E isso exige conhecimento, mas também atenção e escuta. Aqui da minha mesa, continuo gostando de ensinar. Mas não quero nunca perder a fome de aprender. ■

TELA BLOQUEADA

Em turnê, a cantora Phoebe Bridgers se junta a Jack White, Bob Dylan e mais artistas em luta contra uma praga da atualidade: os aparelhos celulares das plateias

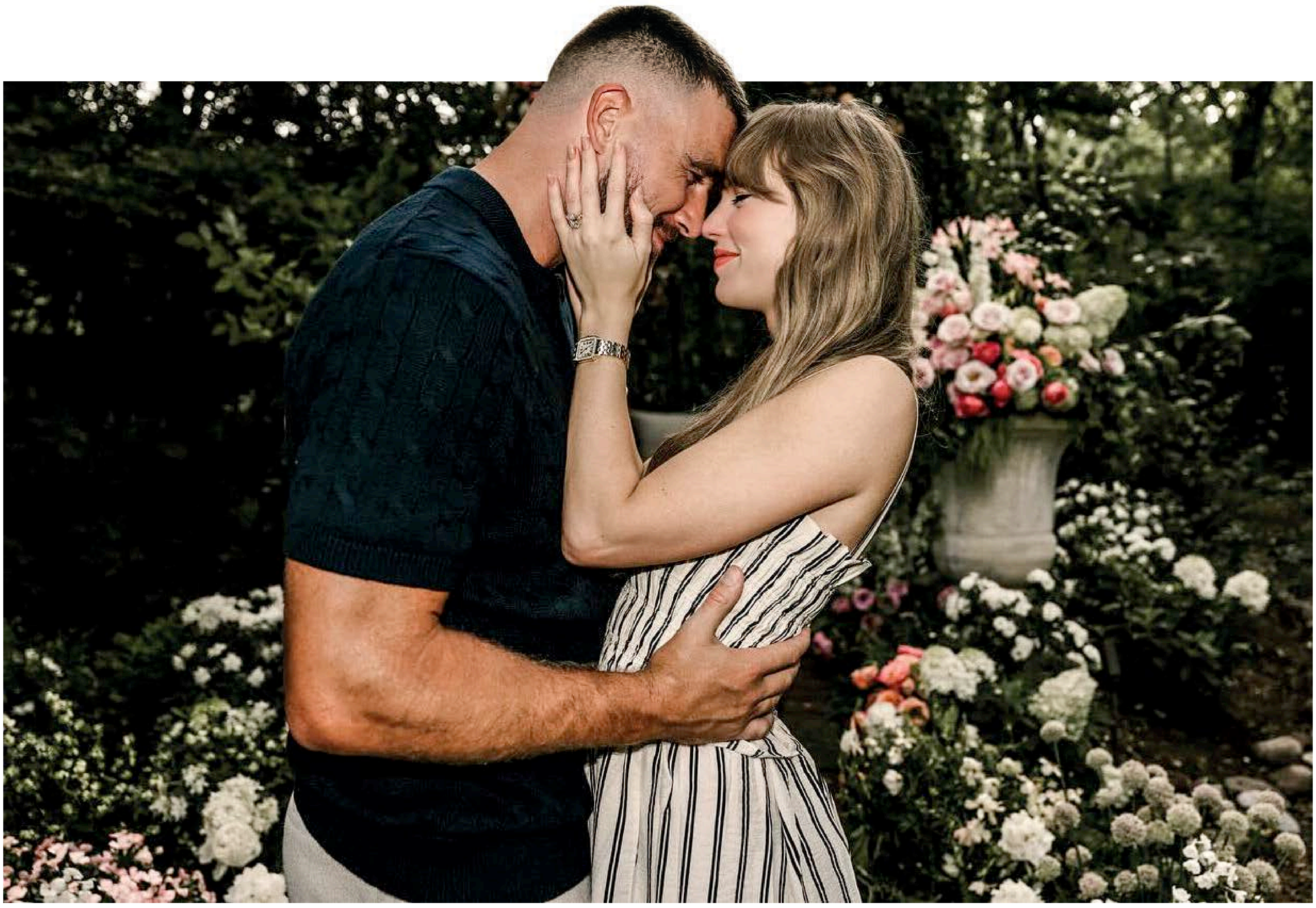
THIAGO GELLI

À MODA ANTIGA Phoebe Bridgers: artista influencia ouvintes da geração Z a largar o telefone

TODD OWYOUNG/NBC/GETTY IMAGES

QUANDO VOLTOU aos palcos, em maio, a queridinha da música indie Phoebe Bridgers não anunciou shows via Instagram, mas preferiu agir como em décadas passadas. Espalhou cartazes pelas cidades onde tocaria e foi além: proibiu a entrada de aparelhos celulares, câmeras e outros objetos capazes de registrar as faixas do disco que lançaria apenas em agosto, *Lost Weekend* — agora, sim, disponível nas plataformas digitais. Tamanho cuidado poderia ser mera estratégia para atiçar a curiosidade ou uma forma de preservar canções ainda em fase de teste, mas logo se tornou indispensável para a cantora de 32 anos. Expandindo a turnê pelo Hemisfério Norte, ela continua a proibir o uso de dispositivos eletrônicos, pegando de surpresa seus fãs, séquito formado principalmente pela geração Z, viciada em TikTok. Gostem eles ou não, esta é a nova e bem-vinda tendência: shows sem celulares cresceram 567% neste ano, segundo dados da Eventbrite, plataforma global de gestão de eventos e de venda de ingressos. Segundo especialistas, um número cada vez maior de apresentações exigirá atenção completa, sem direito a stories ou ao disparo de flashes ofuscantes.

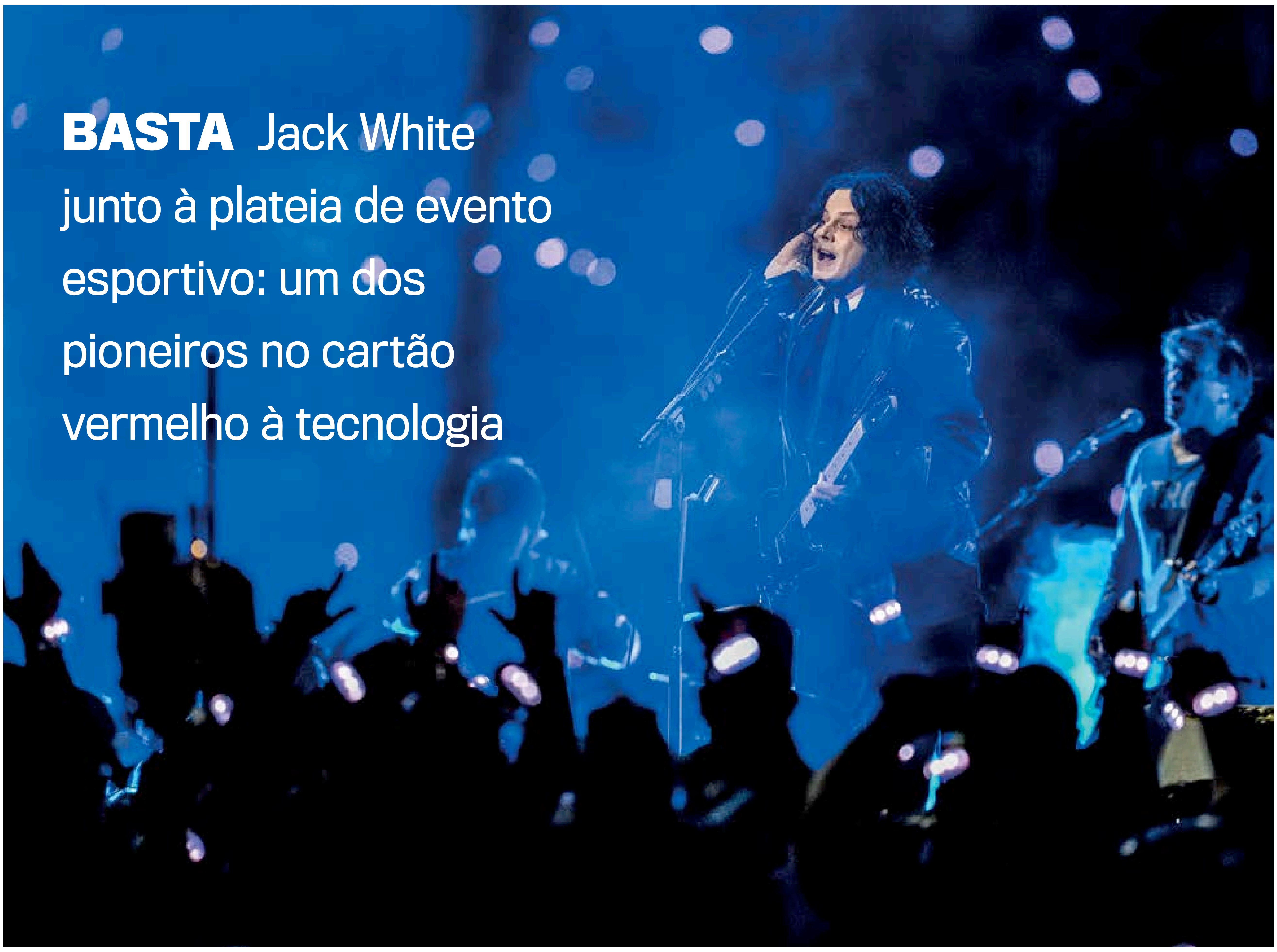
O controle não é feito só com um pedido encarecido de “guarde seu celular, por favor”. Em shows como os de Phoebe Bridgers, os espectadores devem colocar seus smartphones em pequenas bolsas desenvolvidas pela Yondr, empresa americana que cobra cerca de 3 dólares por cabeça aos organizadores. Elas são seladas por fechaduras magnéticas e abertas no fim do evento ou em áreas desig-


INSTAGRAM @TAYLORSWIFT

VIDA PRIVADA Travis e Taylor: casamento ocorreu sem smartphones

nadas, como fumódromos para a tecnologia. Exceções são feitas mediante atestado médico.

A luta contra smartphones ocorre em um crescendo. Antes de Phoebe, o roqueiro Jack White aderiu à política em 2018, determinado a convencer seus fãs a jamais tapar a visão de alguém com uma tela erguida. Um ano depois, Bob Dylan deu uma bronca no público — “podemos tocar ou podemos posar para vocês” — e adotou a restrição. Até o momento, a Yondr esteve em mais de 10 000 eventos em 27 países, incluindo shows de Paul McCartney, Alicia Keys e Guns N’ Roses. Um dos poucos avessos, Damon Albarn, das bandas Blur e Gorillaz, defende que uma boa apresentação já afasta a plateia dos dispositivos. Nem sempre o show vale



BASTA Jack White junto à plateia de evento esportivo: um dos pioneiros no cartão vermelho à tecnologia

NIC ANTAYA/GETTY IMAGES

a pena. Devido à receptividade fria que recebeu no Coachella 2024, Damon prometeu jamais voltar ao festival.

O desconforto com o mar de aparelhos é sentido até por uma celebridade como Anitta, que confessou ao blogueiro Hugo Gloss o desejo de bani-los da turnê *Equilibrivm*, mas lamentou o alto custo do esquema. Uma startup brasileira, a Hup, fundada em 2026, vem tentando replicar o modelo por aqui. “Já fui filmado ou fotografado contra a minha vontade”, conta o fundador Martin Lowry. “O celular banaliza qualquer espaço, deixa o público exposto e inibe quem quer agir de forma natural.” Atualmente, o serviço é prestado principalmente para escolas particulares da Região Sudeste, mas o plano é adentrar logo o mercado musical, com o custo

UNI
1060
YONDR
UNI
130
YONDR

GENARO MOLINA/L.A. TIMES/GETTY IMAGES

ATENÇÃO TOTAL As bolsas Yondr: presentes em colégios e eventos americanos e reproduzidas no Brasil pela Hup

de 15 reais por cabeça. “Já tivemos solicitações de grandes artistas do ramo e faremos nosso primeiro show, ainda secreto, em agosto”, comemora o empreendedor.

Aos poucos, ao que parece, a era da superexposição vai cedendo lugar ao culto à discrição. Até mesmo estrelas como Taylor Swift andam colocando o pé no freio. A cantora proibiu a entrada de aparelhos em seu casamento grandioso em 3 de julho com o atleta Travis Kelce, no Madison Square Garden — mais de quarenta dias depois, nenhum clique do evento com 1 000 convidados foi divulgado. Outro casal poderoso, Tom Holland e Zendaya, também adotou a privacidade completa em uma cerimônia para amigos e familiares na Inglaterra. A tela, enfim, foi bloqueada — que tal simplesmente viver o momento? ■

ANATOMIA DO BRASIL

Com trama voltada para socorristas do Samu, *Emergência 53,* nova produção do Globoplay, engrossa o filão de séries médicas nacionais que tentam costurar as feridas do país

KELLY MIYASHIRO

TENSÃO Yara de Novaes e Emilio Dantas: profissionais operam paciente em uma ambulância

LAURA CAMPANELLA

Na sequência que abre a série ***Emergência 53,*** novidade do Globoplay, uma explosão de gás provoca duas mortes e deixa pelo menos oito feridos em uma comunidade no Rio de Janeiro. Ao chegar no local junto com os outros socorristas do SMU — referência fictícia ao Serviço de Atendimento Móvel de Urgência, o Samu —, a enfermeira novata Manuela (Valentina Herszage) trava ao ver as vítimas, enquanto seus colegas experientes, Irene (Yara de Novaes) e Pedro (Emilio Dantas), correm para salvar a vida de quem for possível. Quando reage, enfim, a jovem escuta o pedido de socorro

LAURA CAMPANELLA

CONHECIMENTO Márcio Maranhão *(à esq.)* com atores: médico prepara elenco de uma grávida, que caiu em um buraco durante a tragédia. Um detalhe agrava o trabalho de Manuela: a gestante é namorada do chefe do tráfico — e o bandido se mantém ali cheio de marra para garantir que sua amada e seu filho sejam resgatados com vida.

Criação dos diretores e roteiristas Cláudio Torres e Andrucha Waddington, em parceria com o médico Márcio Maranhão — nome por trás também da incensada *Sob Pressão* —, a série engrossa o prolífico filão de tramas médicas, mas com o toque único da realidade brasileira: por aqui, os profissionais de saúde lidam ainda com as feridas da violência urbana. “O Samu entra até onde a polícia não vai, no lugar que o traficante permite”, explicou Torres a VEJA — o diretor, aliás, é filho de Fernanda Montenegro, que também atua na série. Ao longo de dez episódios — cinco já estão no ar, os outros estreiam na quinta-feira 27 —, *Emergência 53* se debruça sobre o realismo cru, numa mistura de cenas de ação e tensão. “É mais que uma série médica, eu diria que é uma trama de adrenalina”, disse Dantas.

Por um longo tempo, o gênero médico na televisão foi dominado pelo rigor asséptico do modelo americano. Em corredores reluzentes, médicos charmosos tomavam decisões de vida ou morte entre um flerte e um cafezinho, sob a luz branca de *ER — Plantão Médico* (1994-2009) ou *Grey’s Anatomy* (2005-). No Brasil, a ficção médica precisou aprender a falar sua própria língua: aquela do improvi-

MAURICIO FIDALGO/GLOBOPLAY

PLANTÃO Marjorie e Andrade em *Sob Pressão*: caos na saúde pública do Rio

so, do trauma e da dura constatação de que o principal inimigo do cirurgião, muitas vezes, não é a patologia, mas a falta de recursos. É no sucateamento do Sistema Único de Saúde (SUS) e nas peculiaridades sociais que as produções nacionais encontraram sua identidade peculiar. “Às vezes, colocamos uma loucura no roteiro e três semanas depois a mesma coisa está no jornal”, analisou Waddington.

O marco inicial desse substrato da ficção por aqui remonta ao final dos anos 1990, quando a série *Mulher* (1998-1999), com Patricia Pillar e Eva Wilma, da Globo, ousou centralizar a narrativa na saúde feminina. Anos

NELSON DI RAGO/GLOBOPLAY

DOUTORAS Cena de *Mulher,* série da Globo *(acima),* e *Med,* aposta da Netflix ainda inédita: protagonistas de jaleco

ALEXANDRE SCHNEIDER

mais tarde, *Unidade Básica* (2016-2023), do canal pago Universal Channel, mudou o eixo do bisturi para a atenção primária, mostrando que o herói da saúde pública nem sempre veste jaleco branco em um centro cirúrgico de ponta, mas caminha pelas periferias tentando prevenir doenças em meio à vulnerabilidade social. O ponto de virada definitivo veio em 2017 com *Sob Pressão*, estrelada por Marjorie Estiano e Júlio Andrade. Ao retratar a rotina sufocante de um hospital público no Rio, a obra fez da carência estrutural seu motor dramático, elevando a tensão ao limite ao longo de cinco temporadas exibidas até 2022, incluindo um especial abordando a pandemia de covid-19.

O domínio da Globo sobre o tema no Brasil levou a Netflix a correr para entrar na tendência: a plataforma de streaming roda, atualmente, a série *Med*, seu primeiro drama médico nacional, ainda sem previsão de estreia. Até o momento, sabe-se que a trama será voltada para o aprendizado de jovens residentes em um hospital universitário, com a atriz Clara Moneke no papel principal. Em vez de se enclausurar entre quatro paredes, *Emergência 53* coloca os refletores sobre o atendimento móvel de urgência nas ruas. Para alcançar o nível de verossimilhança exigido, a produção contou com consultoria constante de profissionais reais da área. Os atores enfrentaram uma preparação física e psicológica exaustiva para reproduzir as técnicas e o esgotamento dos paramédicos no dia a dia. Nem todo herói usa capa — mas, muitas vezes, eles usam jalecos. ■

Ines249

DE VOLTA PARA O PASSADO

Com o best-seller *Bons Tempos*, a autora Caro Claire Burke expõe as hipocrisias e contradições das *tradwives*, as esposas que pregam na internet um comportamento submisso aos maridos

NADA ORTODOXA
A escritora: ela ironiza as contradições do movimento que viralizou on-line

DIVULGAÇÃO

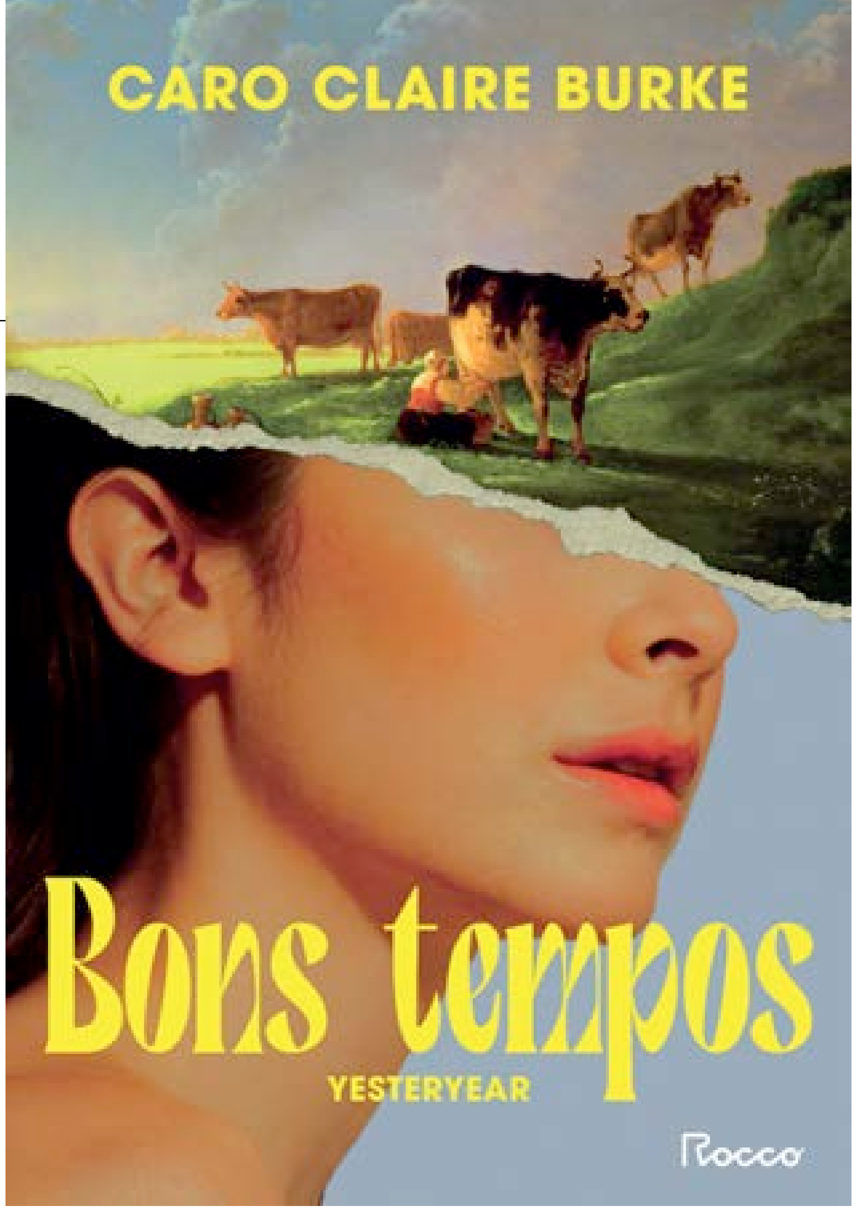
BRIANNA BRYSON/GETTY IMAGES

IMPACTADA Anne Hathaway: a atriz vai estrelar adaptação para o cinema

NATALIE acredita ter a vida perfeita. Cristã fervorosa, casada com o herdeiro de uma longa dinastia política conservadora e mãe de cinco filhos — um sexto no forninho —, a mulher de 32 anos ostenta nas redes sociais uma rotina idílica na fazenda de 200 hectares da família em Idaho, no Oeste americano. O estilo de vida idealizado, no qual a dona de casa se dedica unicamente ao marido e aos filhos — enquanto compartilha com seus milhões de seguidores receitas orgânicas e ideais de fé e de submissão feminina —, fez dela uma influenciadora digital bem-sucedida e multimilionária.

A nostalgia por um passado no qual os papéis de gênero pareciam mais simples e “corretos” se revela muito menos romântica quando Natalie, em um belo dia, desperta em sua casa, mas em outra época: mais especificamente no ano de 1855 — quando a esposa ideal não tinha voz, poder de decisão nem meios para se defender da opressão masculina. Assim começa o livro ***Bons Tempos,*** que acaba de chegar ao Brasil embalado pelo sucesso alcançado lá fora: lançado em abril nos Estados Unidos, o romance ácido da autora Caro Claire Burke já vendeu 1,4 milhão de cópias — e teve os direitos adquiridos pela atriz Anne Hathaway, que vai produzir e estrelar uma adaptação da obra.

A trama provocativa evoca o curioso fenômeno on-line das chamadas *tradwives* — esposas tradicionais, em tradução livre. O



movimento de jovens mulheres que optam por ficar em casa com os filhos — e compartilham seu dia a dia no TikTok — viralizou em 2024 e continuou crescendo, somando, até hoje, mais de 300 milhões de visualizações na plataforma. Criada em uma família religiosa, a escritora e jornalista de 32 anos demorou a se dissociar da influência recebida na infância. Logo, ficou impressionada com a popularização desse discurso antigo. Caro, então, escreveu o livro como uma sátira à obsessão pela suposta vida perfeita e jogou luz sobre as contradições do próprio movimento.

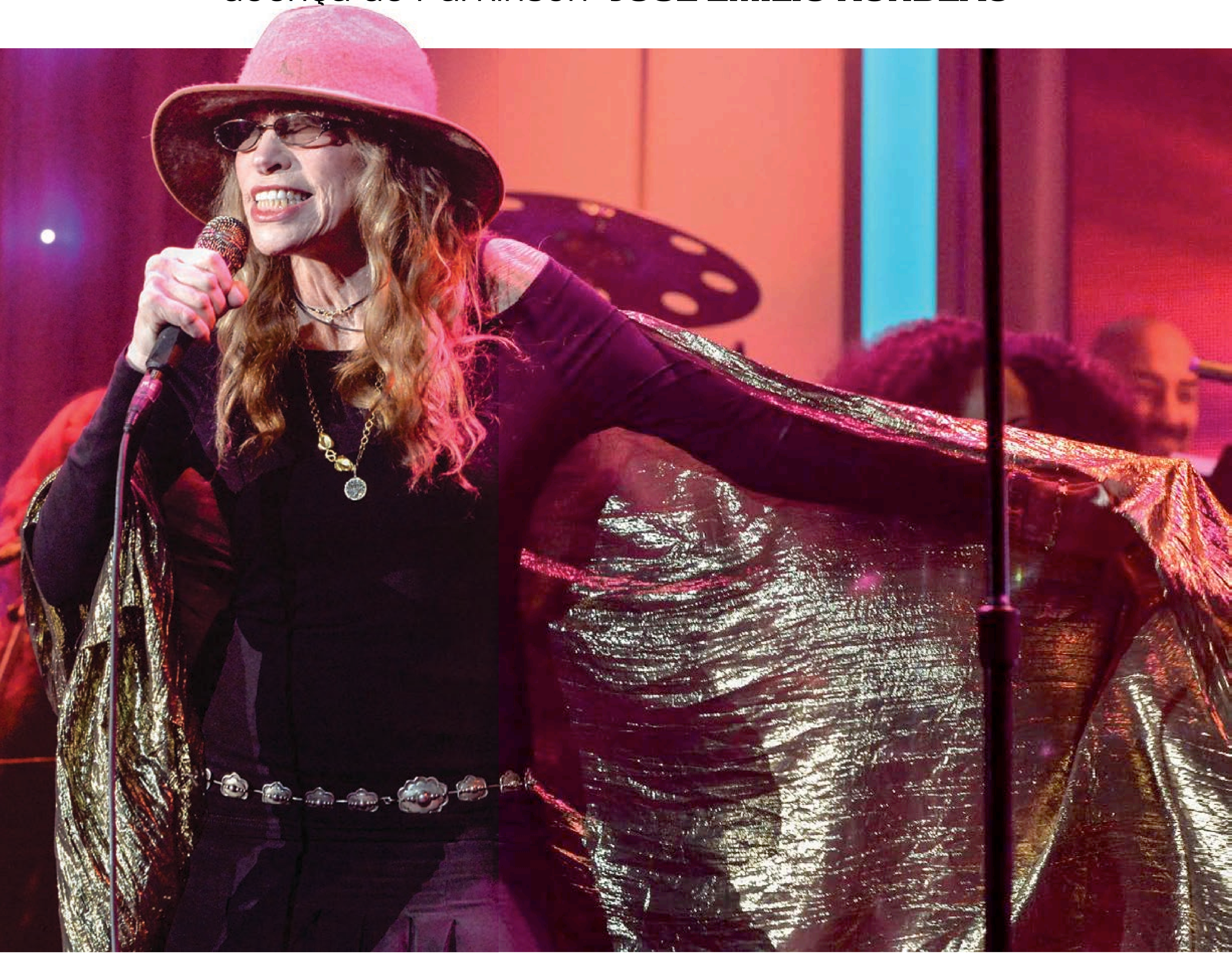
BONS TEMPOS, de Caro Claire Burke (tradução de Anna Castro, Rocco, 368 págs., R$ 69,90 e R$ 34,90 reais o e-book)

Na trama do livro, longe das câmeras, Natalie conta com a ajuda de duas babás, tem pouquíssima paciência com os filhos e acha o marido um bocó — e sabe que ele não é dos mais fiéis. Alternando a narrativa entre passado e presente, a autora revela aos poucos como a protagonista viajou no tempo, enquanto discorre sobre o óbvio: Natalie é livre para ter perfis em redes sociais, monetizar a própria rotina e criticar mulheres que seguiram caminhos distintos, a quem chama de “feministas raivosas”. No passado, porém, outras mulheres sofreram e lutaram justamente pela liberdade de escolha e pelo direito à proteção de seus corpos e bens. Como diz uma antiga canção, o passado é uma roupa que não nos serve mais. ■

Kelly Miyashiro

DORES, ALEGRIAS E CONFISSÕES

No primeiro disco em quase duas décadas, Carly Simon reafirma seu talento em meio a uma batalha pessoal contra um câncer e a doença de Parkinson **JOSÉ EMILIO RONDEAU**



SUMIDA A cantora em show de 2016: ela optou pela reclusão da vida pública após câncer no rosto

LESTER COHEN/WIREIMAGE/GETTY IMAGES

CARLY SIMON sempre prezou pela honestidade. A união dessa característica com o talento musical fez dela uma das cantoras e compositoras mais apreciadas e influentes da história do pop — autora de canções incontornáveis, como a irônica *You're So Vain* ("Você é tão vaidoso", na tradução), sobre um amante narcisístico, uma alfinetada no ex-namorado, o ator Warren Beatty. Agora, aos 83 anos de idade, Carly voltou a se abrir — e trouxe notícias um tanto melancólicas, mas sem perder o brio. Longe da vida pública desde 2018, quando participou rapidamente de um show beneficente em Nova York, e sem lançar músicas inéditas desde 2008, Carly ressurgiu no mês passado revelando as causas do sumiço: ela removeu um carcinoma no rosto e fora diagnosticada com Parkinson. O primeiro entrave mexeu com sua vaidade — "veja a ironia de ter escrito *You're So Vain*", disse ela, bem-humorada, em um comunicado —; o segundo, com sua mobilidade e saúde mental. A aposentadoria,

ALEGRIA DE VIVER

A estrela em quatro momentos da premiada carreira

O INÍCIO

Em 1971, aos 28 anos, despontou com beleza exuberante e músicas emotivas

MICHAEL OCHS ARCHIVES/GETTY IMAGES

contudo, não era a resposta. As notícias ruins vieram acompanhadas de um belo refresco, o anúncio do lançamento do primeiro disco de inéditas da cantora em dezoito anos, ***Comes In Waves,*** agora disponível nas plataformas de streaming.

Gravado na casa de Carly, na Ilha de Martha's Vineyard, na costa do estado americano de Massachusetts, com participações de Ben e Sally — filhos de seu casamento com o cantor James Taylor —, o novo álbum expõe a força da voz e da sabedoria marinadas pela passagem do tempo. Tocando piano, violão e até contrabaixo, Carly faz um inventário de afetos e rompimentos — em *Howl* convida à fúria e à catarse após a separação; *Maybe I Never Loved You* parece mirar diretamente em seu antigo par, James, com quem manteve um relacionamento, entre 1971 e 1983, de muita visibilidade e turbulência. Outros temas se desdobram, como a celebração da maternidade e uma declaração de amor pelo pai, Richard L. Simon, pianista ama-

RICHARD AARON/REDFERNS/GETTY IMAGES

CASAMENTO
Com James Taylor teve o relacionamento mais comentado dos anos 1970

dor e cofundador da poderosa casa editorial Simon & Schuster.

O álbum coroa seis décadas da carreira extraordinária de uma artista que sonhava, na verdade, ser jogadora de beisebol. Uma jornada iniciada em 1964, quando Carly formou a dupla folk The Simon Sisters com a irmã Lucy, depois direcionada à confecção de jingles publicitários, e deslanchada quando virou artista solo e passou a dominar as rádios e a vender milhões de discos com elegantes gemas de soft rock. No auge, ela realizou a façanha inédita de abocanhar ao mesmo tempo um Oscar, um Grammy e um Globo de Ouro (como compositora e intérprete) por uma mesma música: no caso, *Let the River Run*, da trilha do filme *Uma Secretária de Futuro*, em 1989. Seu alcance percorre gerações — seja no convite para regravar com Alanis Morissette *Coming Around Again*, sucesso de meados dos anos 1980, seja no surpreendente apreço do Radiohead por *Nobody Does It Better*, usada na trilha do filme *007 — O Espião que Me*

AVALON/GETTY IMAGES

FEITO ÚNICO
Ganhou Oscar, Grammy e Globo de Ouro em 1989 pela canção *Let the River Run*

Amava, de 1977, seja até na tietagem explícita de discípulas como Taylor Swift e Olivia Rodrigo.

Entre altos e baixos, a vida de Carly reveza conquistas com perdas de impacto equivalente. Em 2022, morreram as duas irmãs mais velhas — Joanna, cantora de ópera, e Lucy —, com apenas um dia de diferença entre elas. O irmão caçula, Peter, havia falecido quatro anos antes. Não surpreende, portanto, que dor, êxtase, perda, triunfo, dúvida, saudade, amor e desamor desfilem pelas faixas do novo disco, traçando o estado de espírito e as direções do leme emocional da artista. São sentimentos que se alternam e se sucedem — os quais ela transforma em arte. Na faixa *Love Has No Ending*, Carly sublinha que viver "é uma bênção". O disco termina em gargalhadas e festa em torno de um almoço de Ação de Graças, e da maneira mais positiva e desafiadora possível: "Se você acha que não consegue encarar o dia / Faça mesmo assim / Do jeito que puder", aconselha em *Do It Anyway*. ■

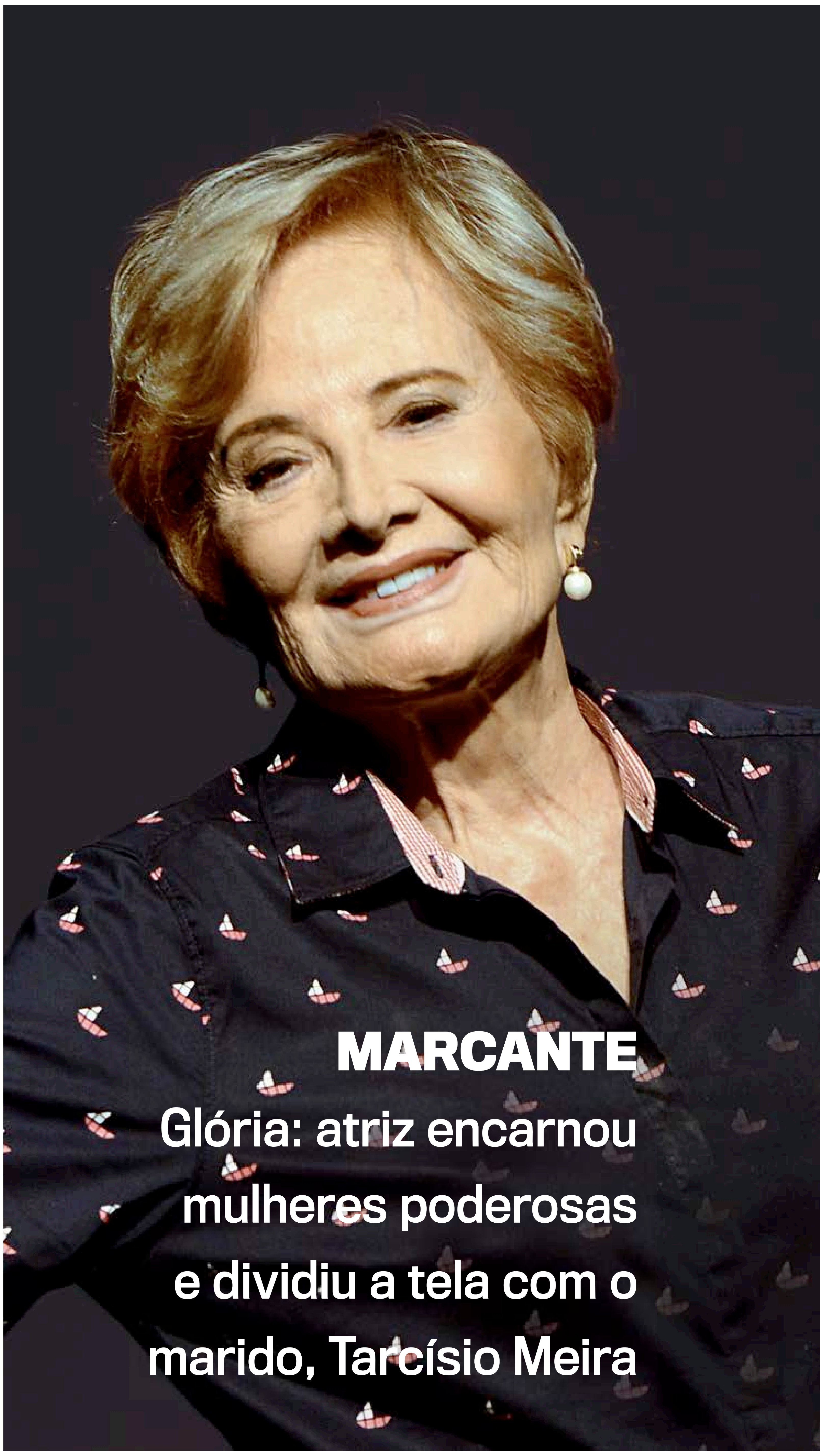
THEO WARGO/TAS/GETTY IMAGES

DISCÍPULAS
Taylor Swift e mais jovens do pop e do rock seguem seus passos

VIDAS EM CENA

As consagradas atrizes Laura Cardoso e Glória Menezes construíram carreiras que se confundem com a história da teledramaturgia brasileira – e deixam um legado inestimável **AMANDA CAPUANO**

PIONEIRA
Laura: escolha pelo ofício antes mesmo da chegada da televisão ao país



MARCANTE
Glória: atriz encarnou mulheres poderosas e dividiu a tela com o marido, Tarcísio Meira

FOTOS: RICARDO MATSUKAWA; MIRIAN FICHTNER

QUANDO Glória Menezes chegou à TV Tupi, em 1959, a experiente Laura Cardoso já estava por lá havia sete anos e a recebeu de braços abertos. “É uma belíssima atriz. Me lembro quando ela chegou, e nós fizemos uma novela juntas”, recordou sobre a colega em 2019. O trabalho em questão foi o teleteatro *Um Lugar ao Sol,* em que a dupla contracenou quando a televisão dava seus primeiros passos no país, ainda flertando com o teatro. Estreia de Glória nas telas, a produção deu início a uma era de mais de seis décadas, na qual a história das duas titãs se entrelaça à construção da própria teledramaturgia. Referências na arte da atuação, Laura Cardoso e Glória Menezes são, ao lado de nomes como Fernanda Montenegro e Nathalia Timberg, exemplares ilustres de uma geração de mulheres que moldou a memória de telespectadores que dividiram a sala de casa com personagens como a feiticeira Zoroastra, de *O Beijo do Vampiro* (2002), vivida com gosto por Glória, e a divertida e desbocada avó Carmem, encarnada por Laura em *Chocolate com Pimenta* (2003) — esta de autoria de Walcyr Carrasco, colunista de VEJA *(leia a homenagem em “O talento de ser verdade”).*

Nascidas Laurinda de Jesus Cardoso e Nilcedes Soares de Magalhães, a paulistana e a gaúcha de Pelotas lidaram com o mesmo empecilho inicial: o nome escolhido pelos pais não soava bem aos ouvidos do público, o que fez com que passassem a se apresentar, respectivamente, como Laura e Glória. Ambas as alcunhas se tornaram indissociáveis das telas da TV. Em preto e branco ou colorido,

TV GLOBO

TV GLOBO

DEDICADAS Laura em *Mulheres de Areia* e Glória como a vilã ardilosa de *Rainha da Sucata:* versáteis

com sinal analógico ou digital, do domínio da Tupi à Globo, os rostos das duas estavam sempre lá, ganhando experiência e linhas de expressão que denunciavam longevidade e talento à medida que as novelas se fortaleciam como paixão nacional.

Em um tempo em que ser atriz passava longe do glamour, além de desafiar a lógica dominante da mulher como mera dona de casa, elas construíram um legado calcado em muito trabalho: Laura Cardoso participou de 65 novelas, e Glória esteve em 40, muitas delas ao lado do marido, Tarcísio Meira (1935-2021), com quem formou um dos casais mais emblemáticos da TV. Na trajetória longeva, as veteranas se cruzaram algumas vezes. Décadas depois da Tupi, contracenaram em *Rainha da Sucata* (1990), em que Glória deu vida à implacável vilã Laurinha Figueroa, enquanto Laura chegou na reta final como a humilde Yolanda Maia. Folhetim clássico da Globo, a trama mostra onde a carreira das duas se diferencia: Glória ficou marcada, majoritariamente, por viver dondocas poderosas e protagonistas. Já Laura era uma autodeclarada “operária da atuação” e foi eternizada por mulheres de fibra e com forte apelo emocional, de mães carinhosas a avós divertidas.

O perfil, é claro, não foi limitante: com talento extraordinário, fizeram de tudo um pouco na TV, com excelência, e ainda encontraram tempo para brilhar no teatro e no cinema. Nas novelas, o último encontro delas foi em *Senhora do Destino* (2004) — Laura como Luzitana, mãe de Nazaré Tedesco, e Glória na pele da Baronesa Laura. Em uma pegadinha da vida, as gigantes da teledramaturgia partiram da mesma forma, com algumas horas de diferença: Laura Cardoso morreu na noite da segunda-feira 17, aos 98 anos, e Glória Menezes, na tarde do dia seguinte, aos 91. Ambas de causas naturais, em casa, em paz e cercadas por suas respectivas famílias. ■

WALCYR CARRASCO

O TALENTO DE SER VERDADE

Laura Cardoso criava até aquilo que o autor não havia escrito

HÁ ATORES que interpretam personagens. E há atores que parecem ter vivido todas as vidas antes mesmo de entrar em cena. Laura Cardoso pertence a essa segunda espécie. Diante dela, fosse na TV, no palco ou no cinema, nunca pensei em técnica, texto ou marcação. Impactado por sua atuação, simplesmente pensava: essa mulher sabe alguma coisa sobre a vida que eu ainda não descobri. Esse é o segredo de uma grande atriz.

Conheci muitos atores ao longo da minha vida. Alguns chegam preparados para o personagem como quem vai prestar vestibular. Trazem cadernos, anotações, pesquisas, perguntas. Tudo isso é ótimo. Mas existe um momento em que é preciso esquecer o caderno. O personagem tem de deixar de ser uma construção para se tornar alguém. Laura sempre fez isso. Ela podia interpretar uma mulher simples, uma matriarca, uma criatura amarga, engraçada, sofrida. Não importava. Em pouco tempo, aquela personagem parecia ter um passado que não foi escrito. Teve infância. Teve um primeiro amor. Brigou com a irmã em 1957. Perdeu uma receita de bolo em 1963. Tinha uma opinião sobre a vizinha. Nada disso está no texto. Mas está nela. A grande atriz cria até o que o autor não escreveu. E digo isso com certo ciúme profissional.

Nós, autores, passamos horas diante de uma frase. Cortamos uma palavra, colocamos outra, voltamos à primeira. Achamos que finalmente encontramos a fala perfeita. Então chegava uma atriz como Laura Cardoso, fazia uma pequena pausa antes da frase e pronto: a pausa dizia mais do que a frase inteira. Era humilhante. E maravilhoso. Existe também uma ideia equivocada de que atuar é demonstrar sentimentos. Chorar bem. Gritar bem. Sofrer bem. Se fosse assim, qualquer discussão de condomínio produziria grandes intérpretes. O difícil é o contrário: não mostrar. É deixar o sentimento aparecer por uma fresta. Um olhar que demora meio

“Impactado por sua atuação, pensava: essa mulher sabe alguma coisa sobre a vida que eu ainda não descobri”

segundo. Uma mão que se contrai. Uma palavra aparentemente banal que chega carregada de uma vida inteira. Laura conhecia o poder dessa economia. Ela não precisava pedir ao público: "Olhem como estou sofrendo". O público percebia. Às vezes antes mesmo de a personagem perceber. Talento também é silêncio.

Mas há outra coisa que admiro nos grandes atores: a curiosidade. Quem acredita que já sabe tudo começa a representar a si mesmo. Repete gestos, tons, truques. Vira especialista na própria caricatura. Uma atriz verdadeira continua procurando. Mesmo depois de décadas de carreira, entra numa personagem como quem abre uma porta desconhecida. Talvez por isso Laura Cardoso tenha atravessado gerações sem pertencer ao passado. A idade lhe deu experiência, não acomodação. Existe uma diferença enorme entre as duas coisas. Experiência amplia. Acomodação encolhe.

Vivemos numa época fascinada pela juventude. Como se juventude fosse talento. Como se uma pele sem rugas tivesse mais histórias para contar. Laura provou o contrário. Cada marca de seu rosto podia ser uma palavra. Cada silêncio, um capítulo. O tempo, para um grande intérprete, não tira. Acrescenta. Ser atriz não é parecer outra pessoa. É fazer com que outra pessoa exista. Por isso, quando Laura Cardoso entrava em cena, eu acreditava. Esquecia a atriz, esquecia o estúdio, esquecia até que fui eu quem escreveu aquelas palavras. E esse talvez seja o maior elogio que um autor possa fazer a uma intérprete. Ela pega a nossa ficção e devolve como verdade. ■

Ines249

CHARLIE GRAY

OUTRO LADO Hopkins: ator explora veia compositora na música clássica

LIFE IS A DREAM
MUSIC COMPOSED BY ANTHONY HOPKINS
GUSTAVO DUDAMEL
PHILHARMONIA ORCHESTRA
DECCA

DISCO

LIFE IS A DREAM,

de Anthony Hopkins (disponível nas plataformas digitais)

Antes de ser ator, Anthony Hopkins era músico. Começou a tocar piano aos 4 anos de idade e sonhava com a carreira nas salas de concerto. Quis o destino que uma paixão levasse a outra: as trilhas sonoras no cinema também o tocaram na infância, influenciando a escolha da carreira que já lhe deu duas estatuetas no Oscar — uma por *O Silêncio dos Inocentes* (1991), outra por *Meu Pai* (2020). Agora, aos 88, o galês lança seu primeiro álbum de composições inéditas, feitas ao longo de seis décadas. Delicadas e inebriantes, as canções ganharam forma com a Orquestra Philharmonia, em Londres, sob a batuta do premiado maestro venezuelano Gustavo Dudamel. Nunca é tarde para realizar um sonho juvenil.

CINEMA

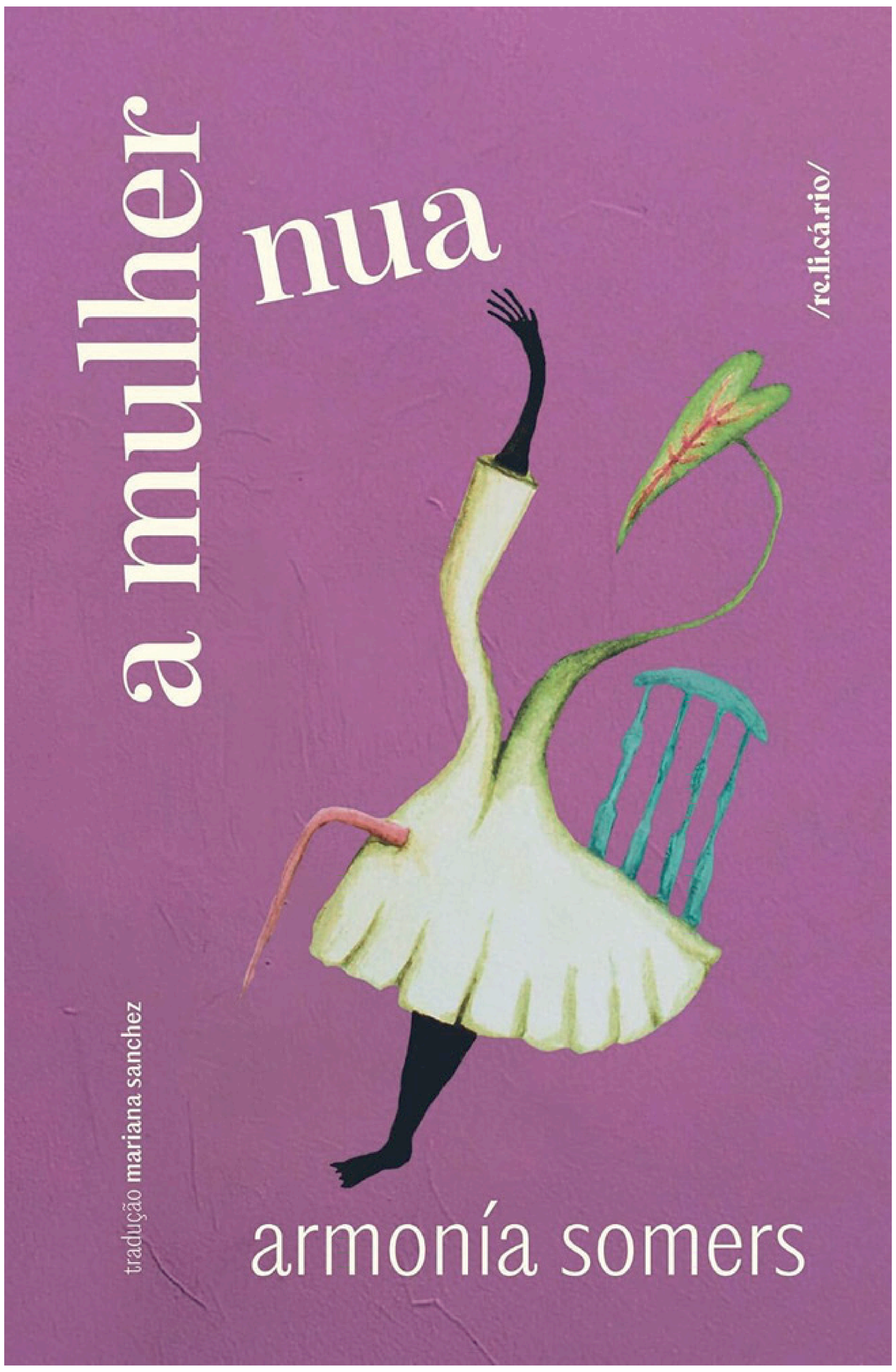
COYOTE VS. ACME

(Estados Unidos, 2026. Estreia na quinta-feira 27)

Desde sua criação, em 1949, o intrépido Wile E. Coyote foi vítima de bigornas na cabeça, explosões e atropelamentos enquanto perseguia o debochado pássaro Papa-Léguas. Sua sina está diretamente ligada aos produtos defeituosos adquiridos por ele na empresa Acme. Farto, ele agora recebe ajuda do advogado Kevin (Will Forte) para derrubar o conglomerado na Justiça. A sátira para todas as idades quase não viu a luz do dia após ser descartada pela Warner Bros. Pictures, mas sua qualidade única garantiu que outra distribuidora a salvasse. Deu certo: hoje, este é o filme dos Looney Tunes mais elogiado pela crítica.

WARNER BROS. PICTURES

INJUSTIÇADO Coyote e seu advogado: disputa judicial por anos de sofrimento



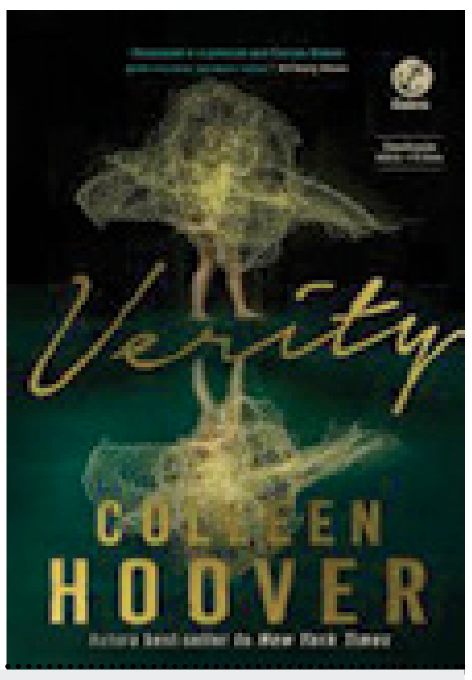
LIVRO

A MULHER NUA,

de Armonía Somers (tradução de Mariana Sanchez; Relicário; 128 págs.; R$ 69,90 e R$ 52,90 em e-book)

Em seu aniversário de 30 anos, Rebeca se despe e corta a própria cabeça — depois, a coloca de volta no lugar. Ela, porém, não é mais a mesma. No vilarejo, sua nudez desestabiliza locais, provocando repulsa e desejos. Publicado em 1950, o romance de estreia da uruguaia Armonía Somers (1914-1994), inédito no Brasil, escandalizou a elite intelectual da época ao unir erotismo, filosofia e toques surrealistas. A prosa ácida foi rechaçada — e, recentemente, redescoberta por uma geração mais aberta às provocações da autora. ■

FICÇÃO



1 **VERITY**
Colleen Hoover [3 | 218#] Galera Record

2 **CRIME E CASTIGO**
Fiódor Dostoiévski [0 | 2#] Várias editoras

3 **GENTE POBRE**
Fiódor Dostoiévski [0 | 1] Várias editoras

4 **O SÉCULO DOS IMBECIS**
Valter Hugo Mãe [0 | 2] Biblioteca Azul

5 **NOITES BRANCAS**
Fiódor Dostoiévski [9 | 34#] Várias editoras

6 **A CABEÇA DO SANTO**
Socorro Acioli [1 | 57#] Companhia das Letras

7 **O MASSACRE DA FAMÍLIA HOPE**
Riley Sager [5 | 24#] Intrínseca

8 **VIDAS SECAS**
Graciliano Ramos [6 | 9#] Record

9 **NUNCA MINTA**
Freida McFadden [0 | 55#] Record

10 **A METAMORFOSE**
Franz Kafka [2 | 34#] Várias editoras

Ines249

NÃO FICÇÃO

TAMARA KLINK
BOM
DIA,
INVERNO

1 **BOM DIA, INVERNO**
Tamara Klink [1 | 15] Companhia das Letras

2 **O PRÍNCIPE**
Nicolau Maquiavel [6 | 139 #] Várias editoras

3 **SOCIEDADE DO CANSAÇO**
Byung-Chul Han [2 | 129#] Vozes

4 **MEDITAÇÕES**
Marco Aurélio [5 | 66#] Várias editoras

5 **O MITO DA CAVERNA**
Platão [0 | 2#] Várias editoras

6 **AOS PÉS DA LETRA**
Gregorio Duvivier [4 | 15] Companhia das Letras

7 **1177 A.C. – O ANO EM QUE A CIVILIZAÇÃO ENTROU EM COLAPSO** Eric H. Cline [3 | 4] Avis Rara

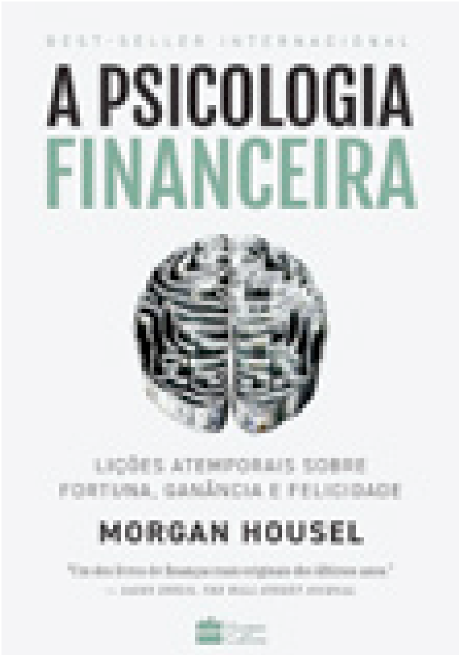
8 **O MITO DE SÍSIFO**
Albert Camus 10 | 9#] Record

9 **ANÁLISE**
Vera Iaconelli [0 | 28#] Zahar

10 **NÓS**
Tamara Klink [0 | 1] Companhia das Letras

Ines249

AUTOAJUDA E ESOTERISMO



1 **A PSICOLOGIA FINANCEIRA**
Morgan Housel [3 | 147#] Harper Business

2 **O PODER DO SUBCONSCIENTE**
Joseph Murphy [2| 37#] BestSeller

3 **A ERA DA ESCUTA**
Thais Jerônimo [0 | 1] Gente

4 **O JESUS QUE AS MULHERES VIRAM**
Rebecca McLaughlin [0 | 1] Mundo Cristão

5 **HÁBITOS ATÔMICOS**
James Clear [4 | 143#] Alta Life

6 **COMO FAZER AMIGOS E INFLUENCIAR PESSOAS**
Dale Carnegie [8 | 208#] Várias editoras

7 **DEIXA PRA LÁ**
Mel Robbins e Sawyer Robbins [0 | 1] BestSeller

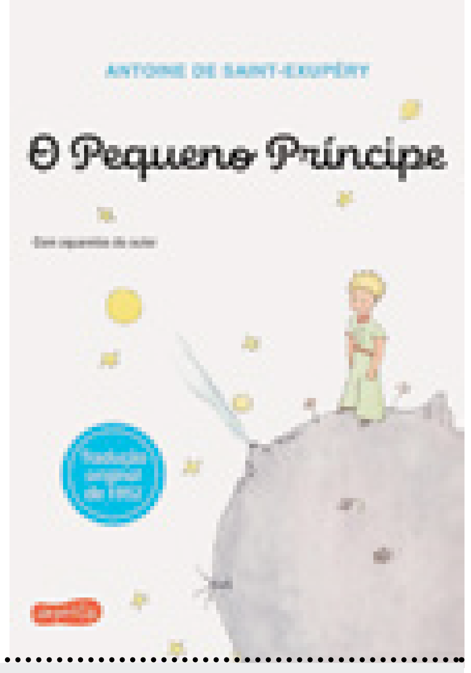
8 **A CORAGEM DE NÃO AGRADAR**
Fumitake Ichiro e Koga Kishimi [5 | 20#] Sextante

9 **CONFISSÕES**
Santo Agostinho [6| 20#] Várias editoras

10 **TODOS SOMOS VENDEDORES**
Alfredo Soares e Allan Barros [0 | 1] Gente

Ines249

INFANTOJUVENIL



1 **O PEQUENO PRÍNCIPE**
Antoine de Saint-Exupéry [1 | 526#] Várias editoras

2 **MELHOR DO QUE NOS FILMES**
Lynn Painter [2 | 105#] Intrínseca

3 **O MEU PÉ DE LARANJA LIMA**
José Mauro de Vasconcelos [0 | 42#] Melhoramentos

4 **O DIÁRIO DE UMA PRINCESA DESASTRADA 4**
Maidy Lacerda [3 | 13] Outro Planeta

5 **O JARDIM SECRETO**
Frances Hodgson Burnett [0 | 4#] Várias editoras

6 **HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL**
J.K. Rowling [4 |509#] Várias editoras

7 **NÃO É COMO NOS FILMES**
Lynn Painter [10 | 44#] Intrínseca

8 **ASSISTENTE DO VILÃO**
Hannah Nicole Maehrer [0 | 37#] Alt

9 **O DIÁRIO DE UMA PRINCESA DESASTRADA**
Maidy Lacerda [6 | 86#] Outro Planeta

10 **O HOMEM-CÃO: JANJÃO ACREDITA – VOL. 14**
Dav Pilkey [0| 1] Companhia das Letrinhas

Ines249

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

Pesquisa: **BookInfo** / Fontes: **Ananindeua:** Leitura, **Aparecida:** Paulus, **Aracaju:** Escariz, Leitura, Paulus, **Balneário Camboriú:** Curitiba, **Barueri:** Travessa, **Belém:** Leitura, Travessia, **Belo Horizonte:** Boa Viagem E-commerce, Contraponto, Disal, Domus, Jenipapo, Leitura, Livraria da Rua, Paulus, Tamoios Distribuidora, Vozes, **Bento Gonçalves:** Santos, **Betim:** Leitura, **Blumenau:** Curitiba, **Boa Vista:** Paulus, **Brasília:** Cultura, Disal, Leitura, Livraria da Vila, Paulus, Platô Passagem Literária, Saraiva, Travessa, Vozes, **Cabedelo:** Leitura, **Cachoeirinha:** Santos, **Campina Grande:** Cultura, Leitura, Paulus, **Campinas:** Candeeiro, Cultura, Disal, Leitura, Loyola, Paulus, Vozes, **Campo Grande:** Leitura, Paulus, **Campos do Jordão:** História sem Fim, **Campos dos Goytacazes:** Leitura, **Canoas:** Mania de Ler, Santos, **Capão da Canoa:** Santos, **Caruaru:** Leitura, **Cascavel:** A Página, **Cássia:** Livraria da Praça, **Caxias do Sul:** Leitura, Paulus, Santos, Saraiva, **Colombo:** A Página, **Confins:** Leitura, **Contagem:** Leitura, **Cotia:** Paulus, **Criciúma:** Curitiba, Santos, **Cuiabá:** Janina, Leitura, Paulus, Vozes, **Curitiba:** A Página, Curitiba, Disal, Domus, Livraria da Vila, Paulus, Telaranha, Vozes, **Embu das Artes:** Livra Livros, **Florianópolis:** Curitiba, Leitura, Livrarias Catarinense, Paulus, Saraiva, **Fortaleza:** Evangelizar, Leitura, Paulus, Saraiva, Vozes, **Foz do Iguaçu:** A Página, **Frederico Westphalen:** Vitrola, **Garopaba:** Livraria Navegar, **Goiânia:** Livraria da Vila, Leitura, Paulus, Saraiva, **Governador Valadares:** Leitura, **Gramado:** Mania de Ler, **Guaíba:** Santos, **Guarapuava:** Paulus, **Guarulhos:** Disal, Livraria da Vila, Leitura, **Ilhabela:** Canoa, **Ipatinga:** Leitura, **Itajaí:** Curitiba, S.A Books, **João Pessoa:** Leitura, Paulus, Saraiva, **Joinville:** Curitiba, **Juiz de Fora:** Leitura, Paulus, Vozes, **Jundiaí:** Livraria da Vila, Leitura, **Lins:** Koinonia, **Londrina:** A Página, Curitiba, Livraria da Vila, Olga – A Livraria da Cidade, **Macapá:** Leitura, **Maceió:** Leitura, Paulus, **Manaus:** Leitura, Paulus, Valer, **Maringá:** Curitiba, **Mogi das Cruzes:** Leitura, Saraiva, **Natal:** Leitura, Paulus, **Niterói:** Leitura, **Palmas:** Leitura, **Paranaguá:** A Página, **Pelotas:** Vanguarda, **Petrópolis:** Vozes, **Poços de Caldas:** Livruz, **Ponta Grossa:** Curitiba, **Porto Alegre:** A Página, Cameron, Disal, Gato Preto, Leitura, Mania de Ler, Paisagem, Paulus, Santos, Saraiva, Sinopsys, Travessa, Viva Livro, **Porto Velho:** Leitura, **Recife:** Cultura, Disal, Jaqueira, Leitura, Paulus, Saraiva, Vozes, **Ribeirão Preto:** Disal, Livraria da Vila, Magazine Luiza, Paulus, Saraiva, **Rio das Ostras:** Tarrafa, **Rio de Janeiro:** Argumento, Disal, Leitura, Leonardo da Vinci, Paulus, Saraiva, Travessa, **Rio Grande:** Vanguarda, **Salvador:** Disal, Escariz, LDM, Leitura, Paulus, Saraiva, **Santa Maria:** Santos, **Santo André:** Disal, Leitura, Paulus, Saraiva, **Santos:** Loyola, Saraiva, **São Bernardo do Campo:** Curitiba, Leitura, **São Caetano do Sul:** Disal, Livraria da Vila, **São João de Meriti:** Leitura, **São José:** A Página, Curitiba, **São José do Rio Preto:** Leitura, Paulus, **São José dos Campos:** Amo Ler, Curitiba, Leitura, Livraria da Cidade, **São José dos Pinhais:** Curitiba, Magazine Luiza, **São Luís:** Hélio Books, Leitura, Paulus, **São Paulo:** A Página, Aigo Livros, Americanas, Athenas Livros, Authentic E-commerce, Bandolim, B307 Livraria e Saúde, Círculo, Cultura, Curitiba, Disal, Emó, Entretempo, Essência, Jefte Livros, Keru Livros, Leitura, Livraria da Alma, Livraria da Vila, Livraria das Perdizes, Loyola, Magazine Luiza, Movimento Literário, Paisagem, Paulus, Provérbios, Santuário, Saraiva, Selecta Livros, Simples, Travessa, Unesp, Vozes, WMF Martins Fontes, **Serra:** Leitura, **Sete Lagoas:** Leitura, **Sorocaba:** Paulus, Saraiva, **Taboão da Serra:** Books2u, Leitura, **Taguatinga:** Leitura, **Taubaté:** Leitura, **Teresina:** Leitura, Paulus, **Uberaba:** Leitura, **Uberlândia:** Leitura, Paulus, **Umuarama:** A Página,
Vila Velha: Leitura, Saraiva, **Vitória:** Leitura, Paulus, **internet:** Amazon, Americanas, Cultura, Curitiba, Leitura, Saraiva, Submarino, Vanguarda

JOSÉ CASADO

NAS SOMBRAS

TRÊS TIROS a menos de dois metros de distância. Disfarçados com capacetes e parecendo entregadores de comida, atirador e cúmplice logo desapareceram. Um vídeo mostra a mulher jovem, em saia branca e blusa bege, cambaleando na entrada do hotel plantado à beira da reserva florestal de Santa Cruz de La Sierra, principal cidade boliviana. Não havia sangue visível, mas, diz a polícia, balas calibre 9 milímetros foram extraídas do pescoço, tórax e braço direito da vítima.

Nadia Beller é uma ativista do Movimento ao Socialismo (MAS), partido que governou a Bolívia por duas décadas até o ano passado. Ela ainda estava no hospital quando seu namorado foi preso no aeroporto, em aparente fuga. O argentino Fernando Cerimedo, 45 anos, foi acusado de contratar a dupla de pistoleiros para matá-la. Seria mais um caso na epidemia de violência contra mulheres, não fossem os vínculos políticos do protagonista dessa história de crime sob encomenda.

Cerimedo é um dos personagens das sombras da política latino-americana, reconhecido prestador de serviços para grupos de extrema direita no Brasil, Argentina, Chile, Bolívia e Honduras, entre outros países. Ganha dinheiro na montagem e operação de tramas de desinformação em massa nas temporadas eleitorais. São enredos com difusão integrada a plataformas de empresas nos Estados Unidos e na Europa que prometem "amplificar narrativas" manipulando os "ecossistemas de influencers" nas redes sociais. Ele também atua na conexão com o movimento de apoio a Donald Trump conhecido como MAGA (sigla em inglês para o slogan "Make America Great Again", que significa tornar a América grande novamente).

Cerimedo é procurado pela polícia brasileira por ter participado na frustrada tentativa de golpe de Estado liderada por Jair Bolsonaro na primavera de 2022. Na sexta-feira 4 de novembro, dias depois de confirmada a derrota do candidato à reeleição na Presidência, ele realizou uma transmissão ao vivo em redes sociais para exibir um "estudo" sobre como "o Brasil foi roubado".

Apoiado numa rede de audiência turbinada a partir do exterior, com registros de até 415 000 "espectadores" simultâneos, devaneou sobre a manipulação de modelos antigos de urnas eletrônicas para desidratar Bolsonaro de votos em benefício do adversário Lula: "As pessoas que votaram com uma máquina *(de fabricação)* anterior a 2020 tiveram, em alguns casos, entre 5 e 80 vezes mais probabilidade de votar em Lula do que em Bolsonaro, uma diferença estatisticamente impossível de justificar".

“Operador da extrema direita preso na Bolívia foi acusado de conspirar no golpe de Bolsonaro”

Ecoava Jair Bolsonaro, que, dois anos antes, iniciara uma campanha de descrédito do sistema eleitoral, sem mostrar uma única prova de fraude no voto eletrônico do qual foi beneficiário — sem uma só queixa — durante um quarto de século de eleições.

Cerimedo se integrou ao grupo de conspiradores na temporada eleitoral de 2022 por iniciativa do então deputado Eduardo Bolsonaro. Sua apresentação ao vivo sobre o “roubo” nas eleições foi elaborada por pessoas vinculadas a um certo Instituto Voto Legal — “nosso pessoal”, na definição do coronel Mauro Cid, ajudante de ordens da Presidência da República. O conteúdo passou pelo crivo do candidato a vice-presidente Walter Braga Netto e do ministro da Defesa, Paulo Sérgio Nogueira de Oliveira.

Dez dias depois, Bolsonaro chamou o chefe da Aeronáutica, Carlos Baptista. Bolsonaro entregou ao brigadeiro Baptista uma cópia do relatório com a “auditoria” do Instituto Voto Legal, divulgada por Cerimedo e financiada pelo caixa do Partido Liberal. O chefe da FAB contou em depoimento ter folheado o papelório, criticado erros de redação e, sobretudo, o ardil usado no texto para enganar o leitor na conclusão sobre fraude. “Sofisma”, nas suas palavras.

Bolsonaro disse ao presidente do PL, Valdemar Costa Neto, para seguir com o enredo. E, assim, o Partido Liberal reivindicou à Justiça uma recontagem de votos estritamente limitada ao segundo turno da disputa presidencial. O recurso foi rejeitado e o PL acabou multado em 22,9 milhões de reais por “litigância de má fé” — o partido usou dinheiro público para sustentar a tese de fraude na votação, foi multado e pagou com dinheiro público. Bolsonaro acabou condenado à cadeia pelos próximos 27 anos.

As suspeitas sobre o sistema de votação continuam sendo difundidas. O porta-voz agora é o candidato Flávio Bolsonaro, do Partido Liberal. Mas, desta vez, o argentino Cerimedo não vai poder ajudar. O homem das sombras está num presídio boliviano. ■

■ **Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de** VEJA

veja São Paulo
COMER & BEBER
30 EDIÇÕES DE CONSAGRAÇÃO E INEDITISMO
Abril

ANUNCIE NO MAIOR ROTEIRO GASTRONÔMICO DE SÃO PAULO

Em 2026, o guia **VEJA SÃO PAULO COMER & BEBER** completa **30 anos** acompanhando, registrando e reconhecendo o que há de mais relevante na gastronomia paulistana. Uma curadoria afiada que valoriza sabores, experiências e o melhor da cena local. **Associe sua marca a esse universo de excelência e tradição.**

MAIS DE 43 MIL EXEMPLARES IMPRESSOS

MAIS DE 500 ESTABELECIMENTOS VISITADOS

DATA DE LANÇAMENTO DA EDIÇÃO

11 / SET

PARA CONHECER TODAS AS POSSIBILIDADES COMERCIAIS ENTRE EM CONTATO COM

publicidade@abril.com.br

PATROCÍNIO

btg pactual
JBS

APOIO

ifood
BADEN BADEN
WORLD CLASS
GEELY
CHANDON

CURSO

JORNADA DE IA PARA RH

DOS DADOS À DECISÃO

Uma formação aplicada para lideranças que precisam conectar IA, People Analytics, cultura e estratégia

AULAS **AO VIVO** | **4 MÓDULOS** ONLINE | MASTERCLASS **HÍBRIDA** | VAGAS **LIMITADAS**

Módulo 1	• Fundamentos e Tendências de IA
Módulo 2	• Aplicações Práticas de IA no RH e Gestão
Módulo 3	• People Insights, Analytics & Gestão Data-Driven
Módulo 4	• Cultura Organizacional e Inovação com IA
Módulo 5	• Masterclass Híbrida: participação online ou presencial

Garanta sua vaga!

Aponte a câmera do seu celular para o QR Code e saiba mais

alura + FIAP
PARA EMPRESAS

VOCÊRH